



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PÓDER E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS

*Santo de casa “faz” milagre:
Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal*

KALIANA CALIXTO FERNANDES

Natal/RN
2012

KALIANA CALIXTO FERNANDES

***Santo de casa “faz” milagre:
Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal***

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, “Cultura, Poder e Representações Espaciais”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

**Natal/RN
2012**

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Fernandes, Kaliana Calixto.

Santo de casa “faz” milagre : Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal / Kaliana Calixto Fernandes. – 2012.

119 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

1. Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986 - Biografia. 2. Espaço pessoal. I. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 929

KALIANA CALIXTO FERNANDES

Santo de casa “faz” milagre: Luís da Câmara Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em comissão formada pelos professores:

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior
(Orientador – UFRN)

Prof. Dr. Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior
(Examinador Interno – UFRN)

Prof. Dra. Margarida de Souza Neves.
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana.
(Suplente – UFRN)

Conceito: _____

Natal, ___ de _____ de _____

Cada tijolinho dessa construção
dedico a minha mãe, Rita de Cássia
Calixto Fernandes.

AGRADECIMENTOS

Quando ainda era bolsista de iniciação científica, durante as reuniões da base de pesquisa da qual eu fazia parte, lembro que uma das primeiras lições que aprendi ao iniciar as minhas leituras sobre o pensamento do filósofo francês, Michel Foucault; e, que revolucionou a minha vida foi a de que nós não somos nada *sozinhos*, isto é, nós só existimos em rede. Para que eu conseguisse concluir o que é para mim muito mais do que a obtenção de um título, é a realização de um projeto de vida. Eu contei com o apoio de uma extensa rede tecida entre familiares e amigos.

Logo, difícil se faz nomear sem me tornar injusta os nomes das pessoas que colaboraram para que eu conseguisse transformar em realidade o meu sonho. Mas, sinto que preciso, ainda que brevemente, agradecer a algumas pessoas. Primeiro a Deus e aos meus guias espirituais, que com certeza me carregaram no colo por diversas vezes durante essa jornada. Em seguida, a minha mainha, que esteve sempre ao meu lado me apoiando com o seu amor incondicional. A minha irmã, Ticciana, que teve uma participação decisiva na reta final do trabalho, tendo sido a responsável por toda a sua formatação. A minha irmã de coração, Franzinha, que com o seu exemplo de vida e amizade sincera me encheu de coragem para seguir adiante. E, aos meus sobrinhos: Brenda e Arthur, que com seu sorriso e carinho tornaram os dias mais cinzas no azul mais radiante que os meus olhos conseguiam enxergar.

Também, gostaria de registrar a participação especial, durante as últimas semanas que antecederam o encerramento do prazo para entrega do texto final do projeto de pesquisa, do meu *dalai lama* - Hermano - com a sua alegria e as suas *empadas* foi mais que um amigo me arrancando estrategicamente da *toca* para me fazer respirar. Destaco, ainda, o meu abraço carinhoso aos amigos: Neto, Saul, Robson, Carlos Magno, Mayara, Diego, Michelle e Elineide. Por fim, não poderia deixar de registrar o meu agradecimento especial ao meu *pai* - o meu professor orientador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que com a sua paciência e generosidade jamais desistiu de mim; sabendo esperar o meu tempo, visto que eu demorei muito até firmar o passo, e a sua confiança em mim me erguiam de cada queda com a energia redobrada.

A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador,
a casa permite sonhar em paz.
Gaston Bachelard.

RESUMO

Partindo do pressuposto teórico de que o sujeito é uma obra de rascunho em permanente *invenção*, os textos biográficos, as memórias escritas por Luís da Câmara Cascudo, entre os anos de 1967 e 1969, foram lidas como parte de uma estratégia discursiva montada pelo memorialista potiguar de construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa, a qual colaborou decisivamente para que o *professor e pesquisador de província*, após o anúncio da sua aposentadoria oficial, em 1968, fosse reverenciado na cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida como o santo de casa que *faz milagre*, ou melhor, como *o padroeiro literário da cidade de Natal*. O nosso trabalho se inicia com uma leitura sobre o modo como o memorialista potiguar selecionou, ordenou e espacializou as suas memórias da infância; problematizando, no capítulo seguinte, os significados atribuídos por Câmara Cascudo a casa no Tirol, transformada em *Principado do Tirol*, onde, residia *o jovem príncipe Cascudinho*; e, se encerra com as memórias do *velho professor aposentado* com o propósito de pensarmos o processo de sacralização da casa, onde o *mestre* Cascudo morou quase quarenta anos de sua vida e produziu grande parte de sua obra, elegendo-a como monumento à sua memória, como à sua própria encarnação, como garantia de sua eternidade e perenidade, como o seu santuário e lugar de adoração, o que vem sendo mantido pelas ações que, ainda hoje, a institucionalizam como sendo o seu espaço sagrado.

Palavras chave: Luís da Câmara Cascudo. Casa. Espaços. Biografia. Memória.

ABSTRACT

Assuming that the subject is a draft work in permanent *invention*, the biographical texts, memories written by Luís da Câmara Cascudo, between 1967 and 1969 were read as part of a discursive strategy created by the “potiguar” memorialist regarding the construction of a self-image profoundly connected to the space of his house, which decisively collaborated so that *the province teacher and researcher* – after announcing his official retirement in 1968 – was revered in the city where he had been born, grown up and lived throughout his whole life and considered as “the prophet of his own country” (or rather, as *the literary patron of Natal*). Our work begins with some reading about the manner as the “potiguar” memorialist selected, ordered and spatialized his childhood memories. In the following chapter, we problematized the meanings assigned by Câmara Cascudo to his house in Tirol - where the *young prince* “Cascudinho” (little Cascudo) used to live - transformed into the neighborhood principality. It finishes with memories from the retired old man with the purpose of making us think about the sacredness process *master* Cascudo’s house has gone through. The space where he had lived for almost forty years of his life and produced a great part of his works, was elected as a monument in his memory, as his own incarnation, as guarantee of his eternity and perennality, as a sanctuary and place of worship and have been kept by the actions that, still nowadays, institutionalize it as his sacred space.

Key words: Luís da Câmara Cascudo. House. Spaces. Biography. Memory.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Foto da família Cascudo feita em estúdio do Recife, em 1907..... | 26 |
| Figura 2: Cascudo e a sua biblioteca..... | 92 |
| Figura 3: Visita de Frei Damião ao mestre Cascudo em 1977 | 98 |
| Figura 4: Anúncio publicado nas páginas do jornal A República, no dia 30 de dezembro de 1984..... | 103 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO: A CASA | 11 |
| CAPÍTULO 1: A CASA, O PRIMEIRO MUNDO DE CASCUDINHO | 21 |
| 1.1 O reino encantado de Cascudinho..... | 24 |
| 1.2 Os filhos da <i>Casa-Grande</i> | 36 |
| CAPÍTULO 2: NA CASA DE MEU PAI | 49 |
| 2.1 O príncipe e o seu castelo..... | 50 |
| 2.2 O mundo <i>fora</i> da casa..... | 66 |
| CAPITULO 3: NA CASA DE CASCUDO | 77 |
| 3.1 O santo de casa..... | 79 |
| 3.2 Os romeiros..... | 95 |
| 3.3 Minha casa de <i>páginas</i> abertas..... | 103 |
| CONCLUSÃO: <i>Minha</i> casa, o meu porto seguro | 108 |
| REFERÊNCIA | 114 |

INTRODUÇÃO: A CASA

*Era uma casa muito engraçada.
 Não tinha teto.
 Não tinha nada.
 Ninguém podia morar nela não.
 Porque na casa não tinha chão.
 Ninguém podia dormir na rede.
 Porque na casa não tinha parede.
 Ninguém podia fazer pipi.
 Porque pinico não tinha ali.
 Mas era feita com muito esmero.
 Na rua dos bobos.
 Número zero¹.*

Ao som da música do poeta Vinícius de Moraes os convido para entrar no reino *encantado* da casa. Gaston Bachelard afirmou que cada um de nós carrega consigo guardado em seu inconsciente a imagem indelével de uma casa sonhada, que não tem nenhuma relação com o espaço empírico. Uma casa que só existe em nossos sonhos. Para vê-la basta fechar os olhos e sonhar. Essa casa pode ser uma casa sem teto. Pode não ter paredes. Nem possuir chão. Porém, quando estamos dentro dela, ela nos parece maior que o mundo. Ou melhor, ela é o nosso mundo.

Gaston Bachelard destacou em sua leitura sobre as imagens poéticas da casa a existência de dois mundos: o mundo *dentro* da casa e o mundo *fora* da casa. A casa seria o nosso primeiro mundo, onde “a vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada²”. A casa seria uma espécie de grande *berço*, onde todos nós somos colocados antes de sermos jogados no mundo *hostil* existente *fora* da casa. Por isso ao pronunciarmos a palavra *casa* as imagens invariavelmente associadas a esse vocábulo estariam ligadas à ideia de proteção, aconchego, felicidade e paz. Isso porque habitar não significa estar abandonado em qualquer lugar do *mundo hostil*. Mas, estar *abrigado* graças ao amparo da *casa*.

¹ De autoria de Vinícius de Moraes, a música - *A casa* - foi lançada em 1980, no álbum *A arca de Noé*.

² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*; (Trad.) Antonio de Pádua Almeida. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 25.

Quando criança o espaço da casa pode não transpor os limites da casa materna, do quintal, de um pedaço de rua, de bairro. No entanto, “para os nossos olhos infantis seu espaço nos parece enorme cheio de possibilidades de aventura. A janela que dá para um estreito canteiro abre-se para um jardim secreto, o vão embaixo da escada é uma caverna para os dias de chuva³”. A socióloga paulista, Ecléa Bosi, em seu estudo clássico sobre a memória de pessoas com mais de setenta anos de idade, observou que muitos dos idosos entrevistados em sua pesquisa a confidenciaram que costumavam sonhar repetidas vezes visitando uma mesma casa.

Essa casa pode ser a casa, onde, o entrevistado viveu a sua primeira infância. Ou então, a sua juventude. A casa para aonde se mudou após conquistar a sua independência financeira. Enfim, a escolha da *casa sonhada* é um processo subjetivo, que está diretamente relacionado aos vínculos afetivos construídos entre o morador e a sua casa. Assim, enquanto, Gaston Bachelard analisa as imagens poéticas da casa de modo universal sem levar em consideração as especificidades históricas da construção dessas imagens pelo poeta. A socióloga paulista busca situar no tempo e no espaço a imagem da casa sonhada por cada um dos seus entrevistados. Não é a nossa intenção analisar os processos cognitivos de construção da imagem da *casa sonhada* na mente do morador. Mas, o de chamar à atenção para existência dessa relação a qual poderíamos nominar de *visceral*, que se constitui entre a casa e o seu morador.

Tudo é tão impregnado de afeto, móveis, cantos, portas, paredes, janelas, que mudar é como perder uma parte de nós mesmos. Muitas vezes demolida para abertura de uma nova rua ou, então, para a construção de novos prédios com finalidades comerciais. Essa casa, apagada da cidade de concreto, permanece indelével na memória do seu morador, sendo o sonho o momento em que o seu morador teria a oportunidade de estar mais uma vez dentro dela; passeando pelos seus corredores; contemplando a paisagem vista da janela; sentindo o cheiro de cada canto; revivendo as emoções sentidas durante o tempo em que viveu nela. O geógrafo Yi-Fu Tuan nos explica que os homens compartilham com outros animais certos padrões de comportamentos em relação ao espaço e ao lugar. Porém, “os dotes humanos incluem órgãos sensoriais

³ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994. p. 435.

semelhantes aos de outros primatas, mas que são coroados por uma capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos⁴”.

Retomando a música de Vinícius de Moraes, cantada na abertura dessa introdução, a casa não precisa ter paredes, teto e chão para existir, pois a casa é o seu morador. Essa foi a ideia central defendida pelo sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, o qual revolucionou os estudos sobre o processo de formação social brasileira, em 1933, ao apresentar a casa como a principal chave de leitura para o entendimento de um tipo específico de homem, a partir de um tipo todo seu de casa. Filho da casa-grande, Freyre defendeu as casas-grandes, casas símbolos do poder do patriarca, como o modelo de casa genuinamente brasileiro que teria fornecido as bases para formação da nossa identidade nacional. A *Casa-Grande* assume o protagonismo da sua interpretação familista do processo de formação social brasileira, segundo a qual essa formação teria tido por centro a família patriarcal proprietária de terras e de escravos, dominadora de agregados, e mais forte que governos ou bispos em sua influência sobre as populações a princípio pré-nacionais depois nacionais.

Os livros: *Casa-Grande & Senzala* (1933), juntamente com *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959) escritos sociologicamente específicos sobre o assunto, inauguram nos anos 30 uma nova versão explicadora para o Brasil, em que a tradição patriarcal aparece como fundadora não só de uma região, como também, de uma nação. O que Freyre buscou afirmar através de todos os seus escritos é que nós vivemos numa sociedade fundada nos valores e nos costumes da casa. Em sua leitura, a casa aparece como um espaço de tradição, que teria vivido o seu auge entre os séculos XVI e XIX, e influenciado decisivamente na formação da nossa identidade nacional, instituindo, em nossa sociedade, uma forma específica de convivência e de vivência entre as pessoas.

O antropólogo Roberto Damatta, também, partilha da ideia de que nós viveríamos numa sociedade fundada nos valores e nos costumes da casa. A partir do conceito de *englobamento* de Louis Dumont - definido como uma operação lógica em que um elemento é capaz de totalizar o outro em certas situações específicas - nos explica, que no caso brasileiro, diante de certos problemas e relações, preferimos

⁴ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. p. 5.

englobar a rua na casa, tratando a sociedade brasileira como se fosse uma grande família, vivendo debaixo de um amplo e generoso teto, obedecendo às leis e seguindo a liderança de quem produz o discurso que é, naquele momento, o nosso *líder* e o nosso *pai*. Essa predominância da lógica da *casa* em nossa sociedade fica mais visível, por exemplo, ao analisarmos o discurso político dos candidatos durante as eleições. Os candidatos vitoriosos são justamente os que apresentam não as melhores propostas políticas, mas os que conseguem transmitir a imagem de *pai* protetor ou de *mãe* zelosa, estando dispostos a carregar no colo e proteger debaixo de sua *casa* os eleitores; transformando os cidadãos em filhinhos carinhosos e obedientes.

A casa seria espaço moral composto por um código específico de conduta, o qual influencia diretamente no modo como as pessoas pensam, sentem e agem. Não se trata de cenários ou de máscaras que um sujeito usa ou desusa; mas, de esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias. Assim, embora existam brasileiros que falam a mesma coisa em todos os espaços sociais o normal - o esperado e o legitimado – é que a casa e a rua demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação de existência em todos os membros da sociedade⁵. Aprendemos desde muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns espaços. O filósofo francês, Michel Foucault, nos explica que o fato de nossa vida ainda se reger por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis. Dicotomias como dadas à partida, entre espaço público e privado, entre espaço familiar e espaço social, entre espaço cultural e espaço útil, entre espaço de lazer e espaço de trabalho. Todas estas oposições se mantêm devido à presença oculta do sagrado⁶.

Ao colocar as casas-grandes como o centro da sua interpretação familista do processo de formação social brasileiro, Freyre defendia da extinção um modelo de sociedade, do qual a sua própria família fez parte. Do mesmo modo, ao problematizarmos a atuação de Câmara Cascudo no processo de sacralização da casa

⁵ DAMATTA, Roberto. *A casa & a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 30.

⁶ FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 413.

onde morou e produziu grande parte de sua obra, nós observamos que o seu apego ao espaço onde a sua esposa nasceu, onde os dois se casaram e tiveram os seus dois filhos vai além da defesa de um espaço impregnado de lembranças. A preocupação de Câmara Cascudo em monumentalizar a casa onde viveu e produziu grande parte de sua obra está, também, relacionada à defesa do tempo em que todos na cidade de Natal viviam embaixo do amplo e generoso teto da *casa do seu Pai* – o coronel Francisco Cascudo.

Ao concluirmos o nosso trabalho nós percebemos que essa relação identitária construída por Câmara Cascudo em relação ao espaço das casas, onde morou durante a infância, a adolescência e idade madura implicou, também, na defesa pelo escritor potiguar de uma determinada concepção de mundo, que determinou não só o modo como o escritor potiguar se relacionou com a sua casa, mas com o mundo e as pessoas a sua volta. Entretanto, é preciso deixar claro que a relação de Câmara Cascudo com o espaço da casa não constitui uma exceção. É a regra. O que nos ajudaria a compreender a permanência de determinadas práticas ditas *enraizadas* em nossa sociedade que faz com que as nossas leis, por exemplo, dificilmente saiam do papel, porque impera a política do *jeitinho brasileiro*, que transforma a todos em *peessoas de casa*; e, que por isso devem ter tratamento especial podendo usar a coisa pública como se fosse particular, de propriedade exclusiva sua e de seus amigos.

Influenciada pela pesquisa que havia feito durante a graduação, como bolsista de iniciação científica, oportunidade em que pude participar do projeto de pesquisa coordenado pelo prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior intitulado *Luís da Câmara Cascudo em “As batalhas contra o Tempo”: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986)*, em que vinculado ao projeto principal desenvolvi o projeto *Luís da Câmara Cascudo e o processo de institucionalização da cultura popular: um estudo sobre a Sociedade Brasileira de Folk-Lore e a Universidade Popular*; o nosso foco inicial não era o espaço da casa, mas o *meio da ladeira*. Partindo da premissa de que Câmara Cascudo, assim como sua casa, situada no *meio da ladeira* da Avenida Junqueira Aires, a qual foi durante muito tempo a única via de acesso entre os dois únicos bairros da cidade de Natal: o bairro da Cidade Alta e o da Ribeira, os quais eram marcados pela existência de uma profunda rivalidade entre eles⁷, teria

⁷ A hostilidade entre eles era tamanha que nenhum morador à noite podia descer ou subir em paz a ladeira da Avenida Junqueira Aires sem correr o risco de ser agredido, vaiado ou apedrejado. Em consequência,

assumido ao longo da vida a função de mediador de realidades distintas, o objetivo principal do nosso trabalho era problematizar a atuação de Câmara Cascudo no interior do movimento folclórico.

Porém, à medida que fomos aprofundando as nossas análises discursivas em relação ao discurso memorialístico produzido por Câmara Cascudo presente em seus diários de memórias, publicados entre os anos de 1968 e 1971, de modo articulado às reflexões teóricas sobre a relação entre o homem e o espaço, a casa de Câmara Cascudo foi conquistando o protagonismo da nossa história. Contudo, de acordo com a perspectiva espacial defendida em nosso estudo, a casa não é uma entidade soberana que se mantenha alheia à nossa vontade. Para apreendermos melhor os significados dessa relação *visceral* que se constitui entre a casa e o seu morador. Nós utilizamos como ponto de partida para nossas reflexões o conceito de *não-lugar* de Marc Augé⁸, o qual pode ser resumido numa única palavra *relação*. Ou seja, para que o espaço se constitua é preciso que haja a sensação de pertencimento. E, essa sensação, não surge do nada. Ela é construída por meio do estabelecimento de vínculos sejam eles afetivos e/ou culturais. Uma casa se constitui basicamente de cimento e concreto, porém o que dá a sua existência é algo intangível. Por isso, “podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas⁹?”

A partir da análise discursiva do discurso memorialístico de Câmara Cascudo presente em seus três diários de memórias: *O Tempo e Eu: confidências e proposições*, publicado em 1968; *O pequeno manual do doente aprendiz: notas emaginações*, escrito durante os meses de agosto de 1967 e abril de 1968; e o *Na ronda do tempo* (diário de 1969), o qual só foi publicado em 1971; o objetivo principal do nosso trabalho é problematizar a relação entre Câmara Cascudo e o espaço da casa no processo de

dessa rivalidade, surgiram às designações *xaria* e *canguleiro*. O termo *xaria* designava os moradores da Cidade Alta, consumidores do peixe xaréu trazido das praias de Areia Preta e Ponta Negra. Enquanto, o termo *canguleiro* fazia referência aos moradores da Ribeira, consumidores do peixe cangulo, que era pescado em abundância pelos jangadeiros do bairro.

⁸ Para apreender melhor o conceito de *não-lugar* ver AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a antropologia da supermodernidade*. 4 ed. Campinas: Papirus, 1994.

⁹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. p. 452.

construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa, onde morou por quase quarenta anos e produziu grande parte de sua obra, a qual foi transformada após o anúncio oficial da sua aposentadoria, em 1968, em lugar de visitação turística na cidade de Natal, ou melhor, lugar de peregrinação de estudantes, políticos, artistas, intelectuais e curiosos anônimos os quais vinham de longe só para estar um instante diante do homem que contrariando o ditado popular, que diz: *santo de casa não faz milagre*, foi canonizado ainda em vida pelos moradores da cidade, onde nasceu e viveu toda a sua vida como o *São Cascudo* – o padroeiro literário da cidade de Natal.

Para pensarmos o processo de transformação da casa, lugar íntimo onde vivia com a sua família em lugar de peregrinação nós selecionamos três autores. O primeiro deles é o geógrafo TUAN, o qual defende a sensibilidade como um caminho para a apreensão do processo de transformação do espaço em lugar. De modo articulado ao conceito de lugar, nós utilizamos o conceito de espaço dado por Michel de Certeau, o qual define o espaço como um lugar praticado. Os dois autores destacam a ação do homem, no processo de construção do espaço. Um homem situado no tempo e no espaço. A partir da leitura do processo de transformação da casa, lugar íntimo, em lugar de memória cuja razão de ser fundamental é “parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais¹⁰”, nós problematizamos a relação *visceral*, que há entre a casa e o seu morador. No entanto, ao contrário do estudo feito por Bachelard, não trabalhamos as imagens da casa para Câmara Cascudo como um ato poético desvinculado do passado; mas, como uma imagem construída a partir da sua produção memorialística.

Baseados nas ideias do filósofo francês, Michel Foucault, o sujeito, em nossa leitura, foi pensado como uma obra de rascunho em permanente invenção. Isso porque o que somos não é algo que precisamos descobrir ou corrigir. O que somos é algo que temos que formar e transformar. A vida não tem em si um sentido prévio e imutável. Somos nós quem selecionamos o que deve ou não ser lembrado. Porém, ao dotarmos a vida de sentido, nós dotamos o tempo e o espaço de significado. Assim, ao atribuir um

¹⁰ NORA, Pierre. *Entre memórias e história. A problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, n 10, p.22.

caráter de imortalidade a sua casa, Câmara Cascudo garantiu a permanência do mito no espaço da cidade. Porém, a sua permanência não veio acompanhada de um conhecimento de sua obra. Mas, de anedotas que espalhadas pela cidade reforçaram a aura mística em torno da sua casa e da sua imagem; sendo ainda hoje visitada por turistas e estudantes que assim como os guias treinados para acompanhá-los, durante a visita guiada pela casa, pouco ou quase nada conhecem sobre o que escritor potiguar leu e produziu durante toda a sua vida. Uma obra que ainda continua a impressionar não pelo seu conteúdo, mas pelo fato de ter sido integralmente feita *dentro* de *casa*, situada longe dos principais centros políticos e culturais.

Contudo, longe de pensarmos o mito como um esquema irracional de representação do cosmo totalmente desprovido de uma lógica que o constitua. O mito foi tomado, em nosso estudo, como uma forma de conhecer e de atribuir significados as coisas que integram o mundo que nos rodeia. Segundo Ernst Cassirer, há uma forma de organização do espaço mítico que é distinta da forma de organização do espaço empírico, que implica numa determinada maneira de organizar e de *orientar* o mundo de acordo com determinados pontos de vistas espaciais, que se distinguem nitidamente e de forma característica do modo como o pensamento empírico realiza a organização espacial do cosmos. “Sabe-se que o espaço da percepção, o espaço da visão e do tato, não apenas não coincide com o espaço da matemática pura, mas também que entre ambos há, pelo contrário, uma divergência generalizada¹¹”. Entre esses dois espaços, ocupando uma posição intermediária singular, Ernst Cassirer apontou a existência do espaço mítico. Esse espaço que “é tão proximamente familiar ao espaço da percepção, quanto é estritamente contrário, por outro lado, ao espaço intelectual da geometria¹²”.

A partir da ideia do antropólogo Roberto Damatta que definiu, no caso brasileiro, a *visita* como uma entidade; e, portanto, sujeita a uma série de rituais solenes e conscientes; nós realizamos a leitura do *ritual de visita* criado e mantido por Câmara Cascudo, o qual transformou a sua casa numa extensão das principais instituições política e culturais da cidade. Com isso a solenidade, os códigos, as regras

¹¹ CASSIRER, Ernst. O mito como forma de intuição – Construção e articulação do mundo espaço-temporal na consciência mítica. In: *A filosofia das formas simbólicas* (II O pensamento mítico). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004. p. 151.

¹² TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. p. 53.

que são características das instituições públicas migram para o interior de sua casa, que passa a ser dividida em dois mundos. Não é só o mundo do doméstico, da família e do escritor, mas também do *homem-monumento*. O que ocorre é um processo de interpenetração entre o público e o privado articulado e mantido por Câmara Cascudo, redefinindo as fronteiras institucionais que separam a casa e a rua.

Contrariando a existência de uma suposta lógica espacial a qual apresenta esses dois espaços como antagônicos, Câmara Cascudo nos mostrou que entre esses dois espaços não há dicotomia, mas continuidade, interpenetração, negociação com instituições e autoridades, sendo essa interpenetração, algo que define o povo brasileiro *tradicionalmente* conhecido pelo seu *jeitinho* de viver. O que em termos práticos, por exemplo, dificulta a eliminação de determinadas condutas que já deveriam ter sido superadas em nossa sociedade, mas que persistem como uma espécie de dogma impossível de ser quebrado, fazendo com que as nossas leis não saiam do papel; e que a máquina administrativa continue a funcionar como nos tempos do império, em benefício dos amigos do *rei*, pois, os nossos políticos se comportam como *reis*, que sem o menor constrangimento usam a coisa pública em benefício próprio.

Câmara Cascudo que sempre mediou realidades - viveu entre o bairro da Ribeira e o da Cidade Alta - entre o povo e as elites. Para quem a casa era sagrada. Entre os anos de 1968 e 1984, se tornou um santo e a sua casa virou o seu templo, o seu santuário, aonde se vai para reverenciar o seu espírito, a sua memória. Uma casa cheia de santos barrocos que passou a ter mais um, o seu morador. Assim, é com enorme prazer que os convido para entrar na minha casa. Ela está dividida em três partes. No primeiro capítulo ou cômodo, nós investigamos a centralidade da casa nas memórias de Luís da Câmara Cascudo, com o propósito de pensarmos os valores e os significados atribuídos pelo memorialista potiguar ao espaço da casa.

No segundo capítulo ou cômodo, nós problematizamos o protagonismo atribuído por Câmara Cascudo *A casa no Tirol*, a quem o memorialista potiguar dedicou não apenas um capítulo de *O Tempo e Eu: confidências e proposições*, mas toda a sua história de um professor de província. Partindo da premissa defendida por Gaston Bachelard de que todos nós temos gravado em nosso *inconsciente* a imagem de uma *casa sonhada* que nos acompanha “durante toda a vida, todo o sonho e devaneio, como

se ela fosse indelével na nossa imaginação¹³”, nós trabalhamos as imagens da *casa sonhada de Câmara Cascudo* não como um ato poético desvinculado do passado, mas como um gesto de escrita. E, finalizamos, no terceiro capítulo ou cômodo, realizando uma leitura do processo de sacralização da casa de Câmara Cascudo entre os anos de 1970 e 1980, pensando as fronteiras institucionais que dividem o espaço público e o espaço privado, não como algo fixo, imóvel, mas em permanente negociação.

¹³ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 68.

CAPÍTULO 1: A CASA, O PRIMEIRO MUNDO DE CASCUDINHO.

*Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado*¹⁴.

Contrariando o ditado popular, que diz: *santo de casa não faz milagre*, a cidade onde nasceu Luís da Câmara Cascudo rendeu-lhe uma série de homenagens pelo transcurso do seu septuagésimo aniversário de vida e pelos seus cinquenta anos de vida intelectual. Em seu diário de memórias - *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*, Câmara Cascudo fez o registro de uma das muitas homenagens recebidas pelo transcurso da data.

Ilma Melo Diniz, presidente da Fundação José Augusto. Dá-me a ler um ofício de 23 deste abril comunicando ter a entidade criado o *Prêmio Nacional Luís da Câmara Cascudo*, no valor de oito mil cruzeiros novos, para o herói que fizer o mais apresentável e decente ramallete com os mata-pastos e marmeiros que espalhei nos tabuleiros culturais da minha província¹⁵. (*grifos do autor*)

Os preparativos para a sua *feira dos setenta*, que aconteceu oficialmente no dia do seu nascimento, isto é, dia 30 de dezembro, se iniciaram cedo, conforme atesta a data do ofício de criação do prêmio nacional Luís da Câmara Cascudo. A festa só terminou no ano seguinte, quando ao retornar de uma viagem feita ao Rio de Janeiro em companhia da sua esposa, Dona Dhália Freire, e de sua neta, Daliana Cascudo, Câmara Cascudo foi surpreendido pela presença de uma placa colocada em sua ausência na porta de entrada da sua casa.

9 de fevereiro – Do lado exterior da porta de entrada encontro uma placa que foi aposta na minha ausência e sobre a qual guardaram cauteloso sigilo.

Aqui, nesta casa, Luís da Câmara Cascudo, com sabedoria e humildade, completou setenta anos de vida intelectual. Homenagem do Rio Grande do Norte. Natal, 30 de dezembro de 1968.

¹⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento dado no dia 12 de dezembro de 1984 ao *jornal Diário de Natal*. Arquivo jornal Diário de Natal.

¹⁵ *Id.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. 2ed. Natal: EDUFRRN, 1998. p. 34.

Fico rezando. *Ostende nobis, Dómine, misericordiam tuam. Et ne nos inducas in tentacionem, sed libera nos a malo. Amém*¹⁶. (grifos do autor)

Essa não foi a primeira vez que a cidade celebrou junto com Câmara Cascudo o seu aniversário. Desde menino o dia do seu aniversário sempre foi uma data festiva para a cidade. Sem desconsiderar o fato de que toda a celebração é única, a festa dos setenta será tomada em nossa leitura como um marco temporal estratégico para se pensar o modo como Câmara Cascudo transformou a sua casa em altar oficial de adoração a sua memória, sendo ainda em vida reverenciado como o padroeiro literário da cidade de Natal, por considerarmos que essa festa marcou não só o transcurso de setenta anos de vida, e meio século de atividade intelectual, mas também, o momento de ruptura de Câmara Cascudo com o *mundo fora da casa*. O encerramento da sua festa com a fixação de uma placa no lado exterior da porta de entrada da sua casa demarca institucionalmente o espaço da sua casa como o símbolo maior da sua presença na cidade.

Nesse capítulo, por meio da análise discursiva dos diários de memórias de Câmara Cascudo, escritos entre os anos 1967 e 1969¹⁷, ou seja, durante o período em que a cidade se preparou e comemorou a sua festa dos setenta, pretendemos investigar a centralidade da casa em suas memórias, com o propósito de pensarmos os valores e os significados atribuídos por Câmara Cascudo ao espaço da casa. O memorialista potiguar publicou o seu primeiro diário de memórias, em 1968, com o título *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. No ano seguinte, Câmara Cascudo publicou *O pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. O diário foi escrito durante os meses de agosto de 1967 e abril de 1968, período em que o doente aprendiz esteve internado no Hospital das Clínicas, da cidade de Natal, para tratamento médico. O primeiro internamento foi recomendado pelo médico da família, o doutor Onofre Lopes, para

¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. 2ed. Natal: EDUFRN, 2008. p. 69. Livre tradução do trecho em latim: Mostra-nos ó senhor, tua misericórdia. E não nos deixei cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

¹⁷ Lembramos que esses não foram os únicos diários de memórias publicados por Câmara Cascudo, mas, para o propósito da nossa análise selecionamos apenas os que foram escritos entre os anos de 1967 e 1969.

check-up investigador, e tratamento de erisipela, além de cura pelo *silêncio revigorador* de uma estafa. O segundo se deu após o seu desmaio durante um almoço familiar no restaurante rústico do hotel Reis Magos.

Acordo carregado para o automóvel, lúcido, mas como se deixasse um banho turco. Grito, protestando, quando o carro ruma ao Pronto-Socorro. Quero minha casa, pijama, rede, sossego. Obedecem, mas minha mulher faz deter-se o veículo na porta de Onofre Lopes. Berreiro vexatório. Onofre deve estar viajando. Finalmente galgo a minha escada. Mudam a minha roupa. Deito-me. Não posso adormecer. Aparece Paulo Bittencourt preocupado, auscultador em punho (...) 24 horas depois, Onofre faz funcionar a sua agressividade fraternal (...) rumo ao Hospital das Clínicas. Mesmo apartamento 203, ocupado em agosto do ano passado, quando sofri esgotamento e a Dama Erisipela me visitou (...) Recomeça o curso do Doente Aprendiz, porque ninguém quer ser profissional na espécie¹⁸.

Já de volta em casa, Câmara Cascudo iniciou a escrita do diário, que a princípio se chamaria *Um ano de minha vida*. Nos aposentos da sua *pequenina biblioteca*, o memorialista potiguar fez o registro de todas as pessoas e dos pensamentos, que o visitaram, em sua casa, durante todo o ano de 1969. O diário foi publicado em 1971, com um novo título: *Na ronda do tempo (diário de 1969)*.

Este é o mais íntimo e confidencial dos meus livros. Além do *O Tempo e Eu* (1968) e do *Pequeno Manual do doente aprendiz* (1969). Terá pequena edição e não se repetirá enquanto eu viver¹⁹. (*grifos do autor*)

A primeira reedição dos seus diários aconteceu, em 1998, mais de dez anos após o seu falecimento²⁰, como parte dos festejos do centenário do seu nascimento. Na ocasião, foram reeditados o seu diário de hospital e o diário de 1969. *O Tempo e Eu* só teve a sua primeira reedição, em 2008, juntamente com os outros dois diários, como parte das comemorações dos cinquenta anos de criação da Universidade Federal do Rio

¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 76-77.

¹⁹ *Id.*, *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 17.

²⁰ Luís da Câmara Cascudo faleceu no dia 30 de julho de 1986.

Grande do Norte. *O Pequeno manual do doente aprendiz* e o seu diário de 1969 já estão em sua terceira edição, ambos foram relançados em julho de 2010.

1.1 O reino encantado de Cascudinho.

Américo de Oliveira Costa, em sua obra, ganhadora do primeiro prêmio nacional Luís da Câmara Cascudo, intitulada *Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio bibliográfico*, a qual foi publicada pela Fundação José Augusto, em 1969, como parte dos festejos da *feira dos setenta*, afirmou ser *raro* encontrar um livro de Câmara Cascudo em que não *aflore* um detalhe, um episódio, envolvendo pessoas e lugares por onde andou; cenas e ocorrências vividas ou ouvidas pelo escritor potiguar durante a sua infância, a sua juventude e a sua velhice. Assim, nada mais *natural* e *lógico*, concluiu o biógrafo do escritor potiguar, que com o acúmulo dos anos todas essas memórias *tendessem* para um *livro único*.

Um pouco mais ou um pouco menos, mas por quase todos os seus livros, o memorialista Câmara Cascudo sempre se denuncia. Raro aquele volume em que não afluam um detalhe, um episódio, uma evocação da infância, da mocidade, da idade madura – o Pai, a Mãe, a Esposa, os Filhos (completados agora, nessa verde velhice, pela graça e a glória dos netos) – os Amigos, lugares por onde andou, cenas e ocorrências que viveu ou de que participou. A proporção que os anos se fossem somando, assim, na passagem do tempo, nada mais natural e lógico que todos esses fatores fossem tendendo para um livro único, a reencontrar, a reagrupar, numa tentativa sistemática, as figuras e as situações do passado perdido²¹.

Quando essa análise bibliográfica sobre Câmara Cascudo foi feita, o memorialista potiguar só havia publicado *O Tempo e Eu*, o qual representa a sua primeira viagem *em companhia do Tempo ao redor de si mesmo*.

Todo o material utilizado nessa viagem foi aparecendo num percurso de setenta anos, *O Tempo e Eu* andando juntos, inseparáveis, vindo a

²¹ COSTA, Américo de Oliveira. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio bibliográfico*. 2 ed. Natal: EDUFRRN. 2008. p. 257.

vida passar com sua multidões (...) Essa história, history and story, de um professor de província valerá unicamente pela simplicidade da exposição²². (*grifos do autor*)

O *Tempo* grafado com a inicial maiúscula para destacar a sua existência soberana diante do homem. *Tempo-cronologia e Tempo-dimensão, nos encontros sucessivos com pessoas e coisas, pensamentos e paisagens, idos e vividos*²³. Uma viagem, que tem um percurso orientado, um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e finalidade. Porém, na medida em que todo o “relato autobiográfico se baseia sempre, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância²⁴”, aceitar esse entendimento emprestado do senso comum de que a vida segue como um rio que corre em direção ao mar, um fluxo linear e unidirecional, é talvez “conformar-se com uma ilusão retórica²⁵”. O *livro único* de Câmara Cascudo não é o resultado *natural e lógico* do acúmulo dos anos, mas sim, parte de um empreendimento autobiográfico, que “conta com a cumplicidade natural do (seu) biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido²⁶”, pois, o tempo da vida humana não é um mero transcorrer. O tempo da vida humana é relato. Dito isso, o presente “se abre para nós como um horizonte temporal significativo²⁷”.

Observe a imagem abaixo. Essa imagem foi publicada na primeira edição do seu *livro único*. Essa foto foi tirada em estúdio do Recife, em 1907. Nela, visualizamos o seu pai, o coronel Francisco Cascudo, como era conhecido na cidade; a sua mãe, Dona Ana Maria Cascudo, ou simplesmente Donana como era chamada por todos, e

²² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. 2 ed. Natal: EUFRN, 2008. p. 32.

²³ *Id.*, *Ibid.*, p. 33.

²⁴ BORDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.) *Usos & abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 184.

²⁵ *Id.*, *Ibid.*, p.185.

²⁶ BORDIEU, Pierre. *Op. cit.*

²⁷ LARROSA, Jorge. Notas sobre Narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.) *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Ed. PUC- RS, 2004. p. 12.

Cascudinho, modo como Câmara Cascudo era carinhosamente chamado, quando criança, pela família e os amigos dos seus familiares.

Figura 1: Foto da família Cascudo feita em estúdio do Recife, em 1907.



Fonte: Acervo *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo.

No canto inferior dessa imagem, com todas as letras grafadas em maiúsculo, foi publicada a seguinte legenda: *MAMÃE, PAPAI E EU*. Além de informar sobre o conteúdo da imagem, a legenda também direciona o nosso olhar em relação ao modo como ela deve ser enxergada. Na legenda, *MAMÃE* e *PAPAI* aparecem numa posição anterior ao filho. Ao direcionarmos, entretanto, o nosso olhar para a foto da família Cascudo, percebemos que *MAMÃE* e *PAPAI*, que haviam sido destacados na legenda, ocupam na imagem um lugar secundário, figurando no máximo como plano de fundo da imagem. Enquanto, *EU* o último nome listado na legenda, ocupa o lugar central da imagem. Esse aparente desalinhamento entre a legenda e a imagem não deve ser tomado,

entretanto, como um sinal de incoerência, mas sim, o que consideramos ser a síntese do modo como Câmara Cascudo selecionou, ordenou e significou as suas memórias da infância, atribuindo à *MAMÃE* e *PAPAI*, não necessariamente nessa mesma ordem, a centralidade das suas memórias. Essa centralidade da família em seu discurso memorialístico reforça a nossa hipótese de centralidade da casa em suas memórias, visto que, para Câmara Cascudo *a casa é a família*²⁸.

O Tempo e Eu está dividido em quatro partes: (1^a) *No rastro das velhas imagens*; (2^a) *A lição do cotidiano*; (3^a) *Compensações e Mistérios*; e, por fim, (4^a) *Aula de bichos*. Cada uma dessas partes subdivide-se em capítulos menores. Para contar essa história, o seu autor pôs de lado “o pormenor das viagens, acolhimento dos famosos, convívio dos grandes, distinções recebidas, visitas carinhosas, relação dos trabalhos (pois) esses passos deixaram rastros na areia”²⁹.

Es morte vont vite ... O Barão de Serra Branca está nesse caso. Naturalmente a família o recordará, mas, ninguém noutra âmbito, saberá da sua vida. Atos, exemplos, mentalidade, alegrias, processos de trabalhar e agir, todos os elementos que constituíram a sua fisionomia moral, estão apagados pelo Tempo, como um velho retrato senhorial, patinado e esquecido, num salão deserto³⁰. (*grifos do autor*)

Es morte vont vite. Traduzido para um português claro e direto: *Morreu, acabou*. Ao perseguir os rastros das velhas imagens para fixar nas páginas do seu *livro único todos os elementos que constituíram a sua fisionomia moral* o que o motivava não era o medo da morte física. Mas, o pavor de ser apagado pela ação do *Tempo*, de ser esquecido como *um velho retrato senhorial* num canto de um *salão deserto*, como foi o caso do Barão de Serra Branca, que *naturalmente a família o recordará, mas ninguém noutra âmbito*. No entanto, ao mesmo tempo, em que a escrita é pensada como um gesto de vida, que o imortaliza diante do *Tempo*, também, não descartamos o seu parentesco

²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura: ensaio de etnografia geral*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973. p. 169.

²⁹ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 32.

³⁰ *Id.*, Barão de Serra Branca. *Revista Genealógica Brasileira*. Ano 7, n 14, 1946. p. 6.

com a morte, na medida em que “a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência³¹”.

O memorialista potiguar iniciou a sua viagem no *Tempo* com a descrição e a localização, no espaço da cidade de Natal, da casa onde nasceu.

Nasci na rua Senador José Bonifácio, que ninguém sabia em Natal quem fora. Toda a gente dizia rua das Virgens, no bairro da Ribeira. Sou, pois, canguleiro. A casa tinha duas janelas e uma porta, posteriormente numerada 212. Hoje, inteiramente modificada, pertence à firma Amaro Mesquita³².

A história do professor de província é narrada no tempo em que *a luz elétrica vinha com a lua cheia*. No tempo de uma Natal dividida, entre dois bairros: o bairro da Cidade Alta, colina onde a cidade foi fundada, no dia 25 de dezembro de 1599; e o bairro da Ribeira, região às margens do Rio Potengi, onde o comércio se desenvolvia³³. Veríssimo de Melo afirmou que nenhuma tradição era mais impressionante na cidade de Natal do que a tremenda rivalidade existente entre os moradores desses dois bairros. A hostilidade entre eles era tamanha que nenhum morador à noite podia descer ou subir em paz a ladeira da Avenida Junqueira Aires, ladeira que fazia o acesso entre os dois bairros, sem correr o risco de ser agredido, vaiado ou apedrejado. Em consequência, dessa rivalidade, surgiram às designações *xaria* e *canguleiro*. O termo *xaria* designava os moradores da Cidade Alta, consumidores do peixe xaréu trazido das praias de Areia Preta e Ponta Negra. Enquanto, o termo *canguleiro* fazia referência aos moradores da Ribeira, consumidores do peixe cangulo, que era pescado em abundância pelos jangadeiros do bairro.

Natal do meu tempo, 30 mil habitantes, iluminação a querosene, e, como dizia o poeta Jorge Fernandes: *a luz elétrica do meu tempo vinha com a lua cheia*. Era com a lua cheia que vinha a luz elétrica do meu tempo. A luz elétrica, desde 11. Nenhum transporte. Em 8, o bonde a burro, o bonde puxado a duas parelhas. Natal era dividida em dois bairros, Cidade Alta e Ribeira, não tinha outra coisa. E o pessoal da Cidade Alta era chamado *Xaria*, comedor de xaréu. E o pessoal da Ribeira era *Canguleiro*, comedor de cangulo. Eu sou canguleiro da

³¹ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Veja, 2000. p. 36.

³² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 37.

³³ *Id.*, *História da cidade do Natal*. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1947. p. 189-191.

Ribeira, bairro onde nasceu Ferreira Itajubá, Pedro Velho, João Café Filho ... Todos nós nascemos na Ribeira³⁴. (*grifos do autor*)

Na crônica: *Minha viagem pela cidade de Natal*, publicada pelo jornal *A República*, no dia 17 de abril de 1959, Câmara Cascudo, 65 anos depois, visitou todas as casas onde morou na cidade de Natal, desde o momento em que nasceu até o dia em que comprou a sua casa própria. Ao final da crônica, ele afirmou: *Nunca residi no Alecrim*. O bairro do Alecrim, que no princípio era um local representado por uma região de quintais e sítios, onde era explorada a atividade agropecuária, só foi criado, em 1911, quando foi desmembrado do bairro da Cidade Alta. Os bairros da Ribeira e da Cidade Alta são bairros históricos, cuja história de criação e desenvolvimento é a história da própria cidade. A análise discursiva do seu discurso memorialístico nos mostra não só a centralidade da casa em suas memórias da infância, como também, do espaço da cidade de Natal, sendo representado como o único espaço onde ele nasceu, cresceu e morou toda a sua vida. Uma história de vida narrada a partir da história da própria cidade, que assim como ele, permanece aos seus olhos, sempre *provinciana*.

No capítulo - *As mais antigas reminiscências*, o canguleiro da Ribeira lembrou as suas casas da infância.

As minhas mais antigas reminiscências? Morávamos num sítio na atual Rio Branco, na Ribeira, no trecho inaugurado, em 1935, quando derrubaram o muro da vila Barreto que interrompia a ligação. A casa grande e de taipa, ficava numa elevação, aclive da encosta, cheia de árvores. Vizinho Seu Lino, vendendo banhos, frente para a atual Sachet. Aí morreu minha irmã. Lembro-me do caixãozinho azul, muitas flores. E uma vaga recordação de uma criança muito alva, gordinha, loura, com olhos azuis. Também de uma cutia mansa que morreu por ter roído um lápis azul-encarnado³⁵.

Cascudinho é o terceiro filho do casal. Os dois primeiros, Maria Otávia e Antônio Haroldo, faleceram no município de Caicó, interior do Estado do Rio Grande do Norte, onde, o seu pai era delegado militar. Por volta de 1890, Francisco Cascudo

³⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Trecho retirado do depoimento dado por Câmara Cascudo, no dia 12 de dezembro de 1984, ao *jornal Diário de Natal*, para compor uma série em sua homenagem. Arquivo do jornal Diário de Natal.

³⁵ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 153.

recomendado pelo chefe do poder político local, Luís Pereira Tito Jácome, ao governador Pedro Velho, se transferiu com a sua esposa para a cidade de Natal, com o propósito de seguir a carreira militar. Já em Natal nasceram: Cascudinho e Maria Severina, *que trouxe os olhos azuis paternos, falecida em março de 1903, com um ano e três meses. Todos sucumbiram da mesma enfermidade, crupe, garrotilho, difteria*³⁶.

Entre os anos de 1898 e 1913, identificamos o registro de cinco casas, onde, o escritor potiguar diz ter morado, quando criança³⁷. A análise discursiva das memórias que compõem o seu *livro único* não nos permite precisar o tempo de permanência da família Cascudo em cada uma delas, nem tão pouco, o momento exato em que se deu a transferência de uma residência para a outra. O que, no entanto, não comprometeu o objetivo do nosso estudo. Para efeitos de análise nós cruzamos as memórias do seu *livro único* com as memórias escritas por Câmara Cascudo, em tempos distintos, as quais se encontram espalhadas nos prefácios dos seus livros, em artigos de revistas e jornais de circulação local e nacional, a fim de projetarmos numa linha imaginária do tempo as casas em que o escritor potiguar morou durante a sua infância, com o propósito de estabelecermos entre elas uma sucessão.

Em 1904, estávamos na rua do Comércio, 44, no sobrado, primeiro andar com o janelório posterior para o rio Potengi, e sótão, meu dormitório. Dois ou três navios da Marinha de Guerra ancoravam em suas águas verdes. Numa noite, acenderam os holofotes, varrendo a cidade com os bruscos e luminosos jatos ofuscantes. Pânico! Fim do mundo! O povo da Ribeira, principalmente das Rocas, derrubou as portas da capela do Bom Jesus, gritando: - Misericórdia! Mamãe e as empregadas rezavam, chorando, ante o oratório. Fizeram-me dizer: - Deus Santo! Deus Forte! Deus Imortal! Porque sendo inocente, Deus ouviria a súplica, afastando o cataclisma. Meu pai jogava pôquer com o governador Tavares de Lyra. Regressando, rindo, explicou o fenômeno, para os meus trêmulos seis anos³⁸...

Na linha imaginária do tempo traçada por nós essa é a quarta casa, onde a família Cascudo morou. A primeira casa é a casa onde Cascudinho nasceu que, abre,

³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 37.

³⁷ O período de permanência da família Cascudo na casa situada no bairro do Tirol será analisado separadamente, no capítulo seguinte.

³⁸ *Id.*, *Ibid.*, p. 154.

conforme já mencionamos anteriormente, o seu relato autobiográfico. Essa casa representa o marco zero da sua história, identifica, onde estão plantadas as suas raízes na cidade. Em seguida, a família Cascudo mudou-se para uma casa grande e de taipa, onde, faleceu a sua irmã, Maria Severina, e uma cotia mansa, por ter roído um lápis azul-encarnado. Dessa casa, a família se transferiu para uma *casa ilustre*, localizada na praça Augusto Severo. *Casa ilustre porque nela residiram Pedro Velho, Tavares de Lyra e Ferreira Chaves, todos três governadores do Estado e Senadores da República*³⁹, correspondia aos números 264 e 266. Ao que parece, a família Cascudo permaneceu menos de um ano na *casa ilustre*, pois, em 1904, ao relembrar o *episódio dos holofotes*, que espalhou pânico entre os moradores da cidade, as lembranças sobre esse episódio foram localizadas no sobrado, nº 44, da Rua do Comércio.

No prefácio do seu livro *Jangada: uma pesquisa etnográfica*, Câmara Cascudo afirmou ter morado no sobrado da Rua do Comércio de 1905 a 1910⁴⁰. Nas páginas da revista carioca *Fon-Fon*, Câmara Cascudo descreveu o seu sobrado da Rua do Comércio como um prédio velhíssimo, de largas e fortes paredes de *Castelo roqueiro*. Conta que apesar dos esforços de sua mãe para alegrar o ambiente, a casa conservava um ar pesado e úmido. Câmara Cascudo diz que vivia com um medo perpétuo da treva que envolvia o ambiente. O seu pavor era tanto, que ele atravessava os salões da casa correndo, para ir abrigar-se no sótão, o seu pouso e miradouro, onde passava horas olhando o rio com as pernas agarradas pela ama.

Nós morávamos na Rua do Comércio, num prédio velhíssimo de largas e fortes paredes de Castelo roqueiro. Apesar dos esforços de minha mãe, a casa conservava o ar pesado e humido de um corredor claustral. Espelhos, *bibelots*, berredengues e pechisbeques nas portadas e panelas, eram perfeitamente inúteis para alegrar, com o brilho das cores claras, aquele ambiente freirático de convento ou fortaleza. Eu vivia com medo perpétuo da treva e dos manhodos. Atravessava a correr os salões. O lado posterior da casa dava para o Potengy. Meu pouso e miradouro era no sótão. Ali passava horas olhando para o rio com as pernas agarradas pela ama⁴¹. (*grifos do autor*)

³⁹ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. Minha viagem pela cidade de Natal. *Jornal A República*. Natal, 17 de abril de 1959.

⁴⁰ *Id.*, *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: MEC. 1957. p. 3.

⁴¹ *Id.*, Pedro Velho. *Revista Fon-Fon*. Ano XVI, no 36. Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1922.

No capítulo em que Câmara Cascudo narrou as suas mais antigas reminiscências, além das casas da infância, encontramos o registro de uma história curiosa, contada pelo povo da cidade de um rapaz *ébrio* ou *louco*, que teria sido amaldiçoado por ter ferido a própria mãe com esporadas.

Contavam nesse 1903 que um rapaz em Minas Gerais ébrio ou louco ferira a própria mãe com esporadas. Por castigo tivera o corpo coberto de pêlos negros, tornando-se um macacão. Essa figura, mentalmente ampliada no plano agressivo, apavorou-me. No carnaval houve um carro alegórico que me afirmavam representar o monstro ou ser ele mesmo. Quando o carro passou diante de nossas janelas tive uma crise de terror convulsivo e berrante, agarrando-me à minha mãe e criadas, enrolando-me, (naquele tempo era possível) no abrigo das numerosas saias. Tinha cinco anos guardei o medo⁴².

A lenda do macacão não foi esquecida. É provável que o *medo perpétuo* de Cascudinho das trevas, que envolviam o prédio velhíssimo da Rua do Comércio esteja relacionado ao medo que sentia, quando menino, do *macacão*. No entanto, ao descrever a mesma casa em seu *livro único* o ar pesado e úmido que envolvia o ambiente foi apagado e o prédio velhíssimo foi descrito apenas como *um sobrado que tinha um primeiro andar, com janelório posterior para o rio Potengi, e sótão onde era o seu dormitório*. Para entender o modo como Câmara Cascudo significou o espaço das suas casas de infância, é preciso atentar para o sentido que o memorialista potiguar atribuiu à palavra pai, grafada sempre com a inicial maiúscula - *Pai é proteção física, custódia defensiva, guardião da existência, vigilância pela manutenção material*⁴³.

Uma das grandes aptidões do meu pai quando rapaz era desencantar alma do outro mundo. Aparecendo uma visagem, amortalhada em branco, vagando pelos arredores das últimas ruas, espavorindo os notívagos, fatalmente meu pai ocultava-se em pontos estratégicos, horas mortas da noite, para a perseguição assombrosa. Carreiras olímpicas, esgotando a resistência do espectro, alcançado, derrubado, subjugado, identificado⁴⁴.

⁴² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 153-154.

⁴³ *Id.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 38.

⁴⁴ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 230.

Ao significar as suas memórias da infância a imagem da casa é construída de forma articulada aos significados atribuídos por Câmara Cascudo à palavra pai, ou seja, como um espaço de proteção, onde, nem mesmo o macacão o apavorava mais. Aliás, proteção física e material. Do Sobrado da Rua do Comércio a família Cascudo segue para a residência da campina da Ribeira. Essa é a última casa lembrada em *O Tempo e Eu*. Dessa casa, a família parte para a casa do Tirol.

A residência da campina da Ribeira, onde se ergue o Grande Hotel, era a mais espaçosa de Natal. O quintal valia uma chácara. Imensos jambeiros sombreavam ampla área onde realizavam piqueniques os sócios da Associação dos Empregados no Comércio. Meu primo Simplício Cascudo participava da diretoria. Meu pai mandara despejar debaixo dos jambeiros toneladas de areia branca dos morros. Era uma delícia, mas, de princípio apareceram os bichos de pé, ou pulga de bicho, com abundante agressividade. Aguavam as areias com certos *preparados*, mortais para as pulgas de cachorro. Ali se movimentou minha casa de madeira, armada sobre rodas⁴⁵. (*grifos do autor*)

O menino que nasceu numa casa alugada - 10\$ mensais, como podia pagar um tenente do Batalhão de Segurança⁴⁶, mas que teve como padrinhos de batismo, o governador do Estado, na época, Joaquim Ferreira Chaves, e sua esposa Dona Alexandrina Barreto Ferreira Chaves, em fins de 1910, se transfere com a sua família para a maior casa particular do bairro da Ribeira, comprada pelo seu pai “de João Avelino Pereira de Vasconcelos, (por) 12.000\$. Compreendia mais da metade do quarteirão”⁴⁷. As causas do rápido enriquecimento e da posterior decadência do coronel Francisco Cascudo serão objetos de análise do próximo capítulo. Por hora, o que nos interessa destacar é a fortuna acumulada pelo seu pai, que o permitiu oferecer ao seu único herdeiro uma infância de rei, onde os seus pais e os amigos do seu pai não poupavam esforços para agradá-lo.

Meu pai e seus amigos enchiam-me de presentes, trazidos do sul ou mandados vir da Europa. Um desses, Valentim de Almeida, deslumbrou-me com vinte caixas de soldados de chumbo, de

⁴⁵ CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p.55.

⁴⁶ *Id.*, Minha viagem pela cidade de Natal. *jornal A República*. Natal, 17 de abril de 1959.

⁴⁷ *Idem*.

Nuremberg. O industrial Delmiro Gouveia mandou para mim uma estação ferroviária, com toda aparelhagem mecânica, inclusive o triângulo de reversão. Um mundo colorido e vistoso, girando automático. Mas, brincava sozinho⁴⁸.

Proibido de brincar na rua como as outras crianças, pelos seus pais, Câmara Cascudo constrói para si a imagem de um menino *doente, magro, pálido, enfermiço*, que cresceu cercado de dietas e restrições clínicas. Em o *Pequeno Manual do doente aprendiz*, Câmara Cascudo evocou “os remédios do (seu) *Tempo-menino*, engolidos sob a ameaça de chinela ou promessa de brinquedos⁴⁹”. (*grifos do autor*)

As crianças da minha geração, pelo menos nas cidades, gozavam o direito de brincar (...) entendiam que o menino que não brinca é doente⁵⁰.

Um menino que não corria, não saltava, não brigava. Jamais manobrou velocípede, carro, bicicleta. Nunca pisou em areia, nem andou descalço. Sem companheiros de folia. Brincava com meninas.

Fui menino magro, pálido, enfermiço. Cercado de dietas e restrições clínicas. Proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria. Não saltava. Não brigava. Nunca pisei areia nem andei descalço. Jamais subi a uma árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento encanado! Brincava com meninas. Um quarto cheio de brinquedos para exercício sedentário, tudo ou em cima de uma mesa de mármore, que ainda possui⁵¹.

Sentado num cadeirão de braços, Câmara Cascudo contou que “ficava horas e horas imóvel, com o livro na perna viajando na imaginação⁵²”.

⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 55

⁴⁹ *Id.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 55.

⁵⁰ *Id.* *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 56.

⁵¹ *Id.*, *Ibid.*, p. 49.

⁵² *Id.*, *Ibid.*, p. 57.

Em casa lia, lia, lia, revistas, álbuns de gravuras, viagens, curiosidades, os desenhos de Benjamin Rabier, apresentando os animais cômicos em sua naturalidade, sem deformá-los em caricaturas irresistíveis, como faria Walter Disney. Vieram dezenas de livros de estórias infantis. As vozes das amas subiam, de força mágica, abrindo as cavernas miríficas de dragões, princesas, cavaleiros valentes, animais falando, findando em casamento e presente de doces que a narradora perderia, escorregando e caindo⁵³.

A imagem do menino *fujão* construída no prefácio do seu livro *Jangada* contrasta com a imagem do menino *magro, pálido, enfermiço*, que viveu toda a sua infância dentro de casa, sentado num cadeirão de braços com o livro nas pernas viajando na imaginação.

O cuidado da minha mãe era evitar que o filho morresse afogado. Vivia eu fugindo para ir pescar morés a mão ou agarrar baiacus coçando-lhes a barriga para que estufassem. Ia ao Canto da Praticagem e mesmo ao Canto do Mangue nas Rocas⁵⁴.

Nas memórias da sua infância vivida de modo *despreocupado e livre* no alto sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte⁵⁵, as quais originaram inclusive o livro *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte*, publicado em 1939, também, foram apagadas da história do professor provinciano que nasceu, cresceu e viveu os setenta anos da sua vida em sua Natal provinciana.

Vivi nesse meio. E deliciosamente. Cortei macambira e xique-xique para o gado nas secas. Banhei-me nos córregos no inverno. Esperei a cabeça dos rios nas enchentes. Desengalhei tarrafas nas pescarias dos poços. Dei *lanços* nos açudes. Cacei mocós e preás nos serrotes. Subi nas *esperas* de ema sob juazeiros. Persegui tatus de noite, com fachos e cachorros amestrados. Matei ribaçã a pau e colhi-as nas aratacas⁵⁶.
(grifos do autor)

⁵³ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 50.

⁵⁴ *Id.*, *Jangada: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: MEC. 1957. p. 3.

⁵⁵ Entre os anos de 1910 e 1913, Cascudinho em companhia da sua mãe, foi morar no alto sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte, para curar-se de uma tentativa de tuberculose.

⁵⁶ *Id.*, *Vaqueiros e cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000. p. 8.

Gaston Bachelard ao analisar as imagens universalmente associadas ao espaço da casa observou que a casa representa o primeiro mundo do ser humano, onde, “a vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa⁵⁷”. Ao significar as suas memórias da infância a imagem da casa é construída de forma articulada às palavras patrimônio e proteção, substantivos utilizados por Câmara Cascudo para significar a palavra pai. Um reino encantado, onde o *rei* Cascudinho podia ser e ter o que a sua imaginação sonhasse. Esse foi o primeiro e único mundo onde Câmara Cascudo viveu, e de onde jamais quis fugir.

1.2 Os filhos da *Casa-Grande*.

A partir dos significados atribuídos por Câmara Cascudo às palavras *Pai* e *Mãe* nós pretendemos problematizar o significado da centralidade da casa observada em relação ao modo como o memorialista potiguar espacializou as suas memórias da infância, a qual será lida não como um traço exclusivo da sua personalidade, mas como um valor partilhado por homens que nasceram em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX: por aqueles a quem chamaremos de *os filhos da Casa-Grande*. No primeiro capítulo, do seu *livro único* intitulado *Nasce um menino*, Câmara Cascudo o inicia com a localização e descrição da fachada da casa onde nasceu, a qual indica, conforme analisamos no item anterior, onde estão plantadas as suas raízes no espaço da cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida. É o nascimento do *menino canguleiro*. O menino que jamais se fantasiou de menina. O primeiro filho macho do coronel Francisco Cascudo, por isso, quem aparece em suas memórias como o protagonista da cena do seu parto é o seu pai, que na época era tenente do Batalhão de Segurança do Estado. É a aflição do tenente Francisco Cascudo que foi destacada e justificada no parágrafo anterior ao relato do dia do seu parto, pois, já havia perdido

⁵⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*; (trad.) Antonio de Pádua Almeida. 2 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 25.

dois filhos, Maria Otávia e Antonio Haroldo, para a difteria quando ainda era delegado militar no município de Caicó.

A parteira foi a velha Bernadina Nery, falecida nas Rocas em 25 de agosto de 1922, com 82 anos. Apanhara mais de 800 crianças. Meu pai era tenente do Batalhão do Segurança e pagou dois mil réis. Passeando aflito, pelo corredor, ouviu meu choro e perguntou:
 - Homem ou mulher?
 - Ele veste calças, respondeu Mãe Bernadina.
 Nunca me fantasiei de menina nem mesmo o saio kilt em festa escocesa⁵⁸.

Cascudinho nasceu no dia 30 de dezembro de 1898, meia hora depois do apito da “Fábrica de Tecidos, de seu Juvino Barreto, (que) apitava às cinco horas *para soltar os operários*⁵⁹”. (grifos do autor). Além do nome da parteira *experiente* que o trouxe ao mundo, Câmara Cascudo, também, registrou no capítulo inicial do seu *livro único*, que quando criança teve ama de leite, *Joana Modesto, morta com mais de 100 anos, em 11 de abril de 1953 como pensionista no hospital Miguel Couto*⁶⁰; e, que foi criado por Benvenuta de Araújo, “Utinha, tão citada (em seus) livros, casou madura e morreu de parto⁶¹”. Nas memórias selecionadas por Câmara Cascudo para (re) compor o dia do seu nascimento a sua mãe, Donana Cascudo, foi citada apenas quando se referiu a escolha do seu nome, pois, devido a uma promessa feita por ela o seu nome deveria ter sido *Luis de França*, mas o seu pai *vetou* o de França, por causa de um soldado desse mesmo nome *muito rixento e cachaceiro* que havia no quartel.

Minha mãe fizera promessa para dar-me o nome de Luís de França, mas meu pai vetou o *de França*, por causa de um soldado desse nome, muito cachaceiro e rixento no quartel⁶². (grifos do autor)

⁵⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 39.

⁵⁹ *Id.*, *Ibid.*, p.40.

⁶⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 39.

⁶¹ *Op. cit.*, p. 39.

⁶² *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 40.

A sua esposa Dona Dhália Freire, que também nasceu em Natal através das mãos da mesma parteira que fez o parto de Cascudinho, conta que o seu marido nasceu *umbilicado*, isto é, com o cordão envolvido no pescoço; o que segundo a tradição lhe asseguraria uma vida feliz⁶³. Porém, em relação ao dia do seu nascimento, Câmara Cascudo se limitou a informar o valor pago pelo seu pai à parteira experiente que realizou o seu parto; e, a registrar os nomes da sua ama de leite e da mulher que o criou. Para apreendermos melhor os significados da narrativa do dia do seu nascimento, nós selecionamos o discurso etnográfico produzido por Câmara Cascudo presente em seu livro *Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*, no qual o etnógrafo potiguar trabalhou por doze anos, feito exclusivamente a partir do que viu e ouviu durante as suas viagens⁶⁴. Nele, nós destacamos para nos auxiliar em nossa leitura as notas etnográficas sobre a origem do *primeiro abrigo*; do *primeiro lar* e da *família* na história da humanidade.

Num jogo semântico complexo que articula o verbo *ter* ao *ser*, o etnógrafo potiguar destacou em sua nota etnográfica sobre a origem do primeiro abrigo que *as cidades crescem, mas o homem da cidade almeja tanto o seu apartamento como o camponês a sua residência*⁶⁵. Porém, ao tratar das origens do primeiro lar afirmou: *antes de o homem ter o homem é*⁶⁶. A casa é construída através do seu discurso etnográfico como um espaço de tradição, por isso respeitá-la é um *dogma*.

Dentro e fora da casa existem tradições velhíssimas que se dissipam num lugar e resistem noutra. Não há, entretanto, outra paragem em que a dignidade humana tenha mais alta expressão orgulhosa de domínio. Respeitar a casa é um dogma. A casa é a família e as heranças antepassadas, presentes, vivas, atuantes⁶⁷.

⁶³ CASCUDO, Dhália Freire. Dom Luís, o príncipe do Tirol. In: LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. Natal: Ed. UFRN, 1999. p. 91.

⁶⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento dado, em outubro de 1984, ao *jornal Diário* de Natal para compor uma série em sua homenagem. Arquivo do jornal Diário de Natal.

⁶⁵ *Id.*, *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. p. 169.

⁶⁶ *Id.*, *Ibid.*, p. 275.

⁶⁷ *Id.*, *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. p. 169.

A casa é uma tradição que se transmite hereditariamente de pai para filho. A casa é a família. Mas, não uma família composta por *MAMÃE* e *PAPAI* conforme a legenda da foto da família Cascudo escolhida para compor a primeira edição do seu *livro único*, mas, uma família centrada na figura do *Pai*, o *dono dominador* de todas as *coisas domésticas*.

A imagem das coisas reunidas na família, espirituais e materiais, são chamadas domésticas, de domus, a casa, a morada. O dono da casa, da família, dos servos, é o dominus, senhor, dom, Sir. Para Virgílio era sinônimo de esposo, marido, cônjuge. Enfim, o dono dominador⁶⁸.

Por isso, *possuímos uma impressão pessoal de soberania e euforismo quando dizemos “minha casa”*⁶⁹. (grifos do autor). A casa indica onde estão plantadas as raízes da família. O fato de ter vivido em várias casas durante a infância não elimina o seu orgulho diante de cada uma delas, pois o que lhe dá vida não é a sua estrutura física composta basicamente de cimento e concreto, mas o nome do seu *Pai*. A casa onde nasceu adquire significado em sua narrativa autobiográfica, pois foi a casa onde nasceu o filho do coronel Francisco Cascudo. O menino que jamais vestiu saias. Quem deu a luz a Cascudinho não foi a sua mãe, Donana Cascudo. Mas, o seu *Pai*, quando o *registrou Luís da Câmara Cascudo para perpetuar a tradição nascida com (o seu pai) e o mano Manuel*.

Cascudo não denomina realmente minha família paterna, constituída dos Justino de Oliveira, Gondim. Ferreira de Melo e Marques Leal. Meu avô Antônio Justino de Oliveira, (1829-1894), filho de Antônio Marques Leal, (1801-1891), vindo do português do mesmo apelido, era, nos últimos anos, chamado *o velho Cascudo*, pela devoção ao Partido Conservador, também, com essa alcunha. Dois filhos, Francisco (1863-1935) e Manuel (1864 -1909), tiveram a ideia de juntar o Cascudo ao nome (...) Meu pai viu morrer três filhos crianças e apenas o terceiro, Luís, sobreviveu. Registrou-o Luís da Câmara Cascudo, para perpetuar a tradição, nascida com ele e o mano Manuel⁷⁰.

⁶⁸ *Id.*, *Ibid.*, p.275.

⁶⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p.275.

⁷⁰ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 41.

A centralidade da casa em suas memórias é a centralidade do seu *PAI*, o que implica na defesa dos valores de uma sociedade que viveu o seu auge entre os séculos XVI e XIX⁷¹, centrada na figura do *Pai*, do *dono dominador* de todas as *coisas* domésticas, o que justifica a ausência da sua mãe, não só na narrativa do dia em que Cascudinho nasceu, mas de toda a sua narrativa autobiográfica. Em seu *Pequeno manual do doente aprendiz*, ao refletir sobre os significados das palavras *pai* e *mãe*, o doente aprendiz, *porque ninguém quer ser profissional nessa espécie*⁷², sentado em sua poltrona do apartamento 203, do Hospital das Clínicas, localizado na cidade de Natal, articulou o significado da palavra *Pai* à palavra *Patrimônio*, ambas grafadas com inicial maiúscula.

O Pai é proteção física, custódia defensiva, guardião da existência, vigilância pela manutenção material. Quando Patrimônio é a disponibilidade econômica. Matrimônio é a união conjugal criadora⁷³.

Por isso, ao narrar o dia do seu nascimento Câmara Cascudo fez questão de registrar que foi o seu *Pai* quem pagou pelos serviços de Mãe Bernadina, informando inclusive o valor que o seu pai havia desembolsado pelo prestação do serviço. Enquanto, a palavra *mãe* apresenta uma existência condicionada ao *matrimônio*, ou seja, ao desempenho dos seus papéis de mãe e esposa. A sua mãe não é descrita como a *rainha do lar*, nem como a *dona da casa*. Donana Cascudo foi uma mulher *de* sua casa, o *de* denota origem. Ao exaltar as qualidades de sua mãe, Câmara Cascudo nos mostra que a rua é um espaço masculino e que a mulher deve se limitar ao espaço da casa, cumprindo a sua vocação de mãe e esposa com *amor*.

Foi como ela dizia, mulher *de* sua casa, a família, o jardim, os pássaros, os quatro K da esposa alemã, cozinha, igreja, criança e roupa (...)Manteve seu lar com interesse, atenção carinhosa, cumprindo a missão humilde, modesta, recatada, das velhas damas de outrora.

⁷¹ A sociedade patriarcal em nossa leitura foi definida a partir do estudo feito pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre.

⁷² *Id.*, *Ibid.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 77.

⁷³ *Id.*, *Ibid.*, p. 38.

Amava o seu pequeno mundo e nunca passou das emoções do cotidiano⁷⁴. (*grifos meus*)

Sem murmurar, como fez a sua mãe, que mesmo no declínio econômico do marido, *não murmurou queixas, nem (fez) confidências*, tendo se desfeito de quase todas as suas joias para ajudar ao *seu Chico*.

Nunca me falou desse sacrifício. Tinha um sorriso triste quando via, na missa uma jóia no peito, orelhas, braços ou dedos da mulher de um credor impaciente de seu Chico, como ela chamava meu pai⁷⁵.

Para ele *as verdadeiras mães eram seres sagrados, obras de Deus na terra, que as enviou com a missão de cuidar e educar os seus filhos*⁷⁶. Desse modo, ser mãe não é algo determinado pela presença de um gene específico na composição genética de algumas mulheres, nem tampouco algo que possa ser aprendido culturalmente, apesar dele destacar o papel das mães e das avós na transmissão desses valores a suas filhas e netas. Mas, sim, como algo anterior ao matrimônio que se manifesta na oportunidade do lar, o que justificaria a ausência dos personagens femininos no enredo de sua vida. Uma biografia composta por personagens quase que exclusivamente masculinos, com histórias de ex-cangaceiros; coronéis falidos; políticos; poetas; repleta de causos contados pelo seu pai. E, como a casa é uma tradição que se transmite de *Pai para filho* é o seu avô *paterno* quem aparece em sua história de um professor de província para marcar a sua origem ligada a imagem do patriarca *temido* e ao mesmo tempo *venerado* por todos da cidade, que do alto do seu cavalo não temia o estado, nem a polícia, nem as leis, porque a lei era a sua palavra.

Meu avô paterno, Antonio Justino de Oliveira (1829-1894), era de feição reservada e grave, mas sempre tinha suas saídas bem humoradas. De uma feita, em Teixeira ou Patos, na Paraíba, indo de jornada, subiu o cavalo na calçada para falar a um amigo. Um guarda municipal apareceu, solícito, pedindo desculpas ao seu major, mas avisando-o de haver incorrido numa multa de dois mil réis, trepando o

⁷⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 47.

⁷⁵ *Id.*, *Ibid.*, p. 47.

⁷⁶ *Id.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 38

animal na área da calçada residencial. Meu avô não discutiu. Estendeu as duas notas de dois mil réis, explicando com aquele ar circunspecto de juiz de audiência: - Está aí a multa de hoje. E pago também a outra, porque depois de amanhã passarei por aqui e o cavalo vai subir a calçada de novo...

E deu d'esporas, pela estrada⁷⁷...

Nos versos do poeta Manuel Bandeira, contemporâneo de Câmara Cascudo, nascido no Recife, no dia 19 de abril de 1886, também, identificamos a centralidade da casa na forma como o poeta pernambucano selecionou, ordenou e significou as suas memórias da infância. Uma infância vivida na rua onde está localizada a casa do seu avô materno, Antônio José da Costa Ribeiro; grande proprietário de terras, advogado e político. O espaço da rua aparece em suas memórias da infância, mas, quem protagoniza as suas memórias é a casa de seu avô, expressão concreta do *Recife da sua infância*. *Recife morto. Recife bom. Recife brasileiro*.

Recife
 Não a Veneza americana
 Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
 Não o Recife dos Mascates
 Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
 - Recife das revoluções libertárias
 Mas o Recife sem história nem literatura
 Recife sem mais nada
 Recife da minha infância
 A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
 e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas
 (...)
 Recife ...
 Rua da União...
 A casa de meu avô...
 Nunca pensei que ela acabasse!
 Tudo lá parecia impregnado de eternidade
 Recife...
 Meu avô morto.
 Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô⁷⁸.

⁷⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 105.

⁷⁸ O poema- *Evocação ao Recife* - foi publicado por Manuel Bandeira, em 1930, em seu livro - *Libertinagem*.

Escrito em 1925, o poema *Evocação do Recife*, integra a obra *Libertinagem*, cuja primeira edição data de 1930. Na verdade, esse foi um poema encomendado pelo sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre, para figurar no *livro do Nordeste* (1925), que estava sendo organizado por ele em comemoração ao centenário do *Diário de Pernambuco*. Para esse número Freyre pediu a colaboração de artistas de diversas áreas, entre eles, Manuel Bandeira, para quem foi pedido um poema sobre a sua infância vivida no Recife. Considerado um dos principais intérpretes do Brasil, Gilberto Freyre nasceu no dia 15 de março de 1900. *Menino de engenho*, as suas memórias mais doces da infância estão localizadas no engenho de São Severino do Ramo de propriedade de parentes de sua família, onde costumava passar temporadas quando menino. O Ramo foi o primeiro engenho que Freyre conheceu quando tinha de oito para nove anos de idade. Esse foi o *primeiro mundo encantado* de Freyre e de onde o sociólogo pernambucano jamais quis sair. Por meio de todos os seus escritos Freyre buscou fixar a *paisagem canavial* como a *mais brasileira das paisagens*.

Da paisagem que *Minha formação* evoca não há exageros em dizer-se que é a mais brasileira das paisagens: a do canavial; a do trópico úmido, onde o canavial desenvolveu-se a primeira civilização que deu expressão mundial ao Brasil; e que foi a civilização do açúcar; a do engenho; a da casa-grande; a da senzala; a da capela do engenho; a do rio a serviço dos engenhos⁷⁹. (*grifos do autor*).

Em companhia do amigo e herdeiro do engenho de Japaranduba, Pedro Paranhos, Freyre regressou ao espaço onde estão localizadas as suas mais doces lembranças da infância; e registrou nas páginas do seu livro *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil* (1937), o rastro de destruição e morte deixado pelos usineiros na *mais brasileira das paisagens*, que ao contrário do senhor de engenho, não demonstraria nenhum respeito pela mata, pelos animais, pelos rios, nem tampouco pelos trabalhadores, os quais viviam em condições miseráveis, restando-lhes apenas a lembrança dos bons tempos do Nordeste *verde*, das relações açucaradas entre o senhor de engenho e a sua imensa legião de agregados.

⁷⁹ FREYRE, Gilberto. *Oh de casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979. p. 64.

Tempo em que o Nordeste era uma grande e única família liderada pela venerada e, ao mesmo tempo, temida figura do patriarca.

Casa-Grande & Senzala poderia ser considerado extensão de autoanálise pessoal que se tornara análise social: de busca de um tempo em grande parte perdido e procura de um tempo social total que devesse ser encontrado não só por um indivíduo como por um povo⁸⁰.

Considerado um clássico da historiografia brasileira, em dezembro de 1933, Freyre publicou o seu primeiro livro - *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Nele, Freyre esboçou o que ele chamou de *sociologia da casa*, o qual passou a ser usado desde então em todos os seus escritos como principal chave de leitura para a sua interpretação familista da história da formação social do Brasil. Freyre defendeu a ideia de que há uma casa brasileira - casa de residência - desenvolvida através dos tempos, que marca a existência histórica do Brasil, que é muito menos criação de arquitetos eruditos ou de artistas individuais do que expressão coletiva, anônima de um ajustamento, a princípio português, colonial, depois brasileiro, pré-nacional, de um sistema familiar de organização social ao seu ambiente e as suas funções⁸¹.

As casas-grandes, residência dos senhores de engenho, são apresentadas em seu estudo como o modelo genuinamente brasileiro de casa, capaz de nos possibilitar compreender através da sua leitura simbólica o *mais que social, íntimo, no comportamento de uma gente e nas suas relações – acrescente-se com um tipo expressamente seu de casa*⁸². A *Casa-Grande*, residência dos senhores de engenho, assume o protagonismo da sua interpretação familista do processo de formação social brasileira, segundo o qual essa formação teria tido por centro a família patriarcal proprietária de terras e de escravos, dominadora de agregados, e mais forte que governos ou bispos em sua influência sobre as populações a princípio pré-nacionais depois nacionais. *Casa-Grande & Senzala*, juntamente com *Sobrados e Mucambos*

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Oh de casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem*. p. 38.

⁸¹ *Id.*, *Ibid.*, p. 43.

⁸² *Id.*, *Ibid.*, p.20.

(1936) e *Ordem e Progresso* (1959) escritos sociologicamente específicos sobre o assunto, inauguram nos anos 30 uma nova versão explicadora para o Brasil, em que a tradição patriarcal aparece como fundadora não só de uma região, como também, de uma nação.

No dia 17 de janeiro de 1935, o jornal *A República* anunciou que o “dr. Câmara Cascudo” após longos meses de pesquisas e buscas em arquivos e cartórios, além de ter estudado a própria região, havia terminado “um interessantíssimo estudo sobre a chamada Casa de Cunhaú, fundada por Jerônimo de Albuquerque, o primeiro capitão mor do Rio Grande do Norte”. Câmara Cascudo provavelmente deve ter iniciado a escrita do seu livro *Casa de Cunhaú: história e genealogia*, em fevereiro de 1934, o qual, conforme indica as datas presentes nas notas do seu último capítulo, deve ter sido concluído, ao menos em sua maior parte, no dia 28 de março do mesmo ano. Contudo, ao que parece, os originais do livro foram perdidos pelo seu autor, os quais só foram encontrados em dezembro de 1999, treze anos após a sua morte, por sua neta, Daliana Cascudo, que os encaminhou ao conselho editorial do Senado Federal, que “dando continuidade à divulgação de obras de relevante importância para a compreensão da história política, econômica e social de nossa Pátria⁸³” os publicou, em 2008, numa edição prefaciada por Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão, descendente direto do fundador da *Casa de Cunhaú*.

Assim como Gilberto Freyre, que atribuiu à Casa-Grande, símbolo do poder do patriarca, o protagonismo da história da formação social brasileira, o historiador potiguar através de uma narrativa historiográfica em que a precisão da informação histórica foi complementada pelas lendas contadas pelo povo da região, (re) construiu a genealogia da família do primeiro capitão-mor da capitania do Rio Grande de modo articulado aos principais acontecimentos históricos registrados pela historiografia do Rio Grande do Norte, atribuindo a sua história um caráter de continuidade, visto que a Casa de Cunhaú foi apresentada como o elemento que forneceu as bases para a formação da história não só da região onde ela se localizava, como também, do Brasil;

⁸³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Casa de Cunhaú: história e genealogia*. Prefácio, notas e quadro genealógico e glossário de Paulo de Albuquerque Maranhão. Brasília:Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. p. 13.

e, ao mesmo tempo, de eternidade, através da narração das lendas contadas pelos moradores da região sobre os descendentes da família Albuquerque Maranhão.

É a mais estranha e sugestiva figura da Casa de Cunhaú. Em toda a zona agreste do Rio Grande do Norte não há quem lhe desconheça o nome e não saiba uma façanha sua. Quase oitenta anos depois de sua morte, ainda o povo lhe cita o nome com respeitoso supersticioso. Indicam todos os recantos de sua morada, os caminhos percorridos, os crimes, a coragem, o arrojo irreprimível. Hoje como a meio século após o seu passamento, todos os trabalhadores de dois municípios açucareiros só aludem a sua pessoa com um vagar amedrontado, dando invariavelmente o tratamento oficial, “O Brigadeiro Arco Verde” ...⁸⁴

Descrito como um *autêntico barão feudal*, o historiador potiguar não escondeu o seu fascínio diante da história do último senhor do engenho de Cunhaú, que assim como o seu avô paterno, *o velho Cascudo, não temia a Lei, nem o Imperador, nem a Polícia, nem o gabinete ministerial, nem os inimigos, nem vinganças, nem ódios*⁸⁵.

Tinha originalidade e sestros. Ficava furioso com quem batia a porteira do Cunhaú. Deviam-na segurar até encostá-la, evitando a pancada. Muitas vezes mandou amarrar o descuidado e a pesada porteira batia sobre a vítima. Por certo furto, obrigava as negras a subir nas árvores de espinho. Sofria duma constante dor de ouvidos, possivelmente otite, e, no acesso, quem falasse alto ou gritasse tinha a língua aparada ou os dois lóbulos das orelhas cortados. O lugar predileto dos sacrifícios era a Ladeira do Suspiro, entre Cunhaú e Tamatanduba. É mal-assombrada e corria sangue pelo barro como se fosse água de chuva. Ainda hoje, nas noites de luar, sendo quinta para sexta, a Ladeira do suspiro está cheia de sons, cochichos, gemidos e soluços⁸⁶.

Ele assim descreve o espaço desse engenho: situado *num declive. A parte mais alta é a casa-grande. Segue-se a capela e, na baixa, perto do rio Piquiri, o engenho com sua roda d'água. Esta era a terra encantada*⁸⁷... A casa-grande que na época da

⁸⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Casa de Cunhaú: história e genealogia*. p. 77-78.

⁸⁵ *Id.*, *Ibid.* p.78.

⁸⁶ *Id.*, *Ibid.* p. 84.

⁸⁷ *Id.*, *Ibid.* p. 90.

visita feita por Câmara Cascudo era um *sombrio casarão de taipa, comprido e feio*⁸⁸, foi descrita pelo historiador potiguar como *um encanto para os olhos*.

A casa-grande de Cunhaú, célebre desde o século XVII, lugar de luxo espantoso, sede da suprema elegância, palácio dos mais ricos latifundiários do Rio Grande do Norte, morada de André de Albuquerque o fidalgo hospedador de Henry Coster, o lar de cem escravos para servir, a morada das baixelas de prata, das camas confortáveis, das toalhas de linho franjado, o feudo do pomposo Brigadeiro Arco Verde, devia ser um encanto para os olhos⁸⁹ ...

As obras - *A Casa de Cunhaú* e *Casa-Grande & Senzala* - ambas escritas no mesmo período nos mostram a defesa de um modelo de sociedade fundada nos valores da casa, onde, a casa é o centro da vida familiar, social, política, econômica e cultural. A casa é o espaço onde se nasce, criado pelos empregados da casa que se tornam *quase* da família, como é o caso da ama de leite e da mulher que o criou ambas citadas em seu relato autobiográfico. Mais, que um espaço onde estão localizadas histórias de família, a casa define o seu morador. Indica a sua linhagem, por isso não há expressão maior de *soberania* e *euforismo* quando dizemos minha casa.

Diante da vista do apartamento 203, o memorialista potiguar afirmou em seu *Pequeno manual do doente aprendiz: a fisiologia da Visão não explica o olhar*⁹⁰. *O Tempo não existe*⁹¹. *Cada coisa significa o que queremos que signifique e não o que realmente vale e constitui*⁹². Mesmo tendo nascido numa casa *alugada* na cidade. Sem jamais ter pisado em areia. Os *filhos da casa-grande* fixaram no tempo o passado glorioso de seus antepassados, através da construção de explicações sociológicas, etnográficas que complementadas por poesias, romances, contos, crônicas eternizaram na história a casa como algo orgânico, que *veio com o homem antes que ele tivesse noção de tempo e de sua medida*, tendo sido inclusive para mantê-la que *nasceu o*

⁸⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Casa de Cunhaú: história e genealogia*. p. 89.

⁸⁹ *Id.*, *Ibid.*, p.88.

⁹⁰ *Id.*, *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 15.

⁹¹ *Id.*, A visão imóvel. *jornal Diário de Natal*. Natal, 13 dezembro de 1947.

⁹² *Idem*.

*costume, a lei, o Estado, e a civilização como um desdobramento útil do reino doméstico, primeiro e último na emoção do homem*⁹³.

Porém, para apreendermos os significados do recorte temporal feito por Câmara Cascudo para construção da sua narrativa autobiográfica centrada nos valores de uma sociedade fundada na casa, nós precisamos articular esse topos de suas memórias, ao momento histórico de descentralização da casa na sociedade brasileira, vivido notadamente nos anos 30, momento em que se tem início a publicação desses escritos regionalistas de evocação a casa, como um drama pessoal vivido, ao fato de, nesse mesmo período, o escritor potiguar ter presenciado e sofrido as consequências da falência financeira do seu pai, que será objeto de análise do nosso próximo capítulo.

⁹³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. p. 648.

CAPÍTULO 2: NA CASA DE MEU PAI

*Saudade é como um caminho da memória
acompanhado pela imaginação,
desenhando e redesenhando os contornos da vida
já vividos ou apenas sonhados⁹⁴.*

Ivone Gebara.

Na edição especial da revista *Província*, publicada pela Fundação José Augusto, em 1968, para marcar no calendário cultural do estado do Rio Grande do Norte os setenta anos de vida e os cinquenta anos de atividade literária de Câmara Cascudo, nós identificamos entre os depoimentos selecionados para compor essa edição, o testemunho dado por Jaime dos Guimarães Wanderley, que detendo a prerrogativa de ter partilhado com Câmara Cascudo o que foi descrito em *O Tempo e Eu* como o período áureo de sua história de vida, fixou nas páginas da revista *Província*, o que foi mapeado pelo historiador Francisco Firmino Sales Neto⁹⁵, como a segunda definição identitária de Câmara Cascudo e seu segundo vínculo com a cidade de Natal: a de príncipe do Tirol.

Motivado pela grande fortuna que o cel. Francisco Cascudo desfrutava, pelo alto conceito de que gozava nas rodas políticas do Estado, em meio às quais a sua palavra e suas ações sempre decididas e claras valiam por uma credencial de força, Cascudinho ficou sendo conhecido por *Príncipe do Tirol*. Uns assim o chamavam por amizade e admiração, pois ele era portador das simpatias e da estima dos natalenses. Outros, porém, os despeitados, diziam criticando, chacoteando-o, vomitando a bÍlis de sua irreverência, por não conseguirem, nem ao menos, atingir-lhe os calcanhares⁹⁶. (*grifos do autor*).

⁹⁴ GEBARA, Ivone. *O que é saudade?* São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção primeiros passos). p. 15-16

⁹⁵ SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. Francisco Sales Neto. Natal, 2009.

⁹⁶ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2, 1968. p. 29.

No capítulo anterior, nós vimos que a centralidade da casa em suas memórias foi lida como um valor partilhado por homens que viveram a sua infância em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX, os quais através de seus escritos buscaram fixar o passado glorioso de seus antepassados. Nesse capítulo, com o objetivo de avançarmos em nossa leitura sobre a centralidade da casa em suas memórias, nós pretendemos problematizar o protagonismo atribuído por Câmara Cascudo *A casa no Tirol, a quem* o memorialista potiguar dedicou não apenas um capítulo de *O Tempo e Eu: confidências e proposições*, mas toda a sua história de um professor de província, a fim de pensarmos sobre qual é a imagem da *casa sonhada* por Câmara Cascudo. Partindo do pressuposto defendido por Gaston Bachelard de que todos nós temos gravado em nosso *inconsciente* a imagem de uma *casa sonhada* que nos acompanha “durante toda a vida, todo o sonho e devaneio, como se ela fosse indelével na nossa imaginação⁹⁷”, nós buscaremos trabalhar as imagens da *casa sonhada* de Câmara Cascudo não como um ato poético desvinculado do passado, mas como um gesto de escrita.

O que não significa dizer que essa imagem construída discursivamente por meio da colagem de pedaços de memórias seja menos real do que a captada por meio da fenomenologia da imaginação pura tal como o fez Gaston Bachelard, pois, “todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar de pé⁹⁸”. Como principais fontes historiográficas, nós selecionamos: o testemunho dado por Jaime dos Guimarães Wanderley à revista *Província*; e o primeiro diário de memórias de Câmara Cascudo - *O Tempo e Eu: confidências e proposições*, ambos publicados em 1968.

2.1 O príncipe e o seu castelo.

⁹⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. p. 68.

⁹⁸ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*; (Org.) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; (trad.) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; GUEDES, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 104.

O que é saudade? Ivone Gebara, autora de um livro sobre o tema, nos explica que saudade pode ser muita coisa e é difícil explicá-la de uma única maneira. Precisamos dar voltas, entrar pela poesia, pelas canções, pelas imprecisas narrações da memória para detectá-la; e, assim mesmo, apenas indiretamente. Isso porque ao tentarmos explicá-la para outras pessoas como sensação ou como memória a saudade já não é mais plenamente saudade. Ela passa a ser objeto de reflexão, de composição, de percurso intelectualizado, pois, o tempo da narração da saudade não é o mesmo tempo de sua irrupção nos recônditos da alma humana, mas é o tempo do discurso saudoso⁹⁹.

A saudade não narra uma história em forma cronológica com a precisão do historiador ou de alguém que se lembre de um verso aprendido na infância. Cada narração é uma interpretação. Pois, tudo depende do momento e das pessoas que ouvem a história de nossa saudade. Desse modo, a saudade tem o poder de nos trazer de volta o passado, mas um passado modificado, embelezado, ou melhor, *encantado*, expressão recorrente no discurso memorialístico produzido por Câmara Cascudo, o qual costumava repetir, desde o anúncio de sua *aposentadoria oficial*, em 1968, durante as suas inúmeras entrevistas concedidas a jornais e revistas de circulação local e nacional, que jamais havia *abandonado o caminho que leva ao encantamento do passado*¹⁰⁰.

Em fins de 1913, o coronel Francisco Cascudo comprou ao arquiteto Herculano Ramos, por 20,000\$, a Vila Amélia no Tirol, região de chácaras e quintais. Nesse mesmo ano, Cascudinho juntamente com *MAMÃE* e *PAPAI*, conforme ordem indicada na legenda da foto da família Cascudo, escolhida para compor a primeira edição de *O Tempo e Eu: confidências e proposições*, se transferiram para a Vila Amélia, que passou a se chamar *Vila Cascudo*, tendo lá permanecido até o ano de 1932, quando um credor impaciente de seu pai resolveu cobrar em juízo uma dívida de menos de 60 contos de réis, o que implicou na perda da Vila Cascudo, hipotecada pelo seu pai por 30,000\$¹⁰¹.

⁹⁹ GEBARA, Ivone. *O que é saudade?* p. 28-29.

¹⁰⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Depoimento dado ao jornal *Diário de Natal* para compor uma série em sua homenagem, o qual foi publicado e republicado inúmeras vezes, desde 1984, como parte das celebrações do seu aniversário de vida, o qual permaneceu sendo comemorado mesmo após o seu falecimento no dia 30 de julho de 1986.

¹⁰¹ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 61.

Numa fonte citada na biografia escrita pela neta do coronel Francisco Cascudo, Anna Maria Cascudo Barreto, que consiste na publicação do trecho de uma carta escrita por Teódulo Câmara, no dia 19 de fevereiro de 1932, destinada a Adauto Câmara, é possível percebermos o drama vivido pela família Cascudo ameaçada de ser despejada da casa onde moram.

O velho Cascudo tem andado doente e me consta que o Dr. Varela, seu médico assistente, não dá muito pela vida dele. Isto devido a questão dele com Babini está sendo desumano com Cascudo. Levou a questão a juízo. Tudo que Cascudo possui, a casa com todos os terrenos e demais dependências, avaliados em 150 contos, vai à praça, para Babini se apossar de 56 ou 58 contos. Ontem ou anteontem houve o primeiro pregão. Nesse dia foi o aniversário de Donana e Cascudo esteve bem mal! Pobre Cascudo! Tenho tido muita pena dele. Penso que não haverá quem possa ficar com a chácara dele...
Natal, 19 de fevereiro de 1932¹⁰².

Quase quarenta anos após ter sido *expulso* do seu *paradise lost*, no capítulo intitulado *A casa no Tirol* de *O Tempo e Eu, o príncipe do Tirol*, em companhia do *duque da floresta*, Jaime dos Guimarães Wanderley, abriu com a sua *chave inútil todas as portas do (seu) antigo lar paterno*, onde, *outrora retumbaram hinos! E, fundou-se o Principado do Tirol, com toda hierarquia aristocrática, reuniões mensais com frios requintados e as combinações ingeríveis, imaginadas pelo João Cirineu Vasconcelos, Monsieur Le Comte de Babois*¹⁰³. Segundo nos confidenciou o *jovem príncipe*, em 1969, ao escrever o seu terceiro diário de memórias, isso só foi possível porque *as velhas residências do tempo dos Vice-Reis* ao contrário dos apartamentos, *cimentos em planos tecnicamente ostensivos*, *cujas paredes não testemunham sucessões nem histórias, possivelmente estória, no History but Story, Sir, resistem sem jamais pender, rachar, nem desmoronar até a demolição*¹⁰⁴.

¹⁰² Trecho da carta escrita por Teódulo Câmara. Fonte: BRITO, Raimundo Soares de. *Uma viagem ao arquivo epistolar de Adauto Câmara*. Ed. Fundação José Augusto, 1981. In: BARRETO, Anna Maria Cascudo. *Coronel Cascudo: o herói oculto*. Natal: EDUFRN, 2010. p. 147.

¹⁰³ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 61.

¹⁰⁴ *Id.*, *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 39.

Popularizou-se de tal maneira a alcunha que, um dia, Câmara Cascudo resolveu congregar alguns amigos mais afeiçoados e criar definitivamente, o PRINCIPADO DO TIROL, cujos títulos de nobreza recaíam nas de Aduauto Câmara, *Grã Duque Chanceler*; João Cirineu de Vasconcelos, *Conde de Babois*; Jaime dos G. Wanderley, *Duque da Floresta*; Hermes Caldas, *Marquês do Alecrim*; Clóvis Benevides, *Camareiro-Mor*; Getúlio Soares, *Barão da Vitória Régia*¹⁰⁵.(grifos do autor)

Através do poder mágico que a saudade nos dá de nos trazer de volta ao presente o tempo jamais passado, Cascudinho reaparece diante dos nossos olhos trajando *terno branco, talhado pelos melhores alfaiates da cidade, sapato de duas cores (branco e marrom) gravata de seda negra, espetada por uma pérola de alto custo*¹⁰⁶ defronte ao *largo portão da Rodrigues Alves*. Um dos portões que davam acesso aos domínios territoriais de sua extensa propriedade, a qual *abrange três quartas partes do quarteirão entre as avenidas Campos Sales e Rodrigues Alves, Apodi ao fundo e à frente Jundiaí, onde tinha o número 93*¹⁰⁷. Desse portão se podia avistar um estábulo de vacas holandesas e a estrebaria do seu cavalo Cossaco, *cavalo castanho, elegante, esquipador*¹⁰⁸, com *testeira de metal espelhante* que o seu pai fizera vir do Rio Grande do Sul.

Com apenas um sinal o *príncipe do Tirol* chamou um dos nove empregados do seu principado, que prontamente apareceu com o seu cavalo devidamente selado. Montado no alto de seu lombinho, como determina a tradição, o jovem príncipe apontou para os balaústres mandados colocar pelo seu pai no muro que cercava toda a propriedade. Em seguida, nos levou para conhecer o pomar composto por árvores de frutos raros. Além de cajueiros e mangueiras, os quais no momento da nossa visita estavam sendo podados por um técnico italiano. A seguir nos conduziu até o jardim da casa de seu pai, onde nós conhecemos a sua mãe, Donana Cascudo, que empolgada nos mostrou a sua coleção composta por mais de cinquenta variedades de dalias, além de jasmims do cabo, resedás e bogaris *cujo odor penetrante* fez o príncipe suspirar.

¹⁰⁵ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2, 1968. p.29-30.

¹⁰⁶ *Id.*, *Ibid.*, p. 28.

¹⁰⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 60.

¹⁰⁸ *Id.*, *Ibid.*. p.239.

Não se contendo de orgulho e admiração por estar mais uma vez na casa de seu pai, o príncipe do Tirol descreveu minuciosamente os detalhes de cada canto do interior de seu castelo: os tetos forrados em fundo de masseira; as paredes da sala de entrada pintadas à óleo com grinaldas e florões pelo pintor espanhol Rafael Fuster; os lustres de cristal; a mobília que pertencera ao senador Pedro Velho, de jacarandá entalhado, composta por sofás imensos e cadeirões fofos. Sem parar um instante de falar, nós percorremos as duas salas de visitas; os dois salões de jantar; um grande banheiro resplandecente; os nove quartos de hóspedes. Além das novas ampliações construídas pelo seu pai para abrigar os empregados do seu castelo. No saguão, iluminado por janelões de reixas nos encaminhou até a sua biblioteca repleta de livros, que assim como os seus brinquedos da infância, foram comprados em sua maioria pelo seu pai, que lhe daria a *Ursa Maior* caso lhe pedisse.

O *príncipe do Tirol* nos informou, ainda, que no seu principado havia luz elétrica e telefone. Uma raridade naquela época. Além de um moinho de catavento que garantia a água encanada do castelo. A carrocinha de gelo que fazia entrega matinal todos os dias. Além de uma garagem que também ficava perto do portão da Rodrigues Alves, onde eram guardadas as carruagens da família: o *Paige* de seu pai o *maior e o mais possante da cidade*; o Chevrolet de sua mãe, e o Ford de bigodes do *príncipe do Tirol*.

Depois que o Cel. Francisco Cascudo desfez-se do *Phayeton*, servia-se de um automóvel Ford, modelo da época, o terceiro veículo daquela classe, que circulava em Natal, depois dos adquiridos por Filadelfo Lira e Pio Barreto. Era naquele tempo, um sucesso, um alto luxo, possuir-se um carro Ford de 18 cavalos, pois, na sua passagem pelas ruas da cidade, todo mundo corria para as janelas a fim de ver o *bicho* passar, resmungando como um besouro mangangá¹⁰⁹.

A partir da análise discursiva dos dois relatos nós observamos a existência de um diálogo entre os dois autores, em que respeitadas à tradição da hierarquia de classes na sociedade aristocrática, nós destacamos a atuação do *jovem* príncipe na definição do que seria abordado por cada autor em cada relato. Enquanto, o *príncipe do Tirol* como morador do castelo atribuiu a si mesmo a tarefa de descrever cada canto do seu

¹⁰⁹ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2, 1968. p.28.

principado, preferindo silenciar a nominata dos *hóspedes ilustres e visitantes eminentes* que estiveram no seu principado.

Mesa farta, serviço de copa interminável. Hóspedes ilustres e visitantes eminentes cuja nominata silencio¹¹⁰.

À Jaime dos Guimarães Wanderley, que acompanhou todas as fases de montagem da corte criada pelo *príncipe Cascudinho*, foi designada a tarefa de listar os nomes de *algumas figuras de alta projeção nos círculos culturais do Brasil* que estiveram presentes no Principado do Tirol.

O *Principado do Tirol*, em seus dias de grandeza e de glória, recebeu em seus domínios figuras de alta projeção nos círculos culturais do Brasil, entre elas, Margarida Lopes de Almeida, Mário de Andrade, Pascoal Carlos Magno, Plínio Salgado, Maria Eugênia Afonso Celso, Manuel Pinheiro, Zoraide Aranha, Olegário Mariano e outras personalidades¹¹¹.

Em vários trechos do capítulo dedicado às memórias da casa no Tirol, nós observamos que o que foi destacado no relato de Câmara Cascudo para ser lembrado sobre os seus *dezenove anos vividos a sua sombra*¹¹²... foi retomado no depoimento de Jaime dos Guimarães Wanderley para compor a sua explicação sobre os detalhes em relação ao modo como funcionou a corte montada pelo jovem príncipe. Como exemplo, nós podemos citar o pomar da casa no Tirol, composto por árvores de frutos raros no discurso memorialístico de Câmara Cascudo, foi retomado no relato de Jaime dos Guimarães Wanderley para compor o cenário onde sempre ocorriam os *lautos* almoços oferecidos pelo *príncipe do Tirol*, ocasião em que compareciam além dos nobres do principado, elementos do *hight life natalense*.

¹¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 60.

¹¹¹ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2, 1968. p.30.

¹¹² CASCUDO, Luís da Câmara. *Ibid.*, p. 62.

A esses visitantes eram sempre oferecidos lautos almoços, no pomar da Vila Cascudo, aos quais compareciam, além dos nobres do *Principado*, elementos dos *high life* natalense, especialmente convidados. Tornou-se desse modo famoso e conhecido o *Principado do Tirol*, dentro e fora dos quadrantes da cidade¹¹³. (*grifos do autor*)

Desde os tempos da corte, a sociedade brasileira mantinha o hábito de organizar, nas residências, encontros periódicos frequentados por artistas. Festas e saraus musicais serviam de pretexto para um convívio social, em uma época em que existiam poucas opções de divertimento¹¹⁴. Pedro Alcântara de Melo ao relembrar em 1962, a Natal do seu tempo, destacou as casas de família como o único espaço de sociabilidade dos moradores da cidade de Natal em 1904.

Não havia teatro, nem cinematógrafo. Mas a despeito dessa vida de marasmo o potiguar não morria de tristeza... cantava... fazia serenatas ao luar ou em noites escuras (...) A gente moça cultivava a dança e não se dançava pouco. Inda persistia a quadrilha – reminiscência galante já em declínio. É cabível aqui a pergunta: numa cidade modesta, como se dançava tanto? Fácil a resposta – escolhia-se a residência de uma família amiga e a clássica hospitalidade dos donos da casa garantia o sucesso. A orquestra - qual orquestra? O piano familiar era o ponto alto - havia sempre um pianista à mão – em breve apareciam biscoitos, um pouco de vinho Rocha Leão tudo acrescido do que havia na dispensa da casa sede do assalto e o assustado - assim se chamava essa partida familiar – realizava todo o seu programa - alegria, respeito, familiaridade, indo a festa até no máximo meia noite. Ao terminar uma dessas reuniões já estava indicado o local da próxima¹¹⁵.

Além do luxo das iguarias servidas sempre acompanhadas de bebidas retiradas da adega do coronel Francisco Cascudo, a qual vivia sempre repleta de preciosidades

¹¹³ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2, 1968. p. 31.

¹¹⁴ FORTE, Graziela Naclério. Entre os salões e a institucionalização da arte. **Rev. hist.**, São Paulo, n. 162, jun. 2010. Disponível em www.revistausp.sibi.usp.br/scielo. Acessado em 08 jun. 2012.

¹¹⁵ MELLO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos da minha geração*. Natal: Sebo Vermelho. 2006. p. 5-6

italianas, espanholas e portuguesas, o que de fato distingue as reuniões organizadas pela corte do *príncipe do Tirol* e os *assaltos* às casas de família descritos por Pedro de Alcântara de Mello é o fato de que a diversão não era o principal motivo que impulsionava as celebrações ocorridas na Vila Cascudo. As descrições das festas ocorridas na casa do Tirol com a presença de tenores, barítonos, sopranos, pianistas, declamadores e artistas em excursão na cidade, as quais foram citadas no discurso produzido por Câmara Cascudo e detalhadas no depoimento dado por Jaime dos Guimarães Wanderley, se assemelham as festas ocorridas, em fins do século XIX, nos palacetes paulistanos, onde um seletivo grupo formado de pessoas provenientes das altas camadas sociais dessa sociedade, inspirados no modelo francês de civilização e patrocinados por um mecenas, organizaram bailes, festas e programas lítero-musicais com discussões voltadas para à literatura e à política.

Dessa Vila Cascudo planejou-se muita festa vitoriosa e não mais repetida, bailes elegantes e mesureiros, *Tea Tango*, *Five o'clock*, Noite japonesa fantasias, assaltos familiares, pesquisas culinárias, planos de renovação literária, apoio à Semana de Arte Moderna, leitura de originais de poemas de poetas dos Estados vizinhos, euforia, magnificência¹¹⁶. (*grifos do autor*)

O que os movia era o desejo de retirar a silenciosa e sossegada província de Natal do seu ostracismo e conectá-la ao modelo francês de civilização que na época influenciava o modo como os membros das elites sentiam e enxergavam o mundo em sua volta. Nesse contexto de efervescência cultural e política, o coronel Francisco Cascudo atuou como o mecenas do grupo formado pelo seu filho. Patrocinando os *lautos* almoços oferecidos pelo jovem príncipe no pomar do *Principado do Tirol*; e as reuniões mensais de *folgança* que duravam em média de 10 a 15 dias.

Todos nós, reunidos, passávamos 10, 15 dias de folgança, sem arrear o pé dos domínios dos Cascudos, por imposição de Cascudinho, como era ele conhecido na intimidade dos seus familiares – foram-nos reservados apartamentos (um para cada), todos mobiliados e preparados para de momento, abrigar qualquer hóspede, por mais cerimonioso que fosse, pois na verdade havia nove quartos disponíveis, destinados à hospedagem de amigos. Uma vez chegados à

¹¹⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 61.

Vila recebíamos uma chave e nos dirigíamos ao quarto indicado, a fim de trocarmos a nossa roupa, por um pijama de categoria e os nossos sapatos por cômodos chinelos de *chagrin*. Os nossos sapatos eram trancados pela quartilheira no guarda-roupa, detendo ela, a chave, da qual só nos fazia entrega, muitos dias depois, isso mesmo, com permissão expressa do anfitrião, depois de justificada, pelo hóspede, a necessidade de ausentar-se¹¹⁷.

Para a *inflação literária* do grupo liderado pelo príncipe Cascudinho o seu pai fundou e manteve com recursos próprios o jornal *A Imprensa*, o qual começou a circular na cidade de Natal no dia 07 de agosto de 1914, *vendido avulso por 200 réis, o exemplar tinha apenas dois anúncios pagos: o do elixir Nogueira e da emulsão de Scott*¹¹⁸. A neta do coronel Francisco Cascudo, Anna Maria Cascudo Barreto, que escreveu uma biografia sobre o seu avô, destacou o fato de que sem a ajuda financeira de qualquer entidade, pagando papel, tipografia, impressores manuais, jornalistas e operários o coronel Francisco Cascudo manteve o jornal circulando por quatorze anos. Foi, também, nas páginas do jornal fundado pelo seu pai, que o príncipe Cascudinho iniciou a sua atividade literária.

A Imprensa (1914-1927), jornal mantido por meu pai, em sua edição de 18 de outubro de 1918, publicava minha primeira crônica, iniciando seção que duraria anos, denominada bric-à-brac. Desde então, *j'ai perdu douce ignorance*, como cantava Beranger. Jornais, revistas, livros, livros, livros, aulas, cursos, conferências, durante meio século. Numa servidão jubilosa de cinquenta anos, ainda estou exibindo aos passageiros fiéis, a presença da minha aurora boreal!¹¹⁹

No capítulo - *A casa no Tirol* - é o seu pai quem aparece como o conquistador e o mantenedor dos domínios territoriais da família Cascudo. *Meu pai comprou ao arquiteto Herculano Ramos, por 20.000\$ a Vila Amélia no Tirol. Meu pai muro-a de balaústres. Sem nunca haver bebido uma gota de álcool, meu pai amava a despesa*

¹¹⁷ WANDERLEY, Jaime dos Guimarães. O Príncipe do Tirol. *Província*, Natal, n 2. 1968. p.

¹¹⁸ BARRETO, Anna Maria Cascudo. *Coronel Cascudo: o herói oculto*. Natal, RN: EDUFRN, 2010. p. 41.

¹¹⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 152.

repleta de preciosidades italianas, espanholas e portuguesas. Meu pai mantinha, à sua custa, o jornal A Imprensa (1914-1927), para nossa inflação literária. Meu pai hipotecara todo aquele mundo por 30,000\$ e não pôde saldar a dívida, executada. Apesar de seu pai não ter conseguido manter a sua riqueza, o que levou a sua família à decadência, a imagem do pai como o provedor da família é a que prevalece não apenas no capítulo dedicado a evocar às memórias da casa, onde outrora retumbaram hinos e fundou-se o *Principado do Tirol*, mas ao longo de toda a sua narrativa autobiográfica. Assim como, a casa no Tirol não foi lembrada apenas no capítulo intitulado *A casa no Tirol*.

Os personagens escolhidos por Câmara Cascudo para serem biografados em sua autobiografia foram em sua maioria frequentadores do *Principado do Tirol* ou, então, colaboradores do jornal *A Imprensa*. Entre eles nós podemos citar: José Anselmo de Souza (1883-1952) *seu amigo desde os tempos de rapaz* (p. 93). José Garibaldi Lagreca (1882-1964) *frequentara nossa casa desde 1917* (p. 146). José Parente Viana - *frequentava a nossa casa na Avenida Jundiáí* (p.70). Jaime Andour da Câmara (1898-1964) *até 1918 estávamos cotidianamente juntos, lendo literatura portuguesa e discutindo problemas transcendentais* (p. 63). José Cirineu de Vasconcelos (1899-1963) *Babuá ou em francês Babois como gostava de assinar depois de 1918 (...) inseparável na Vila Cascudo, notadamente durante o Principado do Tirol onde era Monsieur le comte Richemont, imaginador de aperitivos inverossímeis* (p. 123). Além dos amigos de seu pai que de passagem na cidade ficava em sua casa.

Sampaio Correia (José Matoso de Sampaio Correia, 1875-1942), foi amigo de meu pai desde 1908. Passando por Natal, enquanto o navio estivesse no rio Potengi, ficava em nossa casa (...) Deputado, senador, político no então Distrito Federal, professor na Escola de Engenharia, fora o autor do traçado da estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte¹²⁰.

É o nome de seu pai quem dá origem e sentido a sua narrativa autobiográfica, pois, *dentro e fora da casa existem tradições velhíssimas que se dissipam num lugar e*

¹²⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 78.

*resistem no outro*¹²¹. Mas uma tradição que se transmite hereditariamente de pai para filho. A casa é o elemento que une e atribui coerência ao relato autobiográfico produzido por Câmara Cascudo. Um menino que nasceu numa casa. Viveu toda a sua infância *dentro* de casa, cercado dos mimos de seus pais e da companhia dos seus inúmeros amigos imaginários saídos do seu livro de figuras de Benjamin Rabier, que ao crescer, resolveu reunir alguns amigos mais afeiçãoados e criar *definitivamente* o *Principado do Tirol* com o propósito de oficializar a alcunha recebida pelo povo da cidade, que motivado pela fortuna acumulada pelo seu pai o chamavam de *príncipe do Tirol*, pois, ao contrário dos apartamentos, descritos por Câmara Cascudo como máquinas de morar, onde *o doce lar jamais se torna doméstico, Cumpre-se apenas um rito de passagem naquele alojamento, apartheid*, os castelos do tempo dos *Vices-Reis*, sem jamais pender, rachar ou desmoronar resistem até a *hipoteca*. Assim, a aura de encantamento que envolve o seu relato memorialístico sobre a casa que se transformou em castelo, está diretamente relacionado a imagem construída por Câmara Cascudo de seu pai, o principal personagem da sua história de um professor de província.

No capítulo anterior, nós vimos que o forte apego de Câmara Cascudo aos valores e aos costumes de uma sociedade fundada na casa deve ser lido como um valor partilhado entre os homens que viveram a sua infância entre o final do século XIX e os primeiros anos do século XX, os quais por meio dos seus escritos buscavam fixar os valores de um modelo de sociedade que viveu o seu auge entre os séculos XVI e XIX; e que nos primeiros anos da república já começava a apresentar os seus primeiros sinais de decadência. A trajetória do coronel Francisco Cascudo é um exemplo da crise vivida pelos filhos dessas famílias tradicionais. Filho de Antonio Justino de Oliveira, um tradicional proprietário de terras da região do Seridó, antes de iniciar a carreira militar, no ano de 1892, Francisco Cascudo foi *comboieiro, ajudante de alfaiate, pedreiro e negociante ambulante*¹²². No prefácio da biografia escrita sobre a vida de Pedro Velho, Câmara Cascudo destacou o ano de 1892 como o ano em que o seu pai foi apresentado ao líder da oligarquia fundadora da república no estado do Rio Grande do Norte.

¹²¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. p. 169.

¹²² *Id.*, *Francisco Cascudo*. jornal Diário de Natal. Natal, 15 de julho de 1947.

Criei-me no seio da família *pedrovelhista*, ouvindo diariamente referências ao passado e saudades à figura desaparecida. Meu pai conhecera-o em 1892. Apresentara-o Luís Pereira Tito Jácome, chefe governista da Vila Triunfo, íntimo do governador. Nomeou a meu Pai, em julho de 1892, alferes do Batalhão de Segurança, promovendo-o a tenente em agosto de 1895. Meu pai, caçador de cangaceiros, bateu o sertão de pedra com alpercatas de rabicho e *comblain* na mão, batendo-se com sua patrulha de valentes anônimos. Eliminou o famoso Moita Brava, em São Miguel de Pau dos Ferros, em 1894. E dispersou os fanáticos da Serra de João do Vale em 1899. Pedro Velho admirava-lhe a coragem¹²³. (*grifos do autor*)

A simpatia conquistada durante a sua corajosa atuação como alferes e posteriormente como tenente do Batalhão de Segurança do Estado estreitam os laços de *amizade* entre Francisco Cascudo e o líder da oligarquia Albuquerque Maranhão, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que dedicou ao tenente Francisco Cascudo durante um banquete realizado em fevereiro de 1898, *um dos cinquenta e cinco brindes ali distribuídos eloquentemente*¹²⁴.

O senador Pedro Velho saudara-o em discurso, num banquete oficial, 11 de fevereiro de 1898, relembrando a sua missão no Serido¹²⁵.

No dia 08 de maio de 1899, o organizador do banquete feito em homenagem ao líder da oligarquia fundadora da república no estado do Rio Grande do Norte, o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, que na época ocupava o cargo de governador do estado, participava na capela do Senhor Bom Jesus dos Passos da cerimônia de batismo do seu afilhado Luís da Câmara Cascudo, a quem o governador chamava carinhosamente de Cascudinho, tratamento destinado apenas aos familiares e amigos e mais íntimos da família.

Foram meus padrinhos o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, governador do Estado, e sua esposa, dona Alexandrina Barreto Ferreira Chaves (...) Meu padrinho sabia latim e respondeu às perguntas do sacerdote: - Quid petis ad Ecclesiam Dei? Fidem! E a igreja concedeu-me a súplica (...) Minha madrinha Alexandrina

¹²³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Vida de Pedro Velho*. Departamento de Imprensa: Natal, 1956. p. 7.

¹²⁴ *Op. cit.*, p. 7.

¹²⁵ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 43.

Chaves trouxe-me nos braços, da capela Bom Jesus até nossa casinha. A mãe do batizado não devia assistir à cerimônia. Minha madrinha entregou-me à mamãe com as palavras que a tradição esqueceu: Minha comadre, *aqui está seu filho que levei pagão e lhe entrego cristão! Fiquei sendo*¹²⁶. (grifos do autor)

A historiadora Denise Mattos Monteiro nos explica que durante o processo de transição da monarquia para a república, o grupo oligárquico que em cada estado conseguisse fundar um partido republicano estadual, mantendo o seu controle, dominaria o governo desse estado, ou seja, a máquina administrativa e a renda pública, destacando como marca desse sistema de poder a corrupção, o empreguismo e o nepotismo. O pai de Cascudo era um dos frequentadores da casa de Pedro de Velho. Assim como Pedro Velho, notadamente a partir do ano de 1900, quando o tenente Francisco Cascudo pede exoneração da carreira militar para se dedicar a atividade comercial, também se tornará um frequentador assíduo da casa do coronel Francisco Cascudo. Criado no seio da família *pedrovelhista*, de tanto ouvir falar o nome Pedro Velho, Cascudinho desejou conhecer o homem. Para além da descrição da emoção sentida por estar pela primeira vez diante de um rei, no relato do primeiro encontro de Cascudinho com o *senhor absoluto, tangível, palpável* que do seu *cérebro todo o Estado recebia o manto e a senha* nos chama a atenção o uso da casa do já conhecido na cidade como o coronel Francisco Cascudo¹²⁷ como espaço de reuniões políticas.

Pedro Velho foi uma das minhas admirações. Era no Estado o senhor absoluto, tangível, palpável. Conseguira exercer um manso despotismo de grande amigo sobre todos (...) Do seu cérebro, todo o Estado recebia o santo e a senha. De tanto ouvir-lhe o nome desejei vê-lo. Foi em 1907, penso, que o vi pela primeira vez (...) Pelo terraço onde eu folheava livrecos ilustrados, seguido por outros, passou um homem alto, com o peito saliente, o busto largo e possante como um guerreiro medievo, vestindo escuro, colarinho baixo e duplo, gravatinha retroz, com um panamá entre os dedos: era Pedro Velho. Passou como um rei. Eu nunca vira um rei andando, porém se encontrasse algum, ele andaria com a tranquila majestade do velho

¹²⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 40-41.

¹²⁷ Francisco Cascudo foi nomeado tenente-coronel da Guarda Nacional pelo presidente Rodrigues Alves no dia 30 de março de 1903. Título que ostentou até o dia do seu falecimento.

republicano patricio. Fiquei de dedo na boca, vendo-o atravessar o jardim acompanhado pelo séquito¹²⁸.

O que era uma prática política comum da época em que as decisões políticas eram tomadas em reuniões a portas fechadas, dentro de casa. Ao escrever a biografia do *príncipe dos Poetas Norte-rio-grandenses*, Henrique Castriciano, outro frequentador assíduo da casa de seu pai, lembrou os almoços de domingo dados por ele, ocasião em que se encontravam, além do amigo e vizinho Henrique Castriciano, o seu professor João Tibúrcio e os chefes políticos do interior.

As relações com meu pai faziam-no frequentador de nossa casa, quase vizinha. Vinha aos domingos saborear carne assada do sertão com pirão e leite, gado crioulo e não zebu, de carne de borracha. Encontrava-se com os chefes políticos do interior, amigos de meu pai, e às vezes com meu professor, João Tibúrcio, égide do magistério local, irônico e lento¹²⁹.

A adega do coronel Francisco Cascudo não foi mantida apenas para as reuniões de *folgança* do grupo liderado por Cascudinho. Mas, também, para as reuniões políticas organizadas pelo coronel Francisco Cascudo com os chefes políticos do interior do estado e da capital. O tamanho da mesa da sala de refeições da casa do coronel Francisco Cascudo nos dá uma dimensão da sua força política.

A *Vila Cascudo*, naquele tempo, era uma das residências mais suntuosas de Natal, nada faltando em conforto. A hospitalidade ali cativava os quantos visitavam a família Cascudo, que se compunha de três pessoas: o coronel Cascudo, a sua esposa, a boníssima Donana, e Cascudinho, filho único do casal. Mas, a mesa da sala de refeições da mansão e que media quatro metros de comprimento, muito raramente não tinham todos os lugares tomados, no almoço e no jantar, por pessoas amigas do casal e do filho, pobres ou abastados, todos recebendo o mesmo tratamento afetivo, a mesma acolhida¹³⁰. (*grifos do autor*)

¹²⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Pedro Velho. *Revista Fon-Fon*. Ano XVI, n 36. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1922.

¹²⁹ *Id.*, *Nosso amigo castriciano*. p. 40.

¹³⁰ BARRETO, Ana Maria Cascudo. *Coronel Cascudo: o herói oculto*. p. 108.

De 1892 até 1913, a oligarquia Albuquerque Maranhão se manteve através dos governos de Joaquim Ferreira Chaves; Alberto Maranhão (irmão de Pedro Velho); Augusto Tavares de Lyra (genro de Pedro Velho); Antonio José de Melo e Souza, e, novamente Alberto Maranhão em segundo mandato, de forma ininterrupta no poder. Durante esse período, todos os cargos públicos foram monopolizados pelos membros da família. Além da manipulação da legislação estadual para enriquecimento próprio. O coronel Francisco Cascudo foi citado pela historiadora Denise Mattos Monteiro como expressão das relações pessoais do sistema de poder oligárquico. O monopólio do comércio da carne verde na capital do estado, concedido durante o segundo mandato de Alberto Maranhão, foi apontado pela historiadora como uma das principais causas do seu rápido enriquecimento, sendo também um dos acionistas iniciais do primeiro banco criado no Rio Grande do Norte, em 1905, o Banco de Natal; deputado estadual de 1918 a 1923; Presidente da Associação Comercial; e, anos e anos, até falecer, da Junta Comercial.

O segundo mandato do irmão de Pedro Velho ocorreu entre 25 de março de 1908 e 01 de janeiro de 1914. No final do segundo mandato, o coronel Francisco Cascudo compra ao arquiteto Herculano Ramos a Vila Amélia no Tirol para onde se transfere com a família permanecendo nessa casa até o ano de 1932, quando a saga do coronel Francisco Cascudo foi tragicamente interrompida, momento em que Cascudinho foi literalmente jogado para *fora* do mundo da casa, indo pela primeira vez morar em casa alheia. Em o *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações, com lágrimas nos olhos, enevoando-os de saudades e mágoa sem remédio*, Câmara Cascudo relembrou a perda do seu *paradise lost*.

Não consigo dissipar o complexo de angústia que me traz lágrimas aos olhos, enevoando-os de saudade e mágoas sem remédio...Em 1933, meu Pai deixava a nossa grande chácara no Tirol. Ardera como palha seca quanto julgara amontoar em trigo, para o pão da velhice. Meio século de trabalho, dedicação, generosidade, desaparecida numa execução hipotecária. Pela primeira vez fomos morar em casa alheia. Quando em 1945, comprei a que possuo, esgotando os recursos disponíveis, meu Pai já não existia. Perdera tudo por não ter trinta conto de réis¹³¹...

¹³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. p. 34.

Em relação aos motivos que levaram a falência de seu pai, Câmara Cascudo preferiu silenciar. Apenas destacou que já velho e pobre, *conservou o ar senhorial, sempre de traje branco, colete com corrente de ouro prendendo o Patek-Phelipp, o chapéu do Chile, a bengala de jucá, apoiando o passo lento, um ombro derreado, o sorriso cativante*¹³². A falência financeira do coronel Francisco Cascudo provavelmente foi motivada pela crise econômica mundial dos anos 30, provocada, também, e principalmente, pela famosa queda da bolsa de valores de Nova York, o *crash* ou grande depressão, como ficou conhecido esse episódio que espalhou misérias e falências em várias partes do mundo. Essa crise representou um duro golpe em seus negócios já que o seu comércio dependia em grande parte das importações.

Entretanto, esse não foi o único motivo desencadeador da ruína financeira do coronel Francisco Cascudo. A defesa dos valores e costumes de uma sociedade fundada na casa, que garantiu a sua rápida ascensão social, também, motivou na mesma velocidade a sua decadência. A transformação do seu escritório comercial em gabinete assistencial fez com que o seu número de credores só aumentasse. Primeiro, porque o coronel Francisco Cascudo era o avalista das dívidas de muitos dos seus afilhados. Só para se ter uma ideia do tamanho da dívida contraída indiretamente pelo coronel Câmara Cascudo: ao morrer o seu filho registrou que o seu pai havia deixado mais de 1.200 afilhados. Depois porque fundado no outro hábito vindo do tempo das casas em que a palavra empenhada valia mais que contrato assinado em cartório, o coronel Francisco Cascudo confiando na força da tradição dos valores de uma sociedade fundada na casa, utilizava apenas uma caderneta para registrar os nomes de seus devedores, o que para a lei não tem valor jurídico nenhum.

Encerrando o ciclo comercial, teria a cobrar mais de três mil contos. Desanimado e triste, renunciou a qualquer ação judiciária. Hipotecando por 30 contos a sua casa, construída em meio de terreno compreendendo $\frac{3}{4}$ do quarteirão entre Jundiá - Apodi, Rodrigues Alves - Campos Sales, não pôde saldar a dívida e perdeu toda a propriedade de valor que me dispense informar. Nada lhe ofereceram e nada solicitou. A ausência da força financeira não diminui a sua presença social, respeitada e querida por todas as classes. Continuo no

¹³² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 45-46.

juízo de todos o velho coronel Cascudo, numa atmosfera carinhosa de acolhimento emocional.¹³³

O historiador Francisco Firmino Sales Neto ao consultar jornais, revistas e correspondências referentes às décadas de 1910 e 1920 afirmou não ter localizado nenhuma referência explícita a Vila Cascudo com essa designação nobiliárquica, foram os relatos publicados em 1968 que deram maiores contornos ao príncipe do Tirol e aos seus domínios territoriais¹³⁴, pois, onde os relatos desaparecem há perda de espaço. Assim, as memórias das casas de infância evocadas por Câmara Cascudo até a sua chegada ao *Principado do Tirol* são como pedaços de uma mesma casa colados com a cola mágica da saudade a fim de deixá-la sempre de portas abertas.

2.2 O mundo *fora* da casa

Para a casa no Tirol Cascudinho foi *rapazinho de 15 anos* e de lá saiu *aos 34, bacharel, professor, casado e com um filho*¹³⁵. Dona Dália Freire, esposa de Câmara Cascudo, numa entrevista dada a Carlos Lyra, no dia 07 de janeiro de 1987, a qual foi publicada, em 1999, no livro *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*, com o título *Dom Luís, o príncipe do Tirol*, declarou que quando os dois se casaram a casa no Tirol já estava hipotecada; e, comentou entre *risos* que tinha ouvido falar que Cascudinho, como filho único, havia no *principado* aquele *excesso*, com pessoas para calçá-lo, para entregar-lhe a bengala e o chapéu quando saía. Porém, quando ela se mudou para lá, depois de casada, afirmou não ter encontrado nada disso.

Eu me casei e fui para o *principado*, no mesmo dia. Não viajei. Isso é que eu admirei. Mas tínhamos um ambiente reservado, nosso quarto,

¹³³ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 45.

¹³⁴ SALES NETO, Francisco Firmino. *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria*. p. 47-51.

¹³⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Op. cit.*, p. 61.

com outro vizinho, tinha um terraço, um caramanchão com muitas flores, com pássaros. A minha sogra eu chamava de mãe, mamãezinha e papai Cascudo, e como ela não tinha filha, só me chamava de minha filha (...) Contrariado, não comia, empurrava assim, tinha atitude de menino, criado filho único, havia aquele excesso, ele tinha pessoas para calçá-lo, tinha pessoas para entregar a bengala quando ele saía, para o chapéu... Eu soube que havia essas coisas lá, não encontrei, porque senão eliminava (risos)¹³⁶ (*grifos do autor*)

A casa no Tirol é a última casa evocada por Câmara Cascudo em *O Tempo e Eu*, que no capítulo intitulado *Meu pai* cita a casa localizada na Avenida Junqueira Aires, nº 393, apenas para localizar a casa onde faleceu o seu pai, que ficava vizinha a casa para onde Câmara Cascudo se mudou por volta do ano de 1947, e de onde só saiu no dia 30 de julho de 1986, data de seu falecimento.

Meu pai, Francisco Cascudo, Francisco Justino de Oliveira Cascudo, nasceu na Vila de Campo Grande, hoje, cidade de Augusto Severo, no Rio Grande do Norte, em 27 de novembro de 1863 e faleceu em Natal, na Avenida Junqueira Aires, 393, casa vizinha à que resido e onde então morávamos, em 19 de maio de 1935¹³⁷.

No prefácio de seu livro *Nosso amigo Castriciano, 1847-1947: reminiscências e notas*, cuja primeira edição data de 1965, Câmara Cascudo afirmou ter morado na casa onde faleceu o seu pai de 1932 a 1937.

De 1932 a 1937, residi na Avenida Junqueira Aires, n. 393, onde perdi meu pai em 1935¹³⁸.

Contudo, Dona Dália Freire declarou durante a entrevista, citada anteriormente, que quando o seu sogro teve que entregar a casa hipotecada, a família Cascudo se transferiu para uma casa que pertencia ao seu cunhado, José Garibaldi Lagreca, casado com a sua irmã, Inês Freire.

¹³⁶ LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. Natal: EDUFRN, 1999.p. 90.

¹³⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 42.

¹³⁸ *Id.*, *Nosso amigo Castriciano, de 1847 -1947: reminiscências e notas*. Recife: Imprensa Universitária, 1965. p. 43.

(...) Quando nos casamos a casa já estava hipotecada. Era dividida em muitos terrenos, começava em uma rua e terminava na outra (...) Logo depois eu me mudei para a Rua da Conceição, onde hoje é a Assembleia Legislativa em frente ao Palácio do Governo. Quando meu sogro entregou a casa hipotecada, o Lagreca tinha essa casa e disse: Cascudinho, você pode ficar agora na minha casa, então nos mudamos para lá¹³⁹.

Retomando a crônica escrita por Câmara Cascudo com o título: *Minha viagem pela cidade de Natal*, publicada, em 1959, pelo jornal *A República*, em que o cronista potiguar localizou no tempo e no espaço da cidade de Natal todas as casas em que morou até o ano de 1947, quando foi morar em sua casa própria; cujo conteúdo nos auxiliou, no capítulo anterior, na construção de uma linha imaginária traçada no tempo feita com o propósito de estabelecermos uma sequência cronológica, que também é lógica, em relação ao tempo de permanência da família Cascudo, em cada uma das casas rememoradas por Câmara Cascudo em *O Tempo e Eu*, durante a sua meninice até a sua chegada ao *Principado do Tirol*. Nós observamos que, nessa crônica, assim como em *O Tempo e Eu*, a casa do Lagreca foi apagada da sua viagem em companhia do *Tempo* dentro da cidade de Natal.

Neste 1914 meu pai comprou a terceira *VILA AMÉLIA*, de Herculano Ramos, quarteirão entre as avenidas Rodrigues Alves e Campos Sales, Jundiá e Apodi. Todo o quarteirão era nosso exceto o terreno onde se ergue a escola de Serviço Social. Daí sai em 1932, professor do Atheneu, casado e com um filho. Ficamos na Junqueira Aires, 393 (...) Meu pai morreu nesta casa. Em janeiro de 1937 mudei-me para a Praça Sete de Setembro, 565 (...) Em 9 de janeiro de 1947 vim para a Junqueira Aires, 377, casa própria, onde minha mulher nascera, casara e nasceram meus dois filhos. Tal é a viagem¹⁴⁰. (*grifos do autor*)

A memória não é um *rastro* que podemos observar como quem folheia um álbum de fotografias. A memória é interpretação e construção. A foto da família Cascudo provavelmente retirada do velho álbum de família de seus pais *pesado e rico*,

¹³⁹ LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. p. 91.

¹⁴⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Minha viagem pela cidade de Natal*. *jornal A República*. Natal, 17 de abril de 1959.

*com capa de tartaruga, orlada de ouro*¹⁴¹ escolhida para compor a primeira edição de *O Tempo e Eu*, lançado, em 1968, como parte dos festejos do seu duplo aniversário, no qual através de sua escrita memorialística Câmara Cascudo institui em suas páginas a sua versão oficial de si, lembrada a cada ano durante os festejos do seu aniversário pelos jornais locais, deve ser lida como a síntese da sua história de um professor de província. Uma história narrada no tempo em que a luz elétrica vinha das estrelas, no tempo em que as pessoas costumavam colocar após o jantar as cadeiras nas calçadas de suas casas para *palestrar*. No tempo em que todos da cidade pertenciam a uma única e grande família vivendo debaixo do amplo e generoso teto da casa de seu pai.

Em o *Pequeno manual do doente aprendiz*, após ter acompanhado até o elevador a presidenta da Fundação José Augusto, Ilma Melo Diniz, que o havia visitado no hospital das clínicas para lhe mostrar pessoalmente o ofício de criação do prêmio nacional Luís da Câmara Cascudo, que instituía a entrega de um prêmio no valor de oito mil cruzeiros novos para o *herói* que fizesse *o mais apresentável e decente ramallete com os mata-pastos e marmeleiros* que Câmara Cascudo espalhou *nos tabuleiros culturais* de sua província, sentado em sua *poltrona* o memorialista potiguar não conseguiu dissipar o *complexo de angústia* que lhe trouxe lágrimas nos olhos, ao recordar o ano de 1933 quando vira arder como *palha seca meio século de trabalho, dedicação e de generosidade* desaparecidos numa execução hipotecária, indo pela primeira vez morar em *casa alheia*.

Nesse trecho, já citado por nós nesse mesmo capítulo, por isso não o transcrevemos, Câmara Cascudo confirma a versão de sua esposa, de que ao sair da casa no Tirol a família foi morar numa *casa alheia*. Numa entrevista publicada pelo *jornal Tribuna do Norte*, ao lembrar o desfecho trágico do seu principado, em que o seu pai perdeu não só a casa, como também, tudo o que havia dentro dela, declarou que poderia ter metido *uma bala na cabeça*, poderia ter se entregado a bebida, mas não. Largou a vida de *menino bonito*, e foi dar aulas.

Eu fui filho único de pai milionário. Casa com três automóveis e nove criados. Meu pai perdeu tudo. Uma hipoteca levou a casa com tudo. Eu não fui meter uma bala na cabeça, beber, nem nada. Larguei a vida

¹⁴¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 144.

de menino bonito, de monóculo, polaina, viajado pela Europa, e fui dar aula. Não fui pedir emprego¹⁴².

No capítulo intitulado *Juvenal Lamartine* um dos seus *credores*, listado no capítulo *Meus credores*, Câmara Cascudo lembrou o gesto inusitado do presidente do estado, eleito em 1928, para um mandato de quatro anos, que o fez deputado estadual em 1930.

Nomeou-me professor interino de História do Ateneu Norte-riograndense (1928). Foi testemunha no meu casamento (1929). Fez-me deputado estadual em 1930, a maior surpresa da época, para mim. Assumi a 1º de outubro. No dia 3 veio a revolução e acabou com o meu mandato¹⁴³.

Apesar da crise financeira vivida durante o mandato de Juvenal Lamartine, o coronel Francisco Cascudo através da sua influência política conseguiu negociar com o governador do estado a nomeação de seu filho, em 1928, para o cargo de professor interino da cadeira de história do colégio Ateneu. Promovido a diretor dessa mesma instituição de ensino, no ano seguinte. A proximidade entre o coronel Francisco Cascudo e o governador do estado pode ser sentida através da sua presença no casamento de Cascudinho como uma das testemunhas da celebração ocorrida no dia 21 de abril de 1929. Nesse mesmo ano, Cascudinho foi promovido a diretor do colégio Ateneu.

A demora em responder foi devida a minha atarantada atividade (...) O casamento será no domingo 21 do corrente e de mais fui nomeado Diretor do Ateneu. Leia dois expedientes, 8 as 11 e 13 as 16 todos os dias¹⁴⁴.

No mesmo ano em que foi nomeado professor interino do Ateneu, Cascudinho concluiu o curso de Direito da Faculdade do Recife. Iniciado em 1924, *três meses por*

¹⁴² BARRETO, Emanuel. Luís da Câmara Cascudo: cada um é digno do tempo que vive. *Jornal Tribuna do Norte*. Natal, 03 de agosto de 1986.

¹⁴³ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 147.

¹⁴⁴ *Id.*, *Carta enviada a Mário de Andrade*. Natal, 10 de abril de 1929.

ano, levando as economias pessoais, hospedado em pensões humildes e típicas¹⁴⁵. Sem dinheiro para pagar o retrato no quadro de formatura, *orgulho de todo estudante, de beca e barrete*, Cascudinho pagou a carta, em falso pergaminho, registrando-a dedicatória aos seus pais.

Eu terei exames em dezembro e desta complicadíssima forma. Cinco provas escritas e uma oral respondendo a cinco caveiras. Total de seis dias. Os exames começarão a 6 de dezembro. 8 é dia santo. Somente 10 ou 11 estarei bacharelando. Falta a colação de grau. Pretendo colar grau sem solenidade. Pelo regulamento só poderei fazer depois ou com a turma inteira. Fazer colação antes da turma só é permitido com aviso ministerial. Escrevi a gente graúda e miúda do Rio que arranjem esse aviso do Ministério da Praça Tiradentes. Estou esperando... Se não conseguir este aviso ficarei obrigado a esperar pela festa sorumbática e sonolenta da colação cerimoniosa e oca, besta.

Sem festa. Pois, o seu sonho era ter o seu próprio laboratório. Mas, para isso era *indispensável ter uma esmeralda no dedo*. Impossibilitado de concluir o curso de medicina iniciado, em 1919, Câmara Cascudo seguiu à trajetória intelectual da maioria dos filhos da antiga elite nortista. Com o diploma na mão, o seu pai planejou junto com Juvenal Lamartine o ingresso de Cascudinho na carreira política, a fim de dar continuidade ao nome de seu pai. No dia 27 de julho, Cascudinho foi eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Federal. Assumiu o cargo a 1º de outubro. No dia 3 de outubro veio a Revolução de 30. No dia 6 do mesmo mês a assembleia legislativa foi dissolvida, sendo todos os eleitos depostos. Conforme o próprio Câmara Cascudo declarou em *O Tempo e Eu: não houve tempo de exercer benemerência ou nocividade*¹⁴⁶. O seu mandato de deputado estadual durou apenas cinco dias. Talvez essa também tenha sido uma de suas maiores surpresas.

A Revolução de 30 veio e levou o cargo de deputado estadual e o cargo de diretor interino do Ateneu. Numa carta endereçada a Mário de Andrade, Câmara Cascudo comentou indignado a atitude do interventor estadual que o obrigou a ter que restituir aos cofres públicos do estado o dinheiro gasto com as passagens de sua esposa

¹⁴⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 51.

¹⁴⁶ *Id.*, *Ibid.*, p.147.

que o acompanhou, em janeiro de 1930, numa viagem ao Recife para um curso de aperfeiçoamento da diretoria técnica em educação.

(...) O atual interventor daqui Irineu Joffily passa o tempo em desfazer os atos do governo passado e até cobrar passagens fornecidas pelo governo. E quem as recebeu pague, possa ou não possa. Fui nomeado a 26-12-1929 para acompanhar em Recife o “Curso de aperfeiçoamento” da diretoria técnica em Educação durante o mês de janeiro de 1930. Pois, a passagem da minha mulher tive que pagar... Demais não há para quem apelar porque não possuímos um só norte rio grandense ao lado do interventor. Todos sem exceção, todos os departamentos são dirigidos por paraybanos trazidos e mandados buscar de Parayba¹⁴⁷.

O momento da falência financeira de seu pai coincide com um período de forte instabilidade política no estado, que afetou não só o filho do coronel Francisco Cascudo, mas todos os grupos políticos da cidade, tenham eles ficado a favor ou contrários a Revolução de 1930.

A minha situação pessoal é esta. Moramos os velhos e nós, na Avenida Junqueira Aires, 393 porque os credores nos tomaram a 596 (isto está escrito por cima de 684, observação da autora que transcreveu os originais para publicação) na Jundiá. Moramos em casa muito boa, seja dita a verdade. É um bangalô na principal rua da cidade, aquela que sobe para a cidade alta (...) Continuo professor interino de história ganhando 500\$. À disposição da pena do interventor que demite catedráticos quanto mais interinos (...) faço milagres para viver porque a vida encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços. Cada dia devo diminuir os gastos, privando-me de hábitos velhos, inclusive de comprar livros¹⁴⁸...

Após a vitória da Revolução de 1930, como uma forma de garantir a estabilidade nos estados, Getúlio Vargas procurou nomear lideranças que não tivessem envolvimento com a política local. A mal sucedida Legião Revolucionária do Rio Grande do Norte fundada pelo interventor Irineu Joffily está diretamente relacionada às raízes do interventor estadual que estavam plantadas fora do estado do Rio Grande do

¹⁴⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Carta enviada a Mário de Andrade*. Natal, 07 de janeiro de 1931.

¹⁴⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Carta enviada a Mário de Andrade*. Natal, 04 de janeiro de 1933.

Norte. O que inclusive foi um dos motivos que levou a escolha de seu nome para o cargo, mas que ao assumi-lo foi o que o fez renunciar em apenas três meses. E, os motivos desse mandato encerrado tão prematuramente foram apontados pelo próprio Câmara Cascudo, conforme o trecho da carta citada acima, o qual tomou uma série de medidas que provocou a insatisfação geral, não só das lideranças tradicionais que haviam se manifestado contra o governo revolucionário desde o início, mas também, entre os políticos liberais que haviam manifestado o seu apoio ao movimento desde os preparativos para a sua eclosão.

Natural do estado da Paraíba, como uma forma de desarticular as lideranças políticas locais, Irineu Joffily nomeou paraibanos para ocupar as prefeituras das cidades potiguares como também para o seu secretariado, que segundo denunciou Câmara Cascudo, na carta endereçada a Mario de Andrade: *todos sem exceção, todos os departamentos (eram) dirigidos por paraybanos trazidos e mandados buscar da Parayba*. Porém, o absurdo não estava no fato do interventor estadual ter convidado os seus conterrâneos para os cargos políticos de sua administração. O que os grupos políticos lamentavam era o fato de estarem sendo invadidos em sua própria *casa* por pessoas de fora do estado, que passavam a usufruir dos privilégios que outrora eram seus, como o uso de verba pública para pagamento de passagens para as acompanhantes dos agentes públicos durante as viagens feitas à serviço do estado.

No capítulo intitulado *Meus credores* Câmara Cascudo destacou a sua dívida de gratidão com os *governadores do estado*, que de 1928 a 1959 não esqueceram o seu nome. São eles: Juvenal Lamartine, que o indicou em 1928 para o cargo de professor interino do colégio Ateneu; Sylvio Piza Pedroza que o nomeou, em 1951, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; José Augusto Varela que o fez diretor do museu e do arquivo público do estado em 1950 e Dinarte de Medeiros Mariz que o escolheu como 3º consultor-geral do Estado.

Governador Dinarte Medeiros Mariz, em 1959, escolheu-me para 3º consultor-geral do Estado, conseqüente a maior surpresa da minha vida provinciana, dando-me posse solene em Palácio, presença dos desembargadores, e secretários de Estado, champanhe, fotos, discursos¹⁴⁹.

¹⁴⁹ CASCUDO, Luís da Câmara . *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 47.

Consultando os dados autobiográficos de Câmara Cascudo, presentes não só em seus diários de memórias, como também, nos prefácios de seus livros, além de artigos, crônicas e entrevistas publicados desde 1918, quando iniciou no jornal fundado pelo seu pai a sua *servidão jubilosa de cinquenta anos*, nós observamos que, apesar de ter declarado insistentemente, ao longo de seus relatos autobiográficos, que se tornou, desde o *golpe* de Getúlio Vargas, totalmente avesso a política, Câmara Cascudo sempre manteve uma relação de proximidade com os políticos, frequentadores de sua casa. Isso pode ser atestado através das inúmeras indicações de seu nome para ocupar cargos públicos na cidade de Natal, os quais se transformaram, após o anúncio da sua *aposentadoria oficial*, em condecorações entregues muitas vezes em sua própria casa pelos agentes do poder político local, regional e nacional, como uma forma de reconhecimento pelo valor dos seus serviços prestados à sociedade.

No capítulo *A casa no Tirol*, Câmara Cascudo destacou o dia em que constrangido precisou explicar as razões do seu *impedimento* ao secretário-geral do estado, Aldo Fernandes, que no exercício da interventoria federal, em 1941, como era de costume sempre que a cidade recebia personalidades ilustres, o havia convidado para proferir o discurso de saudação à dona Darcy Vargas, primeira dama do Brasil, que estava na cidade para uma visita à Legião Brasileira de Assistência - LBA.

A LBA estava na desaparecida Vila Cascudo, interditada para mim. Expliquei constrangido, a impossibilidade de atendê-lo. O pai de Aldo, o desembargador Hemérito Fernandes, fora o advogado gratuito de meu pai. Aldo baixou os olhos, comovido pela recordação dolorosa: - Compreendo, amigo velho, compreendo e respeito!¹⁵⁰

Ecléa Bosi em seu estudo clássico sobre a memória de pessoas com idade superior aos setenta anos observou que muitas vezes demolida para abertura de uma nova rua, ou para construção de novos prédios com finalidades comerciais, a casa demolida na cidade de concreto permanece intacta na memória, sendo possível descrevê-la em seus mínimos detalhes. Gaston Bachelard também destacou a ideia de que existe a imagem de uma casa que nos acompanha *durante toda a vida, todo o sonho*

¹⁵⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 62.

*e devaneio, como se ela fosse indelével na nossa imaginação*¹⁵¹. Ainda em relação ao mesmo capítulo dedicado a ressuscitar as alegrias mortas dos dezenove anos vividos à sombra da casa de seu pai, Câmara Cascudo nos confidenciou a existência de uma chave que *inexplicavelmente numa solidariedade muda em sua inutilidade funcional* o acompanhava como uma *amiga fiel, seguindo o amo empobrecido*. O que o fez lembrar-se do poema *Vieja llave, no mesmo sentido emocional*.

Lembrei-me de um poema do mexicano Amado Nervo (1870-1919),
Vieja llave, no mesmo sentido emocional:
 Me recuerdas mi morada,
 me retratas mi solar;
 mas se hoy, abandonada,
 ya no cierras ni abres nada,
 pobre llave desdentada
 para que he de guardar?¹⁵² (*grifos do autor*)

E encerrou o capítulo com o trecho do poema escrito pelo poeta espanhol Azorin, nascido no ano de 1873, considerado um dos grandes escritores do século XX.

No hay casas solitárias ni em La ciudade ni em El yermo. La casa es su morador¹⁵³.

Uma das imagens universalmente aceita sobre a casa é a de que ela seria esse grande berço, onde somos colocados antes de sermos lançados no mundo hostil existente *fora* da casa, o que justificaria a imagem de proteção e segurança invariavelmente associadas a casa. Um espaço onde nos sentimos aconchegados, mimados, onde nossas carências e necessidades são ouvidas. Não podemos negar a conexão existencial que temos com a casa, defendida por Gaston Bachelard, porém, diferente de sua concepção fenomenológica de estudo dessas imagens, que as entende como um ato poético desvinculado do passado, nós trabalhamos, ao longo desse e do capítulo anterior, essas imagens da casa como uma construção discursiva dotada de uma

¹⁵¹ BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 68.

¹⁵² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 62.

¹⁵³ *Id. . Ibid.*, p. 62-63.

intencionalidade clara que é a construção de uma imagem de si profundamente ligada a esse espaço.

Nós reconhecemos que a falência financeira do coronel Francisco Cascudo alterou drasticamente os sonhos de *menino bonito* de Cascudinho. Entretanto, nós também não podemos negar que foi o capital político e de relações sociais construído pelo coronel Francisco Cascudo, entre os anos de 1892 e 1930, que garantiu a sobrevivência de Cascudinho no mundo *fora* da casa. Ou seja, mesmo hipotecada a *casa*, ou melhor, o nome de seu *pai* lhe garantiu, desde 1928 até o anúncio da sua aposentadoria oficial, em 1968, a indicação do seu nome para ocupar inúmeros cargos públicos, o que possibilitou garantir o seu próprio sustento e o de sua família. Os relatos memorialísticos sobre o período de permanência da família Cascudo nessa casa publicados, em 1968, atribuíram ao filho do coronel Francisco Cascudo uma aura de nobreza, a qual será convertida pelo próprio Câmara Cascudo, entre os anos de 1970 e 1980, numa aureola de santidade, o transformando, ainda em vida, no santo de casa que *faz milagre*.

CAPÍTULO 3: NA CASA DE CASCUDO

*Eu digo como meu velho compadre
José Mariano Filho: - É mentira, mas é gostoso¹⁵⁴.*

No dia 14 de julho de 1985, o jornal *A República* publicou com o título *Visita a Cascudo* o relato de autoria do *romeiro* Orlando Brito. Nele, o *romeiro* narrou sob a forma de cordel a visita feita, em 1976, em companhia do amigo *Jaime*, o poeta potiguar, Jaime dos Guimarães Wanderley, ao *bruxo*, ao *Sabe-Tudo*, ao *grande feiticeiro de Natal* – o *mestre Cascudo*. Contudo, *o milagre não aconteceu*. Os dois *romeiros* encontraram *preso de uns cordéis* o seguinte aviso aos fiéis: *o santo adoeceu e hoje não pode receber ninguém*. O que não foi, entretanto, motivo de total desencanto para os dois *romeiros* que de muito *além* vieram até a cidade de Natal apenas para ouvi-lo falar, pois, mesmo que por um breve instante só o fato de ter estado *dentro* da casa do *mestre* já foi o suficiente para que os dois *romeiros* se sentissem tocados pela presença do padroeiro de sua devoção.

Nós fomos, num domingo azul de agosto, eu mais Jaime
aí pelo sol posto, visitar Cascudo, o Bruxo, o Sabe-Tudo,
o grande feiticeiro de Natal...há muito eu namorava aquele instante
de ouvir Cascudo, de sentar-me diante dele, desse homem singular,
que soube retratar com seu estilo claro e jovial,
o espírito do povo, tal e qual.
Chegamos a sua casa estava quieta.
Pairava uma penumbra santa.
Um pássaro cantor, irmão do poeta, afinava a viola da garganta...
até que uma mocinha, pondo seda na voz, quase em segredo,
veio dizer que o professor não tinha passado bem,
que se deitara cedo, e não podia receber ninguém
(...)
Lá fora sem Cascudo e sem poesia, ao peso de uma enorme
nostalgia, ficamos mais azedo que vinagre ante o milagre
que não aconteceu, - pois cada um de nós era um *romeiro*,
dois peregrinos que de muito *além* vieram para ver o seu
padroeiro e que encontraram *preso de uns cordéis*, este “aviso aos
fiéis”:

¹⁵⁴ Frase dita por Câmara Cascudo após o jornalista Pedro Bloch ter afirmado que teria viajado até Natal especialmente para entrevistá-lo. In: BLOCH, Pedro. Câmara Cascudo. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1964, ano 11, num. 619.

O SANTO ADOECEU E HOJE NÃO PODE RECEBER
NINGUÉM¹⁵⁵. (*grifos do autor*)

Apesar de partilharmos com outros animais do sentido de lugar como um abrigo que nos protege da chuva, que nos aquece nas noites frias, onde são satisfeitas as nossas necessidades de comida, água, descanso e procriação; nós respondemos ao espaço e ao lugar de maneiras mais complicadas, que não se concebem no reino animal. “Os dotes humanos incluem órgãos sensoriais semelhantes aos de outros primatas, mas são coroados por uma capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos¹⁵⁶”, mediados pelos órgãos dos sentidos nós experienciamos os espaços e os dotamos de valor e significado; e, ao significá-los nós transformamos os espaços em lugares. “Sabe-se que o espaço da percepção, o espaço da visão e do tato, não apenas não coincide com o espaço da matemática pura, mas também que entre ambos há, pelo contrário, uma divergência generalizada¹⁵⁷”.

Entre esses dois espaços, ocupando uma posição intermediária singular, Ernst Cassirer apontou a existência do espaço mítico. Esse espaço que “é tão proximamente familiar ao espaço da percepção, quanto é estritamente contrário, por outro lado, ao espaço intelectual da geometria¹⁵⁸”. Segundo Ernst Cassirer, há uma forma de organização do espaço mítico, que é distinta da forma de organização do espaço empírico, que implica numa determinada maneira de organizar e de *orientar* o mundo de acordo com determinados pontos de vistas espaciais, que se distinguem nitidamente e de forma característica do modo como o pensamento empírico realiza a organização espacial do cosmos. Assim, longe de pensar o mito como um esquema irracional de representação do cosmo totalmente desprovido de uma lógica que o constitua, o mito passa a ser apreendido como uma forma de conhecer e de atribuir significados as coisas que integram o mundo que nos rodeia.

¹⁵⁵ BRITO, Orlando. Visita a Cascudo. *jornal A República*. Natal, 14 de julho de 1985.

¹⁵⁶ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. p. 5.

¹⁵⁷ CASSIRER, Ernst. O mito como forma de intuição – Construção e articulação do mundo espaço-temporal na consciência mítica. In: *A filosofia das formas simbólicas (II O pensamento mítico)*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004. p. 151.

¹⁵⁸ *Id.*, *Ibid.*, p. 53.

Nesse capítulo, a partir da ideia defendida pelo filósofo francês, Michel Foucault, de que o sujeito é uma obra de rascunho em permanente *invenção* e dos conceitos de lugar de Yi-Fu Tuan e de espaço de Michel de Certeau nós pretendemos analisar a construção do espaço mítico da casa do *mestre* Cascudo, investigando a atuação de Câmara Cascudo no processo de transformação do seu lar, lugar íntimo, em lugar de peregrinação de pesquisadores, artistas, jornalistas, políticos, professores, estudantes e curiosos anônimos. Além dos relatos publicados pelos *romeiros* em jornais, revistas, livros e artigos acadêmicos, nós selecionamos, para esse capítulo, como fontes historiográficas: o diário de memórias escrito por Câmara Cascudo - *Na ronda do tempo: (diário de 1969)*, cuja primeira edição data de 1971, e as entrevistas concedidas pelo *velho professor aposentado* aos jornais locais e as revistas de circulação nacional, publicadas no mesmo período em que passaram a circular os relatos dos *romeiros* pela cidade.

3.1 O santo *de casa*

No dia 16 de janeiro de 1969, durante a gravação de um depoimento de Câmara Cascudo para compor o acervo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, um de seus entrevistadores, Joracy Camargo, perguntou a Câmara Cascudo se o escritor potiguar tinha a pretensão de continuar a publicar as suas memórias *naquele estilo saboroso, aquela maravilha de O Tempo e Eu*.

Joracy Camargo – Você vai continuar a publicar as suas memórias, naquele estilo saboroso, antes que eu me esqueça, aquela maravilha de *O Tempo e Eu*?

Luís da Câmara Cascudo – Perguntar ao sujeito *Você vai deixar de beber cachaça?* (risos) *Peixinho você vai deixar de nadar?* Eu tinha muita vontade, compadre Joracy, mas até aqui é um plano – ora, isso é um desaforo muito grande, eu ia guardar segredo – mas eu resisto a tudo menos a uma tentação. A história é essa, eu estou escrevendo devagar, porque não quero escrever... tudo o que fiz foi um prelo, um livro intitulado *Um ano de minha vida*, quer dizer, cada dia pequenas coisas, pequena seleção, noutro dia, outra. Vai a pergunta: isso só pode interessar a mim. Você se lembra daquela velha anedota lá no

Zoo, em Londres, quando a senhora pergunta ao encarregado da jaula onde estão os hipopótamos, que é um animal lindo (eu sou fanático por hipopótamo):

- Esse hipopótamo é macho ou fêmea?

E o guarda diz:

- Isso só pode interessar ao hipopótamo? (risos)

Isso só pode interessar a um sujeito chamado Luís da Câmara Cascudo¹⁵⁹. (*grifos do autor*)

Aparentemente, para quem o lê, o diário parece ser feito de fragmentos de memórias totalmente desconexos entre si. Porém, para quem o escreve todos os fatos narrados estão amarrados numa sequencia significativa¹⁶⁰. Isso porque, apesar de apresentar uma estrutura narrativa extremamente fragmentada, escrever uma *entrada*, nome que se dá a cada anotação escrita nas páginas do diário, pressupõe uma triagem do vivido para organizá-lo segundo eixos significativos a fim de atribuir-lhe uma identidade narrativa. Cada dia *pequenas coisas* e ao final de um ano temos um arquivo do vivido que isolado do futuro será incorporado ao passado indicando para as futuras gerações o modo como o diarista deseja ser lembrado.

Aliás, não só para as gerações futuras, como também, para as gerações contemporâneas à data de publicação do diário, como é o caso de *Na ronda do tempo (diário de 1969)*, selecionado para esse capítulo, como a nossa principal fonte historiográfica, por acreditarmos que o registro feito por Câmara Cascudo da intensa movimentação de *romeiros* em torno da sua casa, durante o ano de 1969, tenha estimulado entre os seus *fiéis* o início da prática discursiva de registrar sob a forma de relato o dia em que esteve na casa do *velho que sabe tudo*. O primeiro argumento utilizado por nós para reforçar a nossa hipótese é o fato de não termos encontrado em nenhum dos registros consultados para essa leitura a presença de nenhum relato que tenha sido escrito anterior ao ano de 1971, data em que foi publicada a primeira edição do diário que a princípio se chamaria *Um ano de minha vida*. Todos os relatos

¹⁵⁹ LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. p. 35.

¹⁶⁰ Todas as considerações feitas em nosso estudo sobre esse gênero de escrita autobiográfica foram retiradas do livro LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico de Rousseau à internet*; (Org) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; (trad.) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; GUEDES, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

consultados para essa leitura foram escritos e publicados após o ano da primeira edição do diário de 1969.

1º de janeiro de 1969 - Por que não fiz diário em 1968? Teria muito que contar dos outros e de mim. Mas o livro está fechado, como dizia Lamartine¹⁶¹.

O ano de 1968 foi tomado em nossa leitura como um marco temporal estratégico para investigarmos a atuação do *velho professor aposentado* no processo de transformação do seu lar, lugar íntimo, em lugar de memória, lugares que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais¹⁶²”. Os festejos dos seus setenta anos de vida e dos seus cinquenta anos de atividade literária são marcados por uma série de celebrações, as quais serão incluídas no calendário cultural do estado do Rio Grande do Norte, o qual passará a reverenciar a partir dessa data a cada aniversário do *velho professor aposentado* a imagem do homem-monumento, *que não se sabe se é um homem ou se é um Deus*.

Quanto a mim, entretanto, que Deus me livre de macular a obra de Cascudinho, escrevendo um ensaio, um artigo, uma crônica, ou seja lá o que for sobre sua produção literária e científica. Seria uma grande falta de respeito, mesmo para louvar e pôr em relevo seus inumeráveis valores estéticos e literários. Seria perturbar o seu merecido repouso, depois de cinquenta anos de atividades fecundas (...) Cascudo já não mais está ao alcance da crítica, e só mais tarde é que sua obra poderá ser objeto de pesquisas. Agora, é apenas aceitar, admirar e consagrar o que pensou e escreveu (...) De Cascudo apenas ousar falar do homem, dele mesmo, das atitudes humanas, do temperamento de um escritor que se enfurnou na toca da Junqueira Aires, mas que não conseguiu se esconder de seu povo (...) Quem for a Natal há de verificar que o povo que o ama com aquela percepção total só permitida à sensibilidade

¹⁶¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)* p. 22.

¹⁶² NORA, Pierre. *Entre memórias e história. A problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, n 10, p. 13.

coletiva, que sente, que intui, que não precisa saber porque o ama, e não se sabe se é um homem ou se é um Deus¹⁶³.

A publicação dos seus diários de memórias antes, durante e após os festejos do seu duplo aniversário foram lidos de forma conjunta como uma estratégia discursiva montada por Câmara Cascudo de construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa: *O Tempo e Eu*, escrito em 1967, conforme indica a data do seu prefácio, foi publicado em 1968 ; o *Pequeno manual do doente aprendiz* escrito durante os meses de agosto de 1967 e abril de 1968, foi publicado em 1969; e , como o aniversário é um ritual que simboliza a passagem do tempo cronológico em nossas vidas, Câmara Cascudo encerrou os festejos em torno do seu duplo aniversário com a escrita, em 1969, do diário do *velho professor aposentado*.

Solilóquios de um velho professor aposentado e nos aposentos de sua pequenina biblioteca. Registro de visitas e dos pensamentos que o procuraram durante um ano. Nem mesmo viagem em torno de mim mesmo. Mas, de dentro para fora, como um exame de sangue. É depoimento revelador de uma vida sentimental, sem anseios e programas jornalísticos, assistindo à lenta passagem das horas, rumando o tranquilo anoitecer¹⁶⁴.

Ao pesquisarmos o significado da palavra *solilóquio* utilizada por Câmara Cascudo, no prefácio do seu diário de 1969, para apresentar o *mais íntimo e confidencial dos (seus) livros*¹⁶⁵ aos seus leitores, nós descobrimos que essa é uma palavra de origem latina *solilóquium* (solus= sozinho e loqui=falar) que apresenta etimologicamente o mesmo significado de *monólogo* palavra de origem grega (mono=um e logus=palavra) que significa uma longa fala ou discurso pronunciado por uma única pessoa. Porém, enquanto, o monólogo pressupõe a existência de um único orador que fala para uma plateia *muda*, no *solilóquio*, o orador apesar de *literalmente* sozinho a sua fala se constitui a partir de um *diálogo* travado internamente entre a

¹⁶³ CAMARGO, Joracy. A maior glória de Câmara Cascudo. IN: *Revista Província* n 2. Natal, UFRN/IHGRN, 1998 (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969). p. 23 e 24.

¹⁶⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 17.

¹⁶⁵ *Idem.*, p. 17.

peessoa que fala e o *eu* interior que habita dentro dela. O que nos leva a inferir que nas páginas do diário de 1969 não foram registradas as *pequenas coisas* da vida de um homem, mas de *dois* Cascudos.

Visita de uma professora do Recife, E. M. Diz-me ter visto as duas coisas *notáveis* da província: o cajueiro de Pirangi e o *Mestre Cascudo*. É mentira, mas é gostoso¹⁶⁶. (grifos do autor)

É mentira, mas é gostoso. Rumando ao tranquilo anoitecer, o velho professor aposentado realiza um depoimento revelador da sua convivência íntima com uma imagem de si lançada institucionalmente nas páginas do número especial da revista Província, que contrariando o ditado popular - santo de casa não faz milagre, entre os anos de 1970 e 1980, se tornou objeto de adoração por todos na cidade, recebendo de (seus) patrícios e semelhantes, as homenagens mais afetuosas e permanentes, sem que as sugerisse direta ou indiretamente¹⁶⁷, ainda em vida. Rompendo com outra ideia bastante presente no senso comum de que os homens em geral só fazem justiça aos seus semelhantes depois que eles abatidos pela morte, deixam de lhes fazer concorrência¹⁶⁸.

Cascudo, como escritor, é apontado como um santo de casa que faz milagres. E, o mestre tem uma explicação para isso: *o segredo é fazer os milagres da casa e não os milagres de fora. Eu nunca segui orientação alheia a minha vocação. Estudei a cultura popular do meu país. Fiquei trabalhando na minha cidade, de maneira que isso deu a população à impressão de uma fidelidade à finalidade institucional¹⁶⁹.* (grifos do autor)

O *segredo* foi ter permanecido fiel a sua *história de um professor de província*, por que afinal *nós somos o que chamou Santo Thyrsó – a imperecível criança¹⁷⁰*. Filho

¹⁶⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 29.

¹⁶⁷ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 172.

¹⁶⁸ *Id.*

¹⁶⁹ Trecho retirado das páginas do jornal A República. Natal, 26 de fevereiro de 1983. Matéria originalmente publicada pelo jornal *O Globo* por ocasião da entrega da medalha *Peregrino Júnior*, em 1982.

¹⁷⁰ *Id.*, Sobre o Sr. D. Pedro II. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, num XV e VI. 1928.

único do coronel Francisco Cascudo, quando criança, Cascudinho transformou o espaço da sua casa em seu reino *encantado* onde poderia ser e ter o que a sua imaginação sonhasse. Ao se casar *Cascudinho* permaneceu em *primeiro plano* para a sua família, que jamais o interrompeu quando estava em sua máquina de escrever.

Eu acho, como esposa de escritor, que ela precisa se doar e também ter muito de renúncia. Eu conto isso pelo fato meu próprio (...) Nós tínhamos horários muito diferentes, é claro, porque ele trabalhava até quase o amanhecer, trocava muitas vezes a noite pelo dia, quer dizer amanhecia o dia em sua biblioteca. Uma tarde já mais para a madrugada mesmo do que para a noite, eu já estava agasalhada, mas era uma noite chuvosa, vamos dizer na intimidade gostosa. Eu levantei-me fui até a porta de sua biblioteca que era velada por uma cortina, não deixei que ele me visse, apenas entreabri a cortina e olhei. Ele estava absorvido totalmente. Eu senti naquele momento era o escritor e não o homem. Se eu o chamasse naquele momento não encontraria o homem e nem o marido e sim o escritor e porque veio-me à imaginação, na minha lembrança, ele me disse que o escritor trabalhando em sua biblioteca que equivale a um laboratório de pesquisas não deve, não pode ser interrompido. Seria assim como se fosse, disse ele para mim, um pombal onde estivessem reunidos todos os pombos e alguém viesse naquele momento e abrisse a porta do pombal. A revoada de pombo seria coisa evidente. Então aquela imaginação que me veio foi muito feliz, porque eu me venci a mim mesma, renunciei naquele momento ao marido, fechei a cortina sem ser notada por ele, e voltei¹⁷¹.

Nós observamos que o silêncio de Dona Dália *dentro* de casa é algo que permanece *dentro* dos seus diários de memórias, sendo retratada apenas quando no desempenho da sua *missão humilde, modesta, recatada, das velhas damas de outrora*¹⁷². Uma mulher que “amava o seu pequeno mundo e nunca passou das emoções do cotidiano¹⁷³”, que dividiu a sua casa em dois mundos para abrigar o *laboratório de pesquisa* do homem escritor.

Dividi nossa casa em dois mundos: em primeiro plano, o respeito ao seu trabalho intelectual. Sua biblioteca representava para mim seu laboratório de pesquisa. Jamais o interrompi em sua máquina de

¹⁷¹ LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz*. Natal: Ed. RN econômico, 1978. p. 111-112.

¹⁷² CASCUDO, Luís da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 47.

¹⁷³ *Id.*, *Ibid.*, p. 47.

escrever, na elaboração de seu trabalho mental. Doeime com toda plenitude sabendo distinguir o marido do escritor. Adorava ambos¹⁷⁴.

O laboratório de pesquisa de Câmara Cascudo ocupava dois cômodos centrais da casa: a sala de visitas e uma saleta auxiliar da sala de jantar, transformada em depósito para os seus livros. A localização dos espaços escolhidos por Câmara Cascudo para abrigar o seu laboratório de pesquisa, já nos mostra a permanência da centralidade de *Cascudinho* em sua família. Agora, não mais constituída apenas por *MAMÃE*, *PAPAI* e *EU*, não necessariamente nessa mesma ordem, conforme vimos nos capítulos anteriores. Cascudinho que nasceu numa casa, viveu toda a sua infância dentro de casa; e que ao se tornar rapazinho transformou a sua casa no *Principado do Tirol*. Após o casamento teve a sua casa dividida em dois mundos por sua esposa para abrigar o seu *mundo* povoado não mais pelos personagens saídos dos livros de figuras de Benjamim Rabier, mas por lendas colhidas diretamente do seu contato direto com o povo.

Nas páginas do número especial da revista *Província* a sua obra impressiona não por suas proporções monumentais, mas pelo fato de ter sido inteiramente produzida *dentro* de sua casa, localizada distante dos grandes centros políticos, econômicos e culturais, o que por si só foi utilizado pelos *romeiros* de São Cascudo, colaboradores dessa edição especial da revista *Província*, como argumento para definir a casa do *velho professor aposentado* como portadora de uma aura santa irradiada pela presença singular de Câmara Cascudo.

Quando cheguei pela primeira vez a Natal, ansioso por abraçá-lo, nem lhe conhecia a morada. Não havia por ali ninguém de colarinho e gravata a quem perguntar. Apenas uns garotos meio esfarrapados, carinhas sujas, jogavam gude em plena rua; arrisquei a pergunta: Sabem onde mora o escritor Câmara Cascudo? E logo todos gritaram: Ora moço sabemos todos! (...) Já defronte ao número 377 da rua Junqueira Aires (...) Ao subir a pequena escada, senti a emoção de um crente fervoroso que entrasse no vaticano para ver o Papa. E já dentro da velha casa, defendendo-me dos livros mal arrumados, parecendo que vão soterrar as visitas, e vendo os bonecos folclóricos o bando de meninos da rua, que alegria, que efusão, a mesma do reencontro de velhos amigos. Ainda com a voz embargada, pedi um copo d'água, e Cascudo fez questão de que eu a bebesse no copo de prata. Seria água

¹⁷⁴ CASCUDO, Dália Freire. *Dália, flor sem espinhos*. Disponível em: www.cascudo.org.br/biblioteca/homem/depoimento. Acessado no dia 23 de abril de 2012.

benta? Não sei, mas era pura, e chegava a ter sabor. Tinha gosto de afeto, como se tivesse jorrado do coração de Cascudo¹⁷⁵.

O próprio Câmara Cascudo reforçava a aura santa em torno da sua casa, quando ao ser questionado sobre os motivos que o teriam levado a se dedicar ao estudo da cultura popular respondia que a *vocação* era um *mistério*. Uma missão divina, a qual não nos cabe compreender, apenas aceitar e manter-se fiel a ela. Ao exaltar a sua fidelidade funcional, Câmara Cascudo sacralizou a sua atividade; e, ao sacralizá-la revestiu de santidade a si próprio e a sua casa, visto que todas as suas obras foram escritas dentro dela. Ele diz: *Nunca me interessei pelo folclore. Ele é que se interessou por mim*¹⁷⁶.

Além da aura santa criada por Câmara Cascudo em torno do exercício da sua *vocação*, também, não encontramos durante a análise discursiva do material memorialístico selecionado por Câmara Cascudo para compor a sua *história de um professor de província*, o qual constitui a sua versão oficial de si, e do seu diário de 1969, que *revela* detalhes da vida íntima do *velho professor aposentado rumando ao tranquilo anoitecer*, uma única linha sobre a história da casa onde Câmara Cascudo produziu grande parte de sua obra. O que a princípio poderia nos parecer incoerente, entretanto, ao investigarmos os registros históricos produzidos pela Fundação José Augusto para integrar o pedido de tombamento do imóvel nós observamos que a eliminação das memórias que constroem o vínculo afetivo do memorialista potiguar com essa casa está plenamente coerente com o relato autobiográfico montado por ele, pois a história dessa casa é a história da família Freire em Natal.

De acordo com o relatório produzido pela Fundação José Augusto, a casa foi construída em fins de 1900 pelo industrial e coronel Afonso Saraiva Maranhão. Em 1910, após a morte do coronel a casa foi vendida ao juiz federal José Teotônio Freire, que nela residiu com sua família até 1944, ano de seu falecimento. Em seguida, a casa foi alugada pela viúva do juiz federal, Dona Maria Leopoldina Viana, a um órgão ligado ao Exército, que devido ao mau estado de conservação do imóvel decidiu colocar a casa

¹⁷⁵ CAMARGO, Joracy. A maior glória de Câmara Cascudo. IN: *Revista Província* n 2. Natal, UFRN/IHGRN, 1998 (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969). p. 23 e 24.

¹⁷⁶ BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Câmara Cascudo. *Revista Manchete*. p. 70.

à venda, em 1947, a qual foi imediatamente comprada pelo seu genro, Luís da Câmara Cascudo que passou nela a residir com sua família até o dia do seu falecimento, 30 de julho de 1986¹⁷⁷.

Habitado a viver em casa própria, comprou esta, e assim minha mulher nasceu nesta casa, que é a única dos filhos do velho juiz, desembargador, o último juiz federal, José Teotônio Freire, nascida em Natal. Todos os outros nasceram em Macaíba. Minha mulher nasceu aqui¹⁷⁸.

Essa é a casa onde nasceu Dona Dália Freire, a mulher que viria a se tornar numa cerimônia celebrada, também, nessa casa, no dia 21 de abril de 1929, a esposa de Câmara Cascudo. O que justifica o fato das memórias localizadas nessa casa terem sido apagadas por Câmara Cascudo da sua história de um professor de província, que na ausência de uma história genealógica sobre a casa escolhida para representar concretamente a sua história na cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida, a transformou num espaço mítico, povoado de lendas contadas pelo povo da cidade sobre a casa onde mora o monumento vivo da cidade de Natal.

As paredes de uma sala de seu casarão-biblioteca-museu, na Junqueira Aires, de cujas varandas se avista o mais lindo pôr do sol, estão cheias de assinaturas ilustres de estrangeiros e nacionais, que ali foram “beijar a pedra”, no gesto ritual e comovedor da visita obrigatória ao mestre natalense, já monumento de si mesmo, em pleno estado de graça, aureolado por aquela machadiana “glória que fica, eleva, honra e consola.” Ele é o nosso totem, o nosso mito, o nosso homem-escritor símbolo realíssimo e vivo na altura de seus mais de oitenta anos magníficos e generosos¹⁷⁹.

Os relatos escritos pelos *romeiros* articulados ao discurso memorialístico de Câmara Cascudo nos permite visualizar a existência entre os romeiros e o homem-

¹⁷⁷ Todas as informações sobre a casa de Cascudo foram retiradas do relatório produzido pela Fundação José Augusto para integrar o pedido de encaminhamento do tombamento do imóvel, feito em 1989, ao Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio Grande do Norte. Localizado no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, da Fundação José Augusto. Natal/ RN.

¹⁷⁸ LYRA, Carlos. *Cascudo e a sua biblioteca*. In: LYRA, Carlos. *Luís da Câmara: depoimentos*. p. 61.

¹⁷⁹ COSTA, Américo de Oliveira. A terra de Cascudo. In: *Crônicas Natalenses – Antologia*. Natal: EDUFRRN, p. 50.

monumento, entre os anos de 1970 e 1980, a prática do que nomeamos de *ritual de visitação a casa de Cascudo*. Um ritual de normas “que se obviamente precisam dos indivíduos para poder se concretizar, ditam a esses indivíduos como é que devem ser atualizadas e materializadas¹⁸⁰”.

Mestre Cascudo tem uma maneira toda especial de *despachar* as pessoas quando o papo já está cansando. Mas o interessante é que o ex-presidente Juscelino Kubitschek veio a Natal e fez questão de conhecer o papa do folclore. Lá pras tantas, reparando que Cascudo apenas ouvia a conversa, o presidente disse: mestre Cascudo, quando chegar a hora de sair do terreiro me avise. É que a maneira de Câmara Cascudo expulsar a sua molecada (ex-alunos, amigos) já era conhecida em todo o Brasil. Até o presidente¹⁸¹. (*grifo do autor*)

Os relatos tecem a trama, que conecta o espaço aos objetos, transformando o seu *laboratório de pesquisa*, lugar onde recebia as visitas, no mundo *fabuloso* do mestre Cascudo, o único mundo para o qual foi efetivamente criado. Os objetos que compõe o cenário do ritual de visitação composto por imagens antigas; totens; amuletos; efígies; bichos empalhados; peças de madeira de Chico Santeiro; peças de barro do mestre Vitalino; retratos; máscaras; diplomas; condecorações; desenhos; flâmulas; moedas; panos pintados; estatuetas africanas; objetos de índios; fósseis milenares; além dos livros espalhados pelos quatro cantos da biblioteca, empilhados nos cantos das paredes do chão da biblioteca ou sobre cadeiras, são apresentados através dos relatos, enquanto, portadores de uma aura santa, que ao se constituírem, enquanto, objetos constituem simultaneamente o espaço e o sujeito que nele habita. Os atributos intrínsecos dos artefatos, é bom que se lembre, incluem apenas propriedades de natureza físico-química: forma geométrica, peso, cor, textura, dureza, etc. Nenhum atributo de sentido é imanente. O fetichismo consiste, precisamente, no deslocamento de sentidos das relações sociais onde são efetivamente gerados – para os artefatos, criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade¹⁸².

¹⁸⁰ DAMATTA, Roberto. *A casa & a Rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 37.

¹⁸¹ LUIZ, Gerson. O terreiro de Cascudo. *jornal A República*. Natal, 01 de outubro de 1974.

¹⁸² MENEZES, Ulpiano T. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.11. 1998. p. 91.

Rua Junqueira Aires. Endereço famoso. Aí reside Luís da Câmara Cascudo, historiador da cidade. O solar elegante, com varanda, mostra na fachada as marcas do tempo. Transpondo o velho portão de ferro trabalhado, venço a escadaria de mármore e estou emocionado, diante da porta da frente. Dá-me de repente, um acesso de timidez. É tarde, porém, para retroceder. Bato palmas, desprezando a “cigarra”. Anália velha serviçal da casa, atende e me anuncia Em seu escritório trajando pijama, charuto entre os dedos, Cascudo não parece comendador, nem escritor internacional, mestre do folclore. É um sertanejo velho e simpático quem está diante de mim, largando de vez em quando gargalhadas imensas. Ao redor paredes cheias de livros de cima a baixo. Brochuras em sua maior parte imagens barrocas e estatuetas várias espalham-se nos quatro cantos da sala e em cima do birô desordenadamente. Entre elas, um São Sebastião preso a um cardeiro nordestino. E, mais livros – em pilhas, no chão sobre as cadeiras (estilo antigo), nas estantes que vão a duas salas vizinhas. No vão de parede livre de livros: autógrafos a lápis. De gente famosa que o visita (...) O tempo da visita já vai se esticando demais. Eu penso em me despedir, mas é Cascudo quem fala brincalhão.
- *Cruviana*, vá baixar noutro terreiro¹⁸³. (*grifos do autor*)

Ao definir o que é um *não-lugar*, Marc Augé nos ajuda a pensar sobre o modo como se constitui um lugar. Um processo que pode ser descrito numa única palavra *relação*. Ela é construída através do estabelecimento de vínculos sejam eles afetivos e/ou culturais; e, os relatos dos *romeiros*, nesse sentido, tiveram um papel fundamental na construção e manutenção dos laços que ligavam as pessoas, sejam elas moradoras ou não da cidade, à casa de Cascudo. Seja por meio da fixação do que nomeamos de *ritual de visitação*, que ao mesmo tempo em que distancia ao atribuir à casa de Cascudo um caráter sagrado, aproxima ao torná-lo um lugar visitado por todos, afinal é casa do *mestre de todos nós*; seja através da criação do que podemos chamar de uma *rede social de devotos do São Cascudo*, visto que a produção e a circulação desses relatos não só atuavam na reafirmação da fé entre os devotos de São Cascudo, como também, favoreciam a adesão de novos fiéis.

O Mestre Cascudo, já o disseram é o *mestre de todos nós*, e como eu duvidasse, fui lá e vi-o, numa simples tarde de maio, e senti as palavras do Mestre¹⁸⁴. (*grifos do autor*)

¹⁸³ JÚNIOR ONOFRE, Manuel. *Guia da cidade do Natal*. 5ed. Natal: Sebo Vermelho, 2009. p. 153-154.

¹⁸⁴ PATRIOTA, Nelson. Encontro com Mestre Cascudo. *jornal A República*. Natal, 22 de maio de 1974.

Um ritual que envolvia o uso de uma indumentária específica por parte do visitado: pijama de sedas e um par de sandálias; um modo peculiar de receber os seus *romeiros* - deitado numa rede ou sentado numa cadeira de balanço, com as pernas esticadas, fumando o seu inseparável charuto, que só abandonaria perto de sua morte; e, um cenário fixo, visto que nos relatos dos romeiros as *aparuições* do homem-monumento aconteciam em seu *laboratório de pesquisas*; com hora certa para começar, mas que só terminava quando o *santo* despacha-se.

Na sua porta do chalé da Avenida Junqueira Aires há essa advertência: *O professor Câmara Cascudo não recebe pela manhã. Abre exceção para os amigos e ex-alunos. E despede-se sempre com essa benção apostólica: Vá baixar em outro terreiro*¹⁸⁵. (*grifos do autor*)

A nossa vida ainda se rege por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis, dicotomias as quais as nossas instituições ainda não tiveram coragem de dissipar. Essas dicotomias são oposições que tomamos como dadas à partida: por exemplo, entre espaço público e privado, entre espaço familiar e espaço social, entre espaço cultural e espaço útil, entre espaço de lazer e espaço de trabalho. Todas estas oposições se mantêm devido à presença oculta do sagrado¹⁸⁶. Por isso, o *normal*, o *esperado* e o *legitimado* é que ao atravessarmos a fronteira que divide o espaço público e o espaço privado essa mudança, também, venha acompanhada de uma alteração em relação às nossas atitudes; os nossos gestos; às nossas roupas e os nossos papéis sociais, pois sabemos e aprendemos desde cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de determinados espaços.

Ele é um homem que acorda cedo, fuma em média de quinze a vinte charutos por dia, mas não traga (...) gosta imensamente de andar em casa de pijama, ou quando muito de paletó de pijama E de paletó de pijamas recebe os amigos mais caros e as visitas mais ilustres¹⁸⁷.

¹⁸⁵ PEREIRA, Nilo. O que se conta de Câmara Cascudo. *jornal A República*. Natal, 28 de abril de 1985.

¹⁸⁶ FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 413.

¹⁸⁷ CASCUDO, Fernando Luís da Câmara. Luís da Câmara Cascudo no museu da imagem e do som do Rio de Janeiro. In: LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. p. 52.

Receber os *amigos mais caros e as visitas mais ilustre* de pijama não é o *legitimado*, não é o *aprendido*. Porém, ignorando a existência dessa fronteira institucional que regula o modo como as pessoas devem sentir, pensar e agir, Câmara Cascudo transformou a sua casa numa extensão das principais instituições públicas da cidade, provocando a interpenetração do espaço público e do espaço privado, os quais passaram a ser regidos a partir de uma lógica única: a lógica da casa, tornando a cidade de Natal uma extensão do seu *reino doméstico*, onde sentado em sua cadeira balanço como um *autêntico barão feudal* exercia o seu poder de mando sobre todas as *coisas domésticas*.

Esta cadeira de balanço é o meu trono e esta casa, meu reinado. Para continuar aqui abdiquei de muitas coisas que teriam tentado ao mais insensível dos mortais, mas sempre fui fiel à minha vocação de professor – e isso é uma coisa rara de se ver no Brasil, um homem fiel à sua vocação. Sempre trabalhei sozinho, sem a ajuda de ninguém, sem verbas, sem tomar dinheiro emprestado, e, sobretudo, sem ir atrás do andor. Eu vejo a procissão passar, mas atrás do andor eu não vou não¹⁸⁸.

Observem a imagem a seguir. A imagem foi publicada pela primeira vez, em 1974, na primeira edição do livro *Uma Câmara vê Cascudo*.

¹⁸⁸ RÊGO, Luzanira. Câmara Cascudo: aos 80, um homem que não diz *amém* nem vai *atrás de andor*. *Jornal Diário de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1978. Entrevista disponível em <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/homem/entrevistas>. Acessado no dia 17 de janeiro de 2012.

Figura 2: Cascudo e a sua biblioteca



Fonte: *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo

Essa também foi a imagem escolhida pelo diretor Walter Lima Júnior para encerrar o documentário - *Conversa com Cascudo* – produzido, em 1977, numa parceria entre o Departamento do Filme Cultural; a Fundação José Augusto e a Embrafilme, onde o fotógrafo particular de Câmara Cascudo, colaborou como assistente de produção. Essa imagem, também, foi publicada por Carlos Lyra em seus dois livros: *Uma Câmara vê Cascudo*, cuja primeira edição data de 1974; e, *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*, publicado em 1999.

Evoco a amizade afetiva que ligava Luís da Câmara Cascudo, meu marido, ao Carlos Lyra, seu fotógrafo, sorriso franco e sensibilidade de artista¹⁸⁹.

Nós observamos que o livro publicado por Carlos Lyra, em 1974, serviu de inspiração para a montagem do roteiro do documentário pelo diretor Walter Lima

¹⁸⁹ LYRA, Carlos. *Uma câmara vê Cascudo*. 3 ed. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2002.

Júnior, que reproduz fielmente a imagem composta por Câmara Cascudo e Carlos Lyra, pois, segundo nos confidenciou o filho do fotógrafo particular de Câmara Cascudo, Carlos Lyra Filho, muitas vezes ele acompanhou o seu pai até a casa de Câmara Cascudo, que o ligava a qualquer hora do dia e da noite para registrar detalhes da sua intimidade.

No documentário - *Conversa com Cascudo* - essa interpenetração de que falávamos anteriormente do público no privado pode ser notada através do modo como as imagens captadas pela câmera foram coladas ao áudio para a encenação do ritual de visitação. O documentário se inicia com imagens das ruas próximas a casa de Câmara Cascudo. O *romeiro* ainda não entrou na casa, mas já escuta a voz do mestre Cascudo explicando os motivos que o levaram ainda em vida a ser reconhecido na cidade onde nasceu, cresceu e viveu como *o santo de casa que faz milagre*. Da sua casa, a sua presença se irradia por toda a cidade. Não é preciso visitá-lo para conhecer os seus milagres. O simples fato de permanecer vivo e lúcido em sua casa já é um milagre.

Acompanhado pela voz do santo o *romeiro* chega até a sua casa. Permanece parado por um instante diante do número 377. Sobe as escadas. Na porta de entrada uma placa branca com bordas e letras vermelhas, chama a sua atenção. Nela, apesar de algumas letras estarem apagadas é possível ler: *o professor Cascudo não recebe pela manhã*. Ao entrar na casa é a foto do santo que recebe o *romeiro*. Em seguida, o *romeiro* se dirige até o santuário onde lhe é permitido fazer algumas orações. A câmera explora minuciosamente cada canto do santuário.

Estantes atulhadas de livros. Na mesa de trabalho, a sua máquina de escrever; pilhas de correspondências; e duas imagens enormes de santos. Aliás, era possível observar dezenas de imagens de santos de todos os tamanhos espalhados em todos os cantos da biblioteca; além de terços gigantes pendurados nas estantes; fotos de família; fotos do professor Cascudo; condecorações. Para só então visualizarmos a presença do professor Cascudo sentado em sua cadeira, trajando blusa branca e calça azul, que como uma fonte inesgotável de saber fala sem parar sobre os primórdios da sua carreira, de como se interessou pelas pesquisas folclóricas, descreve o Bumba-meu-Boi. Nesse ponto, as imagens da casa são alternadas com imagens relacionadas às manifestações folclóricas citadas pelo mestre Cascudo em sua conversa.

Cascudo e a sua biblioteca é o último ato da encenação do ritual de visitação mostrado por Walter Lima Júnior. Além dos objetos *sagrados* nós gostaríamos de destacar dois pontos, os quais estão diretamente relacionados ao posicionamento de Câmara Cascudo na imagem. Primeiro nós gostaríamos de destacar a sua presença de *p * na sacada da janela do seu santuário, situado exatamente na fronteira que divide o espaço da rua e o da casa, com o olhar voltado para a rua. A imagem nos sugere a leitura de Câmara Cascudo como esse ponto de união entre o espaço da rua e o espaço da casa; entre o espaço profano e o espaço sagrado.

Todos os primitivos guardavam a porta que para eles não era apenas o acesso à posse material, mas também, a inicial sagrada, limiar onde a família come ava¹⁹⁰.

A casa é um espaço sagrado para Câmara Cascudo por isso respeitá-la   um *dogma*. Dentro e fora da casa existem tradi es *velhíssimas* transmitidas de *Pai* para *filho*, que se dissipam num lugar e resistem noutra, entretanto, não há outra paragem, afirmou o etnógrafo potiguar, em que a dignidade humana tenha mais alta expressão orgulhosa de domínio. Da porta para dentro, a casa guarda mais que o íntimo, guarda a história da família que ao longo de gera es viveu naquele espaço. As suas paredes, ao contrário dos apartamentos, estão impregnadas de história, cada canto e objeto que compõem a mobília de uso doméstico e pessoal da família estaria marcada por uma espécie de mística brasileira.

Junto da janela, a velha poltrona de meu pai, onde ele costumava sentar ainda estava na antiga traço Força e Luz pelos operários. Quando ele faleceu em 1935 meu sogro passava longas temporadas em nossa casa sete de setembro, onde faleceu numa casa que não existe mais. A poltrona passou a ser do meu sogro, e hoje, minha, onde faço a revisão nas idéias mais atrevidas acomodo-as ao di rio¹⁹¹.

É o que Gilberto Freyre chamou de *transobjetos*. É o quase místico chinelo de andar-se em casa, o relógio de parede que, não raro às vezes, parava no momento exato

¹⁹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civiliza o e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. p. 170.

¹⁹¹ *Id.*, *Cascudo e a sua biblioteca*. In: LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo : Depoimento*.p.59

de morte do dono da casa, pianos, sofás, cadeiras, álbuns de retratos, gamelas de banho, bacias de louça de lavar o rosto, panelas, pilões, espanadores, enfim objetos que após a morte de seu proprietário manteriam intactos, como frascos de perfumes vazios, as fontes de velhos odores. A velha poltrona do pai de Câmara Cascudo é a poltrona que aparece na composição da imagem de 1974 dramatizada por Walter Lima Júnior no documentário de 1977. Essa é a poltrona onde Câmara Cascudo costumava receber os seus *romeiros*. Assim como os seus livros e os objetos presentes dados por amigos ou adquiridos em suas viagens quando integrados ao cenário ganham *vida*, como se fossem seres humanos capazes de falar e despertar entre os seus observadores reações inesperadas, enquanto, que o possuidor desses objetos, conforme leitura sugerida pela imagem, caminha exatamente no sentido oposto se tornando ele mesmo mais um dos santos barrocos da sua biblioteca.

3.2 Os *romeiros*

Todos os ritos públicos que assumem um aspecto legal, solene e que são controlados pelo Estado ou pela igreja vêm sempre da rua para a casa; enquanto que todos os cerimoniais domésticos tradicionais: nascimento, batismo, aniversários, casamento e funerais, fazem o movimento inverso: abrem a casa para a rua¹⁹². As visitas sempre foram um capítulo especial de nossa vida social, existindo um espaço nas casas dedicados só para ela: as salas de visitas. O ritual de receber uma visita observou Da Matta tinha e ainda tem requintes quase barrocos, pois significa abrir o espaço da casa para estranhos.

Uma solenidade marcada por um conjunto de normas que visam transformar o *estranho* momentaneamente em visita a fim de garantir a sua entrada no espaço sagrado do lar. Porém, de acordo com uma das hipóteses centrais desse capítulo nós buscaremos mostrar que Câmara Cascudo ao ignorar essa fronteira moral que divide o espaço

¹⁹² DAMATTA, Roberto. *A casa & a Rua: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil*. p.44.

público e o espaço privado transformou a sua casa, entre os anos de 1970 e 1980, numa extensão dos principais espaços públicos da cidade.

Para esse item nós destacamos o livro, encomendado pela *Comissão das Instituições Culturais do Estado*, como parte dos festejos da *feira dos oitenta*, publicado pelo *romeiro* Diógenes da Cunha Lima, no dia 30 de dezembro de 1978, com o título *Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz*, que apesar de ter sido escrito as pressas, conforme confidenciou o seu autor, o livro foi feito a partir de anotações iniciadas em 1958.

Peço desculpa pelas omissões. Este livrinho foi escrito em 8 dias. Comecei a rabiscá-lo na manhã de sábado, 02 de dezembro, 1978. Falho, pois, pela pressa para que seja lançado a 30, dia do octagésimo aniversário do Mestre Cascudo. Contudo, retrata vinte anos de convivência afetuosa, admiração crescente, leitura da obra de Câmara Cascudo e interesse pelos fatos marcantes de sua vida. Nunca usei gravador para que ele não perdesse o mínimo de espontaneidade. Sempre me gabei de ter boa memória, mas desde 1958 tive cuidado de anotar os trechos de conversa, significativos para mim¹⁹³.

Sem o uso de gravador e sem a preocupação de indicar as fontes de onde foram retiradas as histórias contadas em seu livro sobre as visitas que estiveram na casa do biografado. O *romeiro* dedicou um capítulo intitulado *Anedotário, bom humor de Cascudo*, em que ele destaca o *Câmara Cascudo – causeur admirável*. Além da reunião de testemunhos de grandes nomes da cultura nacional e local nos quais exaltam a imagem do homem-monumento, com a reprodução de trechos dos depoimentos da revista *Província* publicada pela Fundação José Augusto, em 1968, como parte dos festejos dos seus setenta anos de vida e dos cinquenta anos de atividade literária; e, testemunhos de nomes de destaque da cultura potiguar, frequentadores da casa de Câmara Cascudo, nos quais aproveitaram a ocasião para exaltar a casa como um espaço sagrado para cidade.

Nilo Pereira

A impressão que me dá o seu gabinete, o seu laboratório, o seu santuário, tem algo de litúrgico. Pratica-se ali, com efeito, a liturgia da

¹⁹³ LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo um brasileiro feliz*. p. 183.

beleza; o verbo se faz carne, a indagação, certeza; a especulação, ciência; e a viagem em torno do quarto, a velha maneira de Xavier de Maitre, estende-se ao mundo inteiro, numa inquietação intelectual sem uma trégua. Tudo ali se fez: Arte, Ciência e Magia¹⁹⁴.

Com a visão e a audição seriamente comprometidos, Câmara Cascudo contou com o apoio incondicional da sua família tanto na montagem do cenário como na encenação do ato litúrgico. A sua esposa que já havia dividido a casa em dois mundos para o seu *laboratório de pesquisa*, jamais o interrompendo quando estava à máquina, após o anúncio da sua aposentadoria oficial, em 1968, assumiu a função de secretária do mestre, sendo responsável pela organização da sua agenda de compromissos, pela marcação das entrevistas; pela fiscalização do cumprimento dos horários estabelecidos para as consultas dos romeiros ao *mestre*. Além de ditar ao telefone às respostas do *mestre* aos romeiros, permanecendo ao lado do marido durante todos os seus compromissos oficiais ocorridos dentro e fora da casa; desde uma simples consulta feita por um estudante até a entrega de alguma honraria nacional ou internacional.

O poeta João Cabral de Melo Neto insiste em ver Cascudo. Dona Dália adia várias vezes a visita preocupada com a saúde do marido. Zila Mamede interfere lembrando que *o embaixador, maior poeta do Brasil* vai dar alegria a Cascudo. Pontualmente, às três horas da tarde chega o poeta. Cascudo não se contém. De pé, gesticula, conta causos, relembra fatos pitorescos durante mais de duas horas. Enquanto recita poesia galega, Cascudo sente-se mal e desmaia. Zila e João Cabral evitam a queda. Descobrir o cardiologista! Telefone ocupado. João Cabral toma tranquilizante, os primeiros comprimidos que encontra. Cascudo abre lentamente os olhos.
- Estou preocupado – diz, fazendo-se de triste – *com ele!*
E aponta para o poeta¹⁹⁵... (*grifos do autor*)

Nós dividimos os *romeiros* em sete categorias: os jornalistas; os políticos; os estudantes; os pesquisadores; os artistas; os patrícios e os curiosos anônimos, sendo a última categoria descrita por Câmara Cascudo como os *inconvenientes*. Os *chatos de galocha da vida*, que iam a sua casa apenas para observá-lo como uma *ave rara*. Esses o mestre Cascudo declarou que recebia com *má vontade* e *com reservas*, pois não era

¹⁹⁴ LIMA, Diógenes da Cunha. *Cascudo um brasileiro feliz*. p. 115-116.

¹⁹⁵ *Id.*, *Ibid.*, p. 164-165.

*museu para ser espiado com minúcias e detalhes*¹⁹⁶. O romeiro Diógenes da Cunha Lima, também, registrou a visita de Frei Damião a casa de São Cascudo, que estando em Natal, teria sido perguntado se pretendia visitar o arcebispo, no que o santo canonizado pelo povo do nordeste teria respondido: *Não, a única pessoa que quero visitar é Luís da Câmara Cascudo*.

Frei Damião, santo canonizado pelo povo do Nordeste, visita Natal. O Padre Zé Luiz, ciceronando, pergunta:

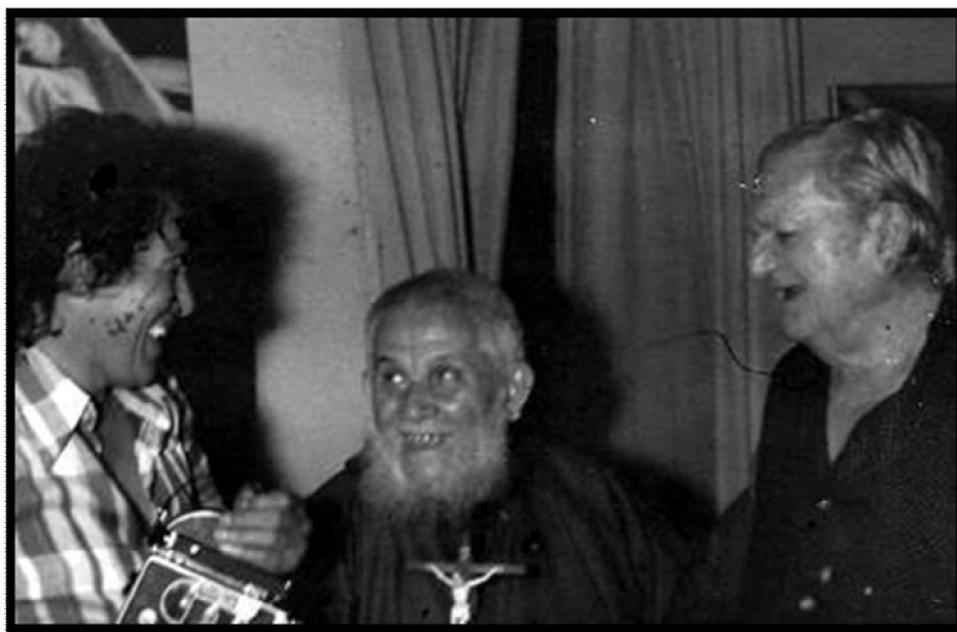
- O Senhor quer visitar o Arcebispo?

- Não a única pessoa que quero visitar é Luís da Câmara Cascudo.

Depois, o Santo homem sentiu as conotações da resposta e possíveis interpretações. Justificou-se:

- Ninguém entende mais de Canto Gregoriano do que Câmara Cascudo¹⁹⁷! (*grifos do autor*)

Figura 3: Visita de Frei Damião ao mestre Cascudo em 1977



Fonte: Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo

¹⁹⁶ SILVA, Abimael. Uma visita diferente. *jornal A República*. Natal, 14 de setembro de 1983.

¹⁹⁷ LIMA, Diógenes da Cunha. *Cascudo um brasileiro feliz*. p. 156.

Os discursos produzidos pelos *romeiros* de São Cascudo destacam a hospitalidade do *mestre de todos nós* que recebe a todos *sem distinção* em seu sobrado que dispensa o uso de endereço, pois *o caminho natural leva a Junqueira Aires, 377, ou ao telefone 1852*.

Tenho alegria em continuar Professor. Diariamente Dália transmite ao telefone respostas às consultas de História, Literatura, Etnografia, além de rapazes e moças que recebo e oriento, ditando notas ou emprestando livros. Fácil é indicar temas aos estudantes sem que saibam onde estão as fontes, notadamente quando se trata do Rio Grande do Norte. O caminho natural leva à Junqueira Aires, 377, ou ao telefone 1852. Há quem ignore que, aposentado, não permitiram que deixasse a cátedra. *Não estou comendo deitado*¹⁹⁸. (grifos do autor)

Nas páginas do seu diário de 1969, entre os visitantes encontramos jornalistas, militares, padres, professores, pesquisadores *patrícios*, que vinham pedir orientação em relação à condução de suas pesquisas. Muitos *romeiros* vinham de longe. Sozinhos, acompanhados por parentes, amigos ou em comitiva lotavam a sua salinha de livros.

O proprietário de um hotel na Av. Almirante Alexandrino, no Alecrim, aparece-me com um grupo de jovens hóspedes. Curiosos, reverentes e simpáticos. Falam dos meus livros. Sou vacinado contra a vaidade, mas fiquei tentado por essa diabinha, filha da mentira e do amor... próprio¹⁹⁹.

O santuário de São Cascudo não era apenas lugar de visitação turística. Era também arquivo público da cidade onde pesquisadores estrangeiros e *patrícios* consultavam o homem-enciclopédia sobre a história de todas as coisas; indicando fontes sobre o tema pesquisado; além de atuar como biblioteca pública realizando empréstimos de suas obras aos *romeiros*. No diário do *velho professor aposentado* Câmara Cascudo destacou a presença constante dos estudantes lotando a sua salinha de livros para assistir as suas aulas, não se limitando apenas a ouvi-lo falar, mas também sugerindo temas para conferências futuras. Apesar da *irreverência* destacada pelo *mestre* em relação a essa

¹⁹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 90.

¹⁹⁹ *Id.*, *Ibid.*, p. 97.

categoria de romeiros, assim como as demais, essa também não escondia o seu *encanto* diante do monumento vivo em seu *laboratório de pesquisa*.

2 de setembro

Estudantes, rapazes e meninas, enchendo minha salinha de uma curiosidade irreprimível. Falam devagar, sorrindo, rompendo o acanhamento na confiança que lhes inspiro. Vez por outra, silêncio. Olham-me como se desejassem não esquecer a velha fisionomia que, pela primeira vez, fica ao alcance do exame juvenil:

- O senhor já leu esses livros?²⁰⁰

Para receber os *visitantes ilustres* de preferência os *estrangeiros* Câmara Cascudo mencionou em *O Tempo e Eu*, que contava com os serviços de um *contact man* contratado pelo estado para *evocar* os episódios e *recordar* as *ocorrências consagradoras*, que acompanhava a visita *no automóvel posto a disposição dos outros*.

Fico rejubilado verificando ser ainda útil à valorização dessa atividade espontânea de *contact man*. Evoca meus episódios, recorda ocorrências consagradoras, cita livros, relações de viagens. Um encanto... Segue, superior e risonho, até o portão, saudando, retomando o automóvel posto à disposição dos outros. Desaparece. Nenhum sinal de vida. Até que um novo visitante apareça²⁰¹... (*grifos do autor*)

Em *O Tempo e Eu*, Câmara Cascudo destacou ainda o espaço da sua casa como um espaço onde *mudo, quieto num canto* emprestava a sua salinha para reuniões políticas. Relembrando os tempos áureos de sua família quando as decisões políticas eram tomadas dentro da casa do seu *Pai* o coronel Francisco Cascudo. Para essa categoria de visitante nem era preciso consultar a sua secretária para saber qual a disponibilidade do *mestre*. Bastava uma ligação para comunicar o horário ao mestre.

Telefonam do palácio do Governo, avisando-me que o governador estará às sete e meia em nossa casa, acompanhando um ministro de Estado que deseja conhecer-me. Às oito, aparecem suas excelências,

²⁰⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)*. p. 138.

²⁰¹ *Id.*, *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 201.

com um ajudante de ordens de alarmares vistosos. O ministro abraça-me, apertando-me os ombros, com uma longa frase gentil, aludindo ao meu trabalho na província, sem auxílios oficiais e com repercussão no estrangeiro. O governador completa a informação, salientando o meu completo alheamento na política local. Concordam que sou uma raridade. Passam a biblioteca sentam-se e imediatamente recomeçam um debate que deve iniciar-se ou encerrar-se? Durante meia hora permutam brasas e flores hábeis sorrindo para mim, com acenos de cabeça e mão. Levantam-se os dois. O ajudante estivera olhando as coleções de curiosidades. Repete o ministro as palavras generosas. Não permitem que eu desça a calçada. Do portão acenam amáveis. O ajudante fecha o gradil e faz uma continência. Retomam o carro e partem. Tive a honra de emprestar minha salinha para uma discussão administrativa de interesse federal onde fui testemunha, homenageada e silenciosa²⁰².

Além das visitas, Câmara Cascudo registrou o recebimento de livros enviados pelo correio ou entregues em mãos pelo próprio autor em sua casa, que aproveitava a oportunidade para pedir ao *mestre* para prefaciá-la sua obra.

17 de março

Celso Caldas apareceu-me (...) traz os originais do Natal do meu passado para que eu leia e elabore justamente o órgão inútil para mim: a orelha!²⁰³

31 de março

Rômulo Wanderley quer meu prefácio para sua História do Batalhão de Segurança.

Além dos convites recebidos para *deitar falação* sobre os mais variados temas durante os inúmeros congressos que aconteceram naquele ano na cidade, destacando a sua presença *ilustre* como orador oficial em eventos considerados marcantes para a administração pública da cidade. Para Câmara Cascudo a casa não é apenas o lugar onde se nasce; cresce; estuda; trabalha; onde se celebra aniversários, casamentos, mas também o espaço onde se permanece vivo mesmo após a morte. A prática do ritual lida nas páginas do seu diário de 1969, nas páginas dos jornais e das biografias e revistas editadas em sua homenagem notadamente após o anúncio da sua aposentadoria oficial

²⁰² CASCUDO, Luis da Câmara. *O Tempo e Eu: confidências e proposições*. p. 195.

²⁰³ *Id.*, *Na ronda do tempo: (diário de 1969)* p. 95.

nos mostra o desfecho de um processo iniciado desde os primeiros anos em que Câmara Cascudo se mudou para essa casa, quando transformou as paredes, janelas e portas da sua biblioteca em seu *álbum raro*.

Essas paredes da minha salinha são curiosas, porque têm alguns milheiros de autógrafos: professores, estudantes, cantores, tudo, políticos, ex-presidente da República, ministro de Estado, gente que passou por aqui para dar um show, outros para dar um show também, mas na acepção política administrativa rodeada de reverências, deram-me a surpresa da presença e do autógrafo na parede. De maneira que é, também, uma espécie de álbum hoje raro porque também uma larga percentagem tem desaparecido²⁰⁴.

Devido a projeção *universal* do seu nome Câmara Cascudo conseguiu capitanear o apoio de todas as instituições culturais do estado para a escrita do que julgamos ser o seu último livro. Numa relação de troca de interesses, Câmara Cascudo emprestava o seu nome para legitimar a atuação dessas instituições do Estado, em troca, como um “Pai”, todas essas instituições iam a sua casa para lhe pedir a benção legitimando a sua atuação como o *dono dominador* que sentado em seu trono reinava soberano na cidade de Cascudo, transformada numa extensão do seu lar, sendo canonizado pela cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida como o padroeiro literário da cidade de Natal. Nas páginas do jornal *A República*, órgão oficial do estado, no dia 30 de dezembro de 1984, menos de dois anos após o seu *encantamento*, no dia 30 de julho de 1986, a cidade celebra a imortalidade conquistada pelo menino que sem jamais sair de *casa* transformou a sua cidade em seu reino encantado, onde podia *ser* o que a sua imaginação sonhasse.

Figura 4: Anúncio publicado nas páginas do jornal *A República*, no dia 30 de dezembro de 1984

²⁰⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e a sua biblioteca. LYRA, Carlos. *Luís da Câmara Cascudo: depoimentos*. Natal: EDUFRN. 1999. p. 62.



Fonte: Jornal A República, 1984

3.3 Minha casa de páginas abertas.

Em fevereiro de 1990, através da portaria nº 045/90, a casa da Junqueira Aires 377, a casa adquirida por Cascudo com os recursos adquiridos através da redação dos verbetes do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, foi tombada. Em 1998, o jornalista Mauro César Carvalho, que veio a cidade de Natal, como enviado especial do jornal *Folha de São Paulo*, para produzir uma matéria sobre o centenário do nascimento de Câmara Cascudo, constatou o abandono e o descaso do poder público estadual em relação à memória do *etnólogo que descobriu nas lendas e costumes do Brasil pré-moderno o encanto dos mitos brasileiros*.

No ano do centenário do seu nascimento, a ser comemorado, no próximo dia 30, Câmara Cascudo (1898-1986), porém está no limbo. A casa onde viveu foi tombada e abandonada. O memorial Câmara Cascudo, na mesma cidade, onde estão depositadas sua biblioteca de 15 mil volumes e 8.000 cartas, é uma espécie de lixão com estantes. Há poeira por todas as partes, pilhas de livros deteriorando num canto, cartas sem ordenação (...) O Sobrado (...) onde ele desejava que fosse um centro cultural, está fechado. Sua biblioteca, abandonada. Há um

conflito ali que só o dinheiro pode resolver. O Memorial Câmara Cascudo, onde está a biblioteca, é público. Os livros pertencem à família Cascudo. Como o governo não tem dinheiro, nem interesse em comprá-la, a biblioteca está jogada às traças²⁰⁵.

Depois de uma longa temporada de portas fechadas, a casa onde Câmara Cascudo viveu e produziu grande parte de sua obra, teve as suas portas reabertas, no dia em que se fosse vivo completaria 111 anos de vida, com a inauguração do *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo. A instalação oficial do Instituto se deu em 07 de outubro de 2007, mas sua inauguração só aconteceu no dia 30 de dezembro de 2009. Transformada em museu, a casa funciona como sede do Instituto, uma associação civil, sem fins lucrativos, e de duração indeterminada. Presidida por sua filha, Anna Maria Cascudo, e administrada por sua neta, Daliana Cascudo, que numa entrevista dada a um jornal local por ocasião da inauguração do Instituto destacou que esse é a realização de um *sonho* antigo da família.

É um sonho muito antigo de nossa família. A nossa intenção é que se torne uma casa biográfica e que consiga ser um local de pesquisa (...) Começamos com o problema dos cupins. Uma casa que tem 109 anos, trocar todo o material mantendo a originalidade foi a dificuldade que encontramos. A casa toda é tombada e por isso não podíamos mexer sem colocar no lugar os mesmos materiais utilizados há 100 anos atrás²⁰⁶.

Em 2005, a casa se achava seriamente comprometida por uma infestação de cupins no seu telhado. Para solucionar este problema, em dezembro do mesmo ano foi iniciada uma restauração. Além do novo madeiramento e telhado, foram recuperados os assoalhos e forros de madeira, as portas e janelas, os gradis de ferro e o piso de ladrilho hidráulico. Todo o acervo da biblioteca particular de Câmara Cascudo, que anteriormente se encontrava no Memorial Câmara Cascudo, foi transferido para o Instituto, que anexo ao espaço da casa construiu um prédio com o propósito de abrigar

²⁰⁵ CARVALHO, Mauro César. Alegres Trópicos – No próximo dia 30 comemoram-se os cem anos de nascimento de Luís da Câmara Cascudo, o etnólogo que descobriu nas lendas e costumes do Brasil pré-moderno o encanto dos mitos brasileiros. *jornal A Folha de São Paulo*. São Paulo, dezembro de 1998.

²⁰⁶ FERRET, Michelle. Uma casa biográfica. *jornal Tribuna do Norte*. Natal, 30 de dezembro de 2009.

adequadamente todo o acervo. E, anunciou, em dezembro de 2009, o que seria o primeiro grande projeto do Instituto, que é a digitalização de todo o acervo de correspondências de Câmara Cascudo, composto por 15 mil cartas.

No futuro a gente vai fornecer material digitalizado como todas as instituições já trabalham seguindo o modelo da Biblioteca Nacional em que você consulta e pode ter uma cópia. O primeiro grande projeto é a digitalização da correspondência que é um material mais delicado²⁰⁷.

O processo de digitalização das cartas está em andamento. Em 2010, a jornalista Michelle Ferret, numa visita guiada ao *museu Casa de Câmara Cascudo*, pela diretora do Instituto, Daliana Cascudo, declarou que *subir as escadas amarelas com faixas vermelhas é como entrar num outro mundo*.

Subir as escadas amarelas com faixas vermelhas contornando os nossos passos é como chegar num outro mundo, imenso. Entrar na casa que pertenceu a Câmara Cascudo por mais de 40 anos é reviver um pouco dos seus hábitos e de sua história, além de ter a oportunidade de ver de perto os seus objetos raros como a máquina Remington – a que ele escreveu maior parte de seus livros – e também todas as assinaturas nas paredes azuis registrando que passou por ali Heitor Villa Lobos, Gilberto Freire e uma infinidade de letras igualmente raras²⁰⁸.

Numa entrevista datada de 02 de abril de 1984, Anna Maria Cascudo, nos revela, que a ideia de criação da fundação se trata na verdade de um desejo manifestado, ainda em vida, pelo próprio Câmara Cascudo.

Eu não sou uma apaixonada, uma enamorada de Natal, embora saiba que tenha que ficar aqui, porque papai já me disse que quando ele desaparecer essa casa tem que virar uma fundação e eu ser presidente enquanto viver, ele não admite outra pessoa, principalmente pela minha sinceridade. Ele quer que aqui se estude folclore, etnografia e história, as coisas que ele sempre amou, e que eu fique à frente, ele

²⁰⁷ FERRET, Michelle. Uma casa biográfica. *jornal Tribuna do Norte*. Natal, 30 de dezembro de 2009.

²⁰⁸ *Id.*, Bem vindo à casa de Cascudo. *jornal Tribuna do Norte*. Natal, 07 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/bem-vindo-a-casa-de-cascudo/136849>. Acessado em 04 de julho de 2012.

disse: Você é a pessoa certa de ficar a frente, não deixe que isso se transforme em escada política, principalmente porque você sabe as pessoas reais que são amigas minhas. Então vocês vão ter que me aguentar e eu aguentar Natal²⁰⁹.

Ao ser questionada se já havia sido articulado alguma coisa em relação à criação dessa fundação, ela afirmou que *caladinha* já havia registrado a sua personalidade jurídica, e cita o que poderíamos chamar de organograma funcional da fundação.

Eu caladinha, caladinha já registrei um instituto de pesquisas Câmara Cascudo, já fiz, já está tudo registrado já é uma personalidade jurídica. Ele já assinou, já está tudo feito para depois se transformar em fundação, com a família à frente, quer dizer eu, meu irmão, Camilo que entra na parte mais técnica e os netos que são muito ligados, o filho que mora em Recife e um primo que é quase um irmão que eu o amo igual ao meu irmão Fernando Luiz. Já existe tudo isso, porque um dos maiores receios de papai, ele me chamou e disse: cuidado para não tomarem isso de você²¹⁰.

Quanto ao Estado, a sua participação se daria sob a forma de convênio, estando sua atuação limitada, por exemplo, à indicação de funcionários. Para que não restem dúvidas, ela cita por duas vezes, que tudo isso só foi pensado e executado devido ao receio que seu pai *um homem pobre* tinha de que ao morrer sua família perdesse o imóvel.

Um homem pobre. Então com esse realismo de ter usado roupa de segunda mão, com esse realismo do dia a dia, de economizar, dessa sinceridade, entendeu, muito de pés na terra, de ter cuidado de já colocar aqui a casa toda sobre o amparo jurídico, com receio que seja tomada²¹¹.

A invenção de si tem a necessidade não só de um discurso sobre si, mas de *projetos de si*. Isso porque a invenção de si pressupõe como possível um projeto de si que implica, conforme nos ensina o professor Jorge Larrosa, numa conquista

²⁰⁹ CASCUDO, Anna Maria. Depoimento gravado pelo jornal Diário de Natal para compor uma série em sua homenagem. No dia 02 de abril de 1984. Arquivo do jornal Diário de Natal.

²¹⁰ *Idem*.

²¹¹ *Idem*.

progressiva e jamais terminada de uma autonomia de ação, de uma autonomia de pensamento, de uma autonomia em nossas escolhas de vida, em nosso modo de vida, pois a invenção de si é uma posição existencial que se desdobra no cotidiano e não somente em situações e contextos particulares²¹². A casa escolhida por Câmara Cascudo para contar a sua história permanece de páginas abertas, pois como diria o mestre Cascudo: *a morte existe, os mortos não!*²¹³

²¹² LARROSA, Jorge. Notas sobre sujeito e narratividade. p. 10-12.

²¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. *Na ronda do tempo (diário de 1969)* p. 141.

CONCLUSÃO : *Minha casa, meu porto*

Encontrei meu porto. Esperança e Fortuna, adeus. Muito me iludiste. Ide iludir a outros agora... Essa é a tradução da inscrição latina presente na placa em azulejo português fixada na porta de entrada da casa de Câmara Cascudo. A placa trazida de Portugal por Câmara Cascudo deve ter sido fixada no mesmo ano em que o escritor potiguar se mudou para a sua primeira casa própria, em 1947, ao retornar da viagem feita a Portugal para participar do *I Congresso Luso Brasileiro de Folclore*. A partir da análise discursiva do discurso memorialístico de Câmara Cascudo reunido em seus três diários de memórias publicados entre os anos de 1968 e 1971 nós concluímos que a casa foi o seu primeiro e o único mundo.

No primeiro capítulo nós vimos que a centralidade da casa observada em relação ao modo como espacializou as suas memórias da infância estava diretamente relacionada aos significados atribuídos por Câmara Cascudo à palavra *Pai*, pitar, patar, pater, fadar vinha da raiz PA que não é engendrar, fecundar, mas proteger, sustentar, nutrir. A imagem de proteção da casa construída por Câmara Cascudo em relação ao espaço da casa estava diretamente relacionada a imagem do seu *Pai* o coronel Francisco Cascudo, o caçador de cangaceiros, o desencantador de alma do outro mundo, o pacificador de conflitos dentro e fora da cidade. Enfim, o *dono dominador* de todas as coisas domésticas.

A centralidade da casa em suas memórias da infância está diretamente relacionada a defesa de um modelo de sociedade que viveu o seu auge entre os séculos XVI e XIX, centrado da figura do *Pai* o patriarca *temido e venerado* por todos na sociedade, que do alto do seu cavalo não temia o estado, nem a policia, nem as leis, transformando as calçadas das casas na cidade numa extensão das suas terras no campo. O que não foi lido por nós como um traço exclusivo de sua personalidade, mas como um valor partilhado por homens que nasceram em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX : os *filhos da casas-grandes* que a partir dos seus escritos buscaram fixar no *Tempo* o passado glorioso de seus antepassados.

No segundo capítulo, com o propósito de avançarmos na leitura da centralidade da casa em suas memórias nós problematizamos o protagonismo atribuído por Câmara

Cascudo a casa no Tirol a *quem* o memorialista potiguar dedicou não apenas um capítulo do seu diário de memórias, mas toda a sua história de um professor de província narrada no tempo em que a luz elétrica vinha das estrelas. No *Tempo* de uma Natal dividida ao meio pela rivalidade dos moradores de dois bairros: o da Ribeira, *os canguleiros* e da *Cidade Alta*, os *xarias*. Um *Tempo* em que todos da cidade pertenciam a família Albuquerque Maranhão e viviam embaixo do amplo e generoso teto da casa do coronel Francisco Cascudo.

Parafrazeando o historiador potiguar *O Tempo e Eu*, também, poderia se chamar *A Casa no Tirol: história e genealogia*, o recorte temporal, os personagens e as memórias escolhidas buscam (re) constituir a saga do coronel Francisco Cascudo, a qual teve um desfecho trágico com a falência financeira do seu pai e perda da casa no Tirol. Contudo, em 1968, através das páginas da revista *A Província* e da escrita do seu diário de memórias a sua casa teve as portas reabertas e através do poder que a saudade nos dá de trazer de volta o passado presente em nós, a sua casa foi transformada em Castelo e o seu morador *exilado* em *príncipe*.

O ano de 1968 foi tomado como um marco temporal estratégico para pensarmos o processo de invenção do santo de casa que *faz* milagres: o São Cascudo, o padroeiro literário da cidade de Natal, pois, marca o momento de ruptura de Câmara Cascudo com o mundo *fora* de casa e a criação de um mundo *dentro* do espaço da casa. A centralidade da casa em suas memórias foi lida como parte de um empreendimento autobiográfico bem sucedido de Câmara Cascudo de construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa. A publicação dos seus diários de memórias é um indício desse isolamento e da construção de um mundo particular *orientado* a partir da *lógica da casa*. Através da sua escrita memorialística Câmara Cascudo monumentalizou a casa onde nasceu; a casa do principado, mas principalmente a casa onde morava, transformando-a no espaço sagrado para o Rio Grande do Norte. Lugar de peregrinação de *romeiros* vindos não só de várias partes do Brasil e do mundo, mas, principalmente da cidade onde nasceu, cresceu e viveu toda a sua vida.

Numa crônica publicada no dia 24 de julho de 1947, meses depois da sua transferência para sua casa própria, ocorrida no dia 09 de janeiro, lamentou o fato de que a casa onde Machado de Assis residiu tantos anos e escreveu tantos livros e onde morreu, situada na Rua do Cosme Velho, tenha sido vendida, derrubada, substituída por

um palacete particular, *num ambiente de desinteresse sereno, de risonha displicência, de conformismo superior.*

Fico pensando noutras casas históricas ou tornadas históricas pelo nascimento de glórias culturais. Sempre são defendidas e transformadas em pequenos museus de recordação, guardando relíquias do escritor ou do músico, do artista nascido entre aquelas paredes. Os ingleses e norte-americanos possuem centos desses sugestivos *Hallas Collection* e *Memoriais* destinados a manter no espírito popular, na alma das crianças, a presença do nome cultuado²¹⁴. (*grifos do autor*)

Ao cruzarmos as datas da placa em azulejo português com a data da crônica nós percebemos que a construção desses dois mundos dentro da casa de Câmara Cascudo se iniciou desde o primeiro momento em que Câmara Cascudo atravessou a porta de entrada dessa casa não mais como genro do dono da casa, mas como o seu proprietário. A escolha dos espaços dentro da casa para abrigar o seu laboratório de pesquisa, revelam não só a permanência da centralidade de *Cascudinho* na família, mas a preocupação em transformá-la em museu destinada *a manter no espírito popular, na alma das crianças, a presença do nome cultuado* percebida através da escolha dos espaços na casa para abrigar o seu laboratório de pesquisa; a prática autorizada pelo dono da casa de assinar a grafite as paredes da sua biblioteca transformando-a em *álbum raro*; a preocupação em expor aos seus visitantes os seus livros e objetos *sagrados*; além da criação do que nomeamos de *ritual de visitação* que ao abrir as portas da sua casa para adoração da sua imagem, entre os anos de 1970 e 1980, transformou o seu lar no principal espaço público da cidade de Natal.

No dia 30 de junho de 1985, um jornal local promoveu uma pesquisa para sondar a popularidade de Luís da Câmara Cascudo em Natal. A pergunta era: *Quem é Câmara Cascudo?* Foram entrevistados um sorveteiro, um vendedor de picolé, uma vendedora ambulante, um desempregado, quatro secundaristas, um rodoviário e uma dona de casa. Destes apenas a dona de casa e o rodoviário sabiam que Câmara Cascudo é um historiador, os demais não tinham nenhuma ideia de quem se tratava. Ao ser

²¹⁴ CASCUDO, Luis da Câmara . Triste fim das casas ilustres. Jornal *Diário de Natal*. Natal, 24 de julho de 1947.

questionado pelo jornal sobre os resultados da pesquisa, Câmara Cascudo pediu apenas para que o deixassem em paz. Transformada em museu pelo *Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo a família Cascudo mantém o ritual de visitação ao mito, hoje, definitivamente incorporado as paredes da sua casa.

O ano de 1968   o marco temporal estratégico para leitura do processo de invenção do santo de casa que *faz* milagre, pois os festejos dos seus setenta anos de vida e dos seus cinquenta anos de atividade literária foi tomado em nossa leitura como um momento de ruptura de Câmara Cascudo com o mundo fora da casa, a publicação dos seus diários de memórias antes, durante e após os festejos do seu duplo aniversário é um indício que reforça a nossa hipótese de isolamento e de construção de um mundo dentro da casa.

O que nos remete a segunda hipótese defendida em nosso trabalho que foi a de centralidade da casa em suas memórias, a qual foi lida como uma estratégia discursiva montada por Câmara Cascudo, que visou a construção de uma imagem de si profundamente ligada ao espaço da casa, do lar, do familiar. Câmara Cascudo constrói para si a imagem de um menino que nasceu numa casa e foi criado exclusivamente dentro de casa; o que não significou, entretanto, que Cascudinho tivesse uma infância triste. Proibido de brincar na rua como as outras crianças devido a sua fragilidade física, Cascudinho transformou a sua casa em seu reino encantado, onde o filho único de um dos homens mais ricos e influentes da cidade de Natal podia ser e ter o que sua imaginação sonhasse, pois os seus pais e os amigos de seu pai não mediam esforços para realizar todas as suas vontades. Sem amigo de infância, Cascudinho passava horas sentado num cadeirão de braços com o livro de figuras de Benjamim Rabier, uma de suas paixões da infância.

A centralidade da casa em suas memórias da infância foi lida como um valor partilhado entre os homens nascidos em fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX, para quem a casa é a família, mas uma família centrada na figura do *patriarca* o *dono dominador* de todas as *coisas* domésticas, que do alto do seu cavalo *temido* e *venerado* exercia o seu poder de mando sob a sua imensa legião de agregados composta pelos moradores das casas situadas nas imediações da casa-grande; além dos escravos e de sua família, cuja palavra tinha força de lei. Assim, a imagem de proteção evocada por Câmara Cascudo ao construir a imagem das casas onde viveu a sua infância

está diretamente relacionada à figura forte e viril do coronel Francisco Cascudo, o desencantador de alma do outro mundo; o matador de cangaceiros; o coronel que era chamado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão para resolver todos os conflitos que ocorriam dentro e fora da cidade.

Em seguida problematizamos a imagem da casa para onde Cascudinho se mudou *rapazinho de 15 anos e de lá (saiu) aos 34 bacharel, professor, casado e com um filho*. Com um filho no colo e tendo que pela primeira vez cumprir expediente de professor. Através de um discurso saudoso sobre o período de permanência da sua família nessa casa, Câmara Cascudo com a cola mágica da saudade, recompõe cada canto externo e interno do seu castelo, que se mantém desde então de portas abertas, sendo exaltado pelos seus biógrafos como o espaço onde Câmara Cascudo fez a sua estreia no mundo das letras. Transformando o centro magoado de suas memórias em seu castelo onde Cascudinho escreveu os seus primeiros livros, artigos e crônicas.

No capítulo final nós realizamos uma leitura da imagem construída por Câmara Cascudo da sua casa própria, para onde se mudou, em 1947. Uma casa dividida em dois mundos por Dona Dhália Freire para abrigar o laboratório de pesquisa do marido, que jamais o interrompeu em sua máquina de escrever, que muitas vezes foi até a biblioteca para falar com o marido, mas que ao ver concentrado em seu trabalho recuou sem que o marido percebesse, tudo para não atrapalhá-lo; e que, em 1968, após o anúncio da sua aposentadoria oficial, o seu lar, lugar íntimo, passa por novas adaptações a fim de abrigar a imagem do monumento vivo da cidade de Natal, que mesmo sem nunca ter deixado a cidade onde nasceu foi reverenciado ainda em vida como padroeiro literário da cidade; e, que teve a sua casa transformada em lugar de peregrinação para romeiros de todos os cantos do Brasil e do mundo ir ver o santo padroeiro.

Através da instituição da prática do ritual, Câmara Cascudo ignorou as fronteiras que dividem o espaço público e o privado e fundiu os dois espaços num só, constituindo fronteiras internas dentro da sua casa para abrigar a sua imagem do homem-monumento e a de homem de família, a qual foi transformada conforme os usos que os visitantes faziam de sua casa, entre os anos de 1970 e 1980, em biblioteca pública; arquivo; espaço de reuniões políticas; escola; universidade; academia de letras; instituto histórico; lugar de visitaçãot turística e santuário dedicado ao culto da sua imagem. No dia 30 de julho de 1986, Luís da Câmara Cascudo se encantou definitivamente entre as

suas paredes. Transformada em museu, a imagem do homem-monumento se mantém viva através do discurso museológico do “*Ludovicus* – Instituto Câmara Cascudo”, mas essa como diria Câmara Cascudo é outra história. A casa foi o primeiro e o último mundo de Cascudinho, o mundo de onde ele jamais pretendeu sair, onde ele pretendia ser encontrado, sempre, na vida e depois da morte. Casa sacralizada, tornada santuário de adoração e homenagem, ao único santo que operou milagres em casa.

REFERÊNCIAS

1. IMPRESSOS

1.1 Livros e artigos

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem**. Recife, 1930.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O Pequeno manual do doente aprendiz**: notas e maginações. 2 ed. Natal: Ed. UFRN, 1998.

_____. **Na Ronda do Tempo** (diário de 1969). 3 ed. Natal: Ed. UFRN, 2010.

_____. **O Tempo e Eu**: confidências e proposições. 2 ed. Natal: Ed. UFRN, 2008.

_____. **Civilização e cultura**: pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

_____. **História da cidade do Natal**. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1947.

_____. **Jangada**: uma pesquisa etnográfica. Rio de Janeiro: MEC, 1957.

_____. **Vaqueiros e cantadores**: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

_____. **Casa de Cunhaú**: história e genealogia. Brasília:Ed. Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

COSTA, José Américo. **Viagem ao universo de Câmara Cascudo**: tentativa de ensaio bibliográfico. 2 ed. Natal: Ed. UFRN, 2008.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Câmara Cascudo, um brasileiro feliz**. Natal RN Econômico, 1978.

LYRA, Carlos. (Org.). **Luís da Câmara Cascudo**: depoimentos. Natal: Ed. da UFRN, 1999.

2 REVISTAS

2.1 Rio de Janeiro

Revista Genealógica Brasileira – 1946.

Fon-fon – 1922.

Manchete – 1964.

2.2 Rio Grande do Norte

Província 2 – 1968.

Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras – 1956-2005.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – 1903-1996.

Século – 1996-1998.

3 JORNAIS

3.1 Rio Grande do Norte

A Imprensa – 1917-1927.

A República – 1914-1987.

Diário de Natal – 1970-1987.

Tribuna do Norte – 1970-1987.

4 MANUSCRITAS

4.1 Correspondências

4.1.2 Ativa Cascudiana

Mário de Andrade – 1924 -1944.

4.1.2 Passiva Cascudiana

Mário de Andrade – 1924-1943.

5 AUDIOVISUAIS

5.1 Documentários

CONVERSA com Câmara Cascudo. Produção: Walter Lima Júnior. São Paulo: [s.e.], 1977.

5.2 Entrevistas

BILRO, Newton Navarro. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

CASCUDO, Luís da Câmara. Série: Literatura e Folclore. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda, Fernando Luís da Câmara Cascudo, Joracy Camargo, Mozart Araújo e Renato Almeida. Rio de Janeiro: Museu da Imagem e do Som, 1969. 2 CDs (61m e 54m).

_____. Entrevistadora: Cláudia Leite. Natal: TV Neves, 1984 (10 min e 45 seg). Disponível em: http://youtube.com/watch?v=kD0zcD0_jXI. Acesso em: 04 de julho de 2010.

_____. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

LIMA, Diógenes da Cunha. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MELO, Veríssimo de. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

MELO, Manuel Rodrigues de. Série: Luís da Câmara Cascudo. [sem entrevistador]. Natal: Diário de Natal, 1984.

6 CD

BROUHAHA – Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia. Manaus: SONOPRES, 2005. 1 CD. (62 min).

7. BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

_____. **Nos destinos de fronteiras**: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ARRAIS, Raimundo. **O corpo e alma da cidade**: Natal entre 1900 e 1930 – Raimundo Arrais, Alenuska Andrade, Márcia Marinho. Natal, RN: Ed. UFRN, 2008.

_____. (Org.) **Câmara Cascudo**: a vida dentro da obra. Continente Documento, Recife, a. 4, n. 48, ago. 2006.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a antropologia da supermodernidade. 4 ed. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. **Coronel Cascudo**: o herói oculto. Natal, RN: Ed. UFRN, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. pp. 183-191.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 9 ed. São Paulo: Companhia das letras.

CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou as estações da cidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CARDOSO, Lúcio. **Crônica da casa assassinada**. São Paulo: Círculo do livro, 1959.

CERTEAU, Michel. Práticas de espaço. In: CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1. p. 165-217.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a Rua**: espaço cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELGADO, Andréia Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta mangueira**. 8 ed. São Paulo: Olho d'água, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Oh de casa! Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

_____. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 41 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 14 ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Ordem e Progresso:** processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

_____. **Nordeste:** aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7 ed. Rio de Janeiro: Global, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 13ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Microfísica do poder.** 24ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Outros Espaços. In: **Ditos e Escritos.** Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 411-422.

FURTADO, Cristiane Silva. **A cidade e o letrado, a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal.** Rio de Janeiro, 2004. 56 p. Relatório de Iniciação Científica FAPERJ. Disponível em: <<http://historiaecultura.pro.br/modernosdescobridores/desc/cascudo/icascudoroteiros.htm>>. Acesso em: 04 de julho de 2009.

GAGNEBIN, Jeanne. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEBARA, Ivone. **O que é saudade?** São Paulo: Brasiliense, 2010 (Coleção primeiros passos).

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **A aventura (auto)biográfica:** teoria e empiria. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico de Rousseau à internet;** (Org) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; (trad.) NORONHA, Jovita Maria Gerheim; GUEDES, Maria Inês Coimbra. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.) **Usos e abusos da história oral.** 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.p. 167-182.

LYRA, Carlos. **Uma câmara vê Cascudo.** 2 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MENEZES, Ulpiano T Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e conhecimento histórico.** Anais do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo, v.2, p. 9-42, 1994.

_____. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.11, p. 89-103, 1998.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memórias e história. A problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, n 10, p. 8-28.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2009.

QUEIROZ, Diná Silveira de. **Floradas na serra**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

RICOER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François. 3 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria**. Francisco Sales Neto. – Natal, 2009. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, José Geraldo de. **Subsídios para o estudo da História do Rio Grande do Norte**. 2ed. Natal: Sebo Vermelho, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.